

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
EDISON LUIZ DE JESUS

HISTÓRIA LOCAL: IDEIAS DE SENTIDO HISTÓRICO NAS NARRATIVAS DE
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL
DO MUNICÍPIO DE FERNANDES PINHEIRO, PR

IRATI-PR

2018

EDISON LUIZ DE JESUS

HISTÓRIA LOCAL: IDEIAS DE SENTIDO HISTÓRICO NAS NARRATIVAS DE
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL
DO MUNICÍPIO DE FERNANDES PINHEIRO, PR

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em História,
Programa de Pós-Graduação em História, Área de
Concentração “História e Regiões”, pela
Universidade Estadual do Centro-Oeste –
UNICENTRO/PR.

Orientador: Prof. Dr. Geysy Dongley Germinari

IRATI-PR

2018

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

JESUS, Edison Luiz de.

J57h História local: ideias de sentido histórico nas narrativas de alunos do ensino médio de uma escola da rede pública estadual do município de Fernandes Pinheiro, PR/ Edison Luiz de Jesus – Irati, PR : [s.n], 2018.
112f.

Orientador: Prof. Dr. Geysy Dongley Germinari
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. Área de Concentração: História e Regiões. Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR.

1. Paraná - História. 2. Educação. I. Germinari, Geysy Dongley. II. UNICENTRO. III. Título.

CDD 981.62



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH
Área de Concentração – História e Regiões



TERMO DE APROVAÇÃO

Edison Luiz de Jesus

História Local: ideias de sentido histórico nas narrativas de alunos do ensino médio de uma escola da rede pública estadual do município de Fernandes Pinheiro, PR

Dissertação aprovada em 25/07/2018, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

Rosi Terezinha Ferrarini Gevaerd

Dr^a. Rosi Terezinha Ferrarini Gevaerd
Secretaria Municipal de Educação de Curitiba
Titular

Nadia Maria Guariza

Dr^a. Nadia Maria Guariza
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Titular

Geyso Dongley Germinari

Dr. Geyso Dongley Germinari
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR
2018

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer as pessoas que participaram ao longo da caminhada do mestrado contribuindo com a realização desta pesquisa. Agradeço a minha família pelo apoio nesta caminhada principalmente ao meu irmão Guilherme Boza de Jesus o qual contribuiu na digitação do trabalho. Aos meus pais Sebastião Vasco de Jesus e Elizabet Boza de Jesus pela compreensão. Ao Professor Doutor Geysy Dongley Germinari pela orientação a pesquisa por ter me estimulado a superar os momentos de dificuldade.

A professora Doutora Rosi Terezinha Ferrarini Gevaerd pelas sugestões e contribuições na qualificação e na defesa da dissertação.

A professora Doutora Nadia Maria Guariza pelas Colaborações na elaboração da pesquisa na qualificação e na defesa.

Aos professores do Departamento de História (DEHIS) e do programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Estadual do centro-Oeste, Campus Irati. Bem como da Secretária do (PPGH) Cibele Zwar.

Ao programa de Inclusão e acessibilidade (PIA) da Universidade Estadual do Centro-Oeste campus Irati, PR.

Aos professores de História, alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual do Campo de Biruva das Campinas, Fernandes Pinheiro, PR pela colaboração na pesquisa e pela acolhida. Além da Diretora e Secretária e demais profisses.

RESUMO

Na atualidade a importância da organização das complexidades das experiências temporais humanas gera cada vez mais há necessidade de atribuir sentido histórico as localidades. A ideia de sentido histórico é a capacidade das pessoas orientarem sua ação no tempo. Nesse sentido, esta pesquisa visa investigar de forma qualitativa como os jovens do ensino médio da Escola Estadual do Campo de Bituva das Campinas (Fernandes Pinheiro, PR) atribuem sentido histórico sobre a localidade em suas narrativas históricas. A problemática que visamos analisar é, quais os sentidos históricos que os jovens do ensino médio de uma escola pública da rede estadual do município de Fernandes Pinheiro, PR, constroem nas suas narrativas históricas sobre a localidade? Como referência teórica fundamenta-se nas ideias do filósofo da história alemão Jorn Rüsen o qual, contribui com o conceito de “sentido histórico” a partir da teoria da consciência histórica. Para instrumentalizar a pesquisa elaborei duas questões, 1 (escreva uma história do município de Fernandes Pinheiro dos últimos 50 anos? 2) a história que você escreveu foi baseada em: livros, história contada pela família, aula do professor, internet, história contada no dia a dia? A dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, é realizado um estudo sobre narrativas e historiografia com diferentes olhares. No segundo, é investigada a narrativa histórica e a constituição de sentido na perspectiva de Jorn Rüsen. No terceiro, é feito um levantamento de fontes (livros, TCC, sites) é investigado qual sentido estas fontes constroem da cidade. No quarto, é investigado o campo de pesquisa em seguida foi dividido as narrativas dos jovens em categorias de sentido histórico valendo-se das metodologias aplicadas nas pesquisas do professor Geraldo Becker. Ao final da dissertação apresento alguns resultados da pesquisa bem como, inquietações que permitirão a produção de novas pesquisas nas áreas de narrativas históricas e escola do campo, trabalhos com fontes familiares, estudos dos currículos da escola do campo.

Palavras-chave: História local, narrativa histórica, sentido histórico.

ABSTRACT

At present the importance of organizing the complexities of human temporal experiences generates more and more is necessary to attribute historical sense to localities. The idea of historical sense is the ability of people to guide their action in time. In this sense, this research aims to investigate in a qualitative way how the youngsters of the high school of the Campus State School of Bituva do Campinas (Fernandes Pinheiro, PR) attribute historical sense about the locality in their historical narratives. The problematic that we aim to analyze is, what are the historical meanings that the young people of the high school of a public school publishes of the state network of the municipality of Fernandes Pinheiro, PR, construct in their historical narratives on the locality? As a theoretical reference, it is based on the ideas of the philosopher of German history Jorn Rüsen which contributes to the concept of "historical sense" from the theory of historical consciousness. In order to instrumentalize the research I elaborated two questions, 1 (write a history of the municipality of Fernandes Pinheiro of the last 50 years?) 2 The story you wrote was based on: books, family story, teacher's class, internet, story told in day by day? The dissertation is structured in four chapters. In the first, a study on narratives and historiography with different looks is carried out. In the second, the historical narrative and the constitution of meaning are investigated in the perspective of Jorn Rüsen. The third, a survey of sources (books, TCC, sites) is investigated which sense these sources build the city. In the fourth, the field of research is investigated, and the narratives of the young are divided into categories of historical meaning using the methodologies applied in the researches of Professor Geraldo Becker. At the end of the dissertation I present some research results as well as concerns that will allow the production of new researches in the areas of historical narratives and field school, work with familiar sources, studies of the school curricula of the field.

Keywords: Local history, historical narrative, historical sense.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- NÚMERO DE ALUNOS POR SÉRIE.....	71
QUADRO 2- SUJEITOS DA PESQUISA E IDENTIFICAÇÃO.....	72
QUADRO 3- FONTES HISTÓRICAS UTILIZADAS PARA CONTAR A HISTÓRIA....	77
QUADRO 4- ORIGEM DO NOME FERNANDES PINHEIRO DE ACORDO COM AS RESPOSTAS DOS ALUNOS.....	79
QUADRO 5- A CATEGORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS. ORIGEM DO NOME DA CIDADE.....	80
QUADRO 6- CATEGORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS E A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA FERNANDES PINHEIRO.....	82
QUADRO 7- CATEGORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS DO COTIDIANO.....	84
QUADRO 8- CATEGORIZAÇÃO DO SENTIDO HISTÓRICO DA LOCALIDADE DE BITUVA DAS CAMPINAS.....	87
QUADRO 9- CATEGORIZAÇÃO DE SENTIDO HISTÓRICO MEMÓRIAS DO MUNICÍPIO MÃE (TEIXEIRA SOARES).....	89
QUADRO 10- CATEGORIZAÇÃO DO SENTIDO HISTÓRICO E TEMPORALIDADE.....	91
QUADRO 11- CATEGORIZAÇÃO EM RELAÇÃO PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA HISTÓRIA LOCAL.....	93
QUADRO 12- PRINCIPAIS NOMES DA POLITICA LOCAL LEMBRADOS PELOS JOVENS.....	95

QUADRO 13- CATEGORIZAÇÃO DO SENTIDO HISTÓRICO POLITICA LOCAL.....	96
QUADRO 14- PRINCIPAIS PONTOS TURÍSTICOS LEMBRADOS PELOS JOVENS.....	98
QUADRO 15- CATEGORIZAÇÃO FORMADA PELOS PONTOS TURÍSTICOS.....	99

LISTA DE SIGLAS

DEHIS/I – Departamento de História de Irati da Universidade Estadual do Centro-oeste

EJA – Ensino de jovens e adultos

FP – Fernandes Pinheiro

NRE/I – Núcleo Regional de Educação de Irati

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência

PPGH/I – Programa de Pós – Graduação em História de Irati

PPP – Projeto Político Pedagógico

PR – Paraná

PSS – Processo seletivo simplificado do Estado do Paraná

QFEB – Quadro de funcionários da Educação Básica

SEED – Secretaria de Estado da Educação

TCC – Trabalho de conclusão de curso

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UNB – Universidade de Brasília

UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro – Oeste

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. AS NARRATIVAS HISTORIOGRAFIA: DIFERENTES OLHARES TEÓRICOS	21
1.1 NARRATIVAS HISTORIOGRÁFICAS.....	21
1.2 NARRATIVAS HISTÓRICAS E REGIÃO.....	36
2. NARRATIVA HISTÓRICA E A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO NA PERSPECTIVA DE JÖRN RÜSEN	41
3. IDEIAS DE SENTIDO HISTÓRICO EM NARRATIVAS SOBRE O MUNICÍPIO DE FERNANDES PINHEIRO-PR	52
3.1 SENTIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO EM LIVROS E TCC DA HISTÓRIA DE FERNANDES PINHEIRO, PR.....	52
3.2 SENTIDO HISTÓRICO EM DOCUMENTOS PRODUZIDOS NO ESPAÇO PUBLICO.....	61
4. IDEIAS DE SENTIDO HISTÓRICO NAS NARRATIVAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CAMPO	68
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	68
4.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	71
4.3 METODOLOGIA DA PESQUISA E TRABALHO DE CAMPO.....	73
4.4 CATEGORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS DOS JOVENS ESTUDANTES.....	75
4.4.1 FONTES UTILIZADAS PELOS ESTUDANTES PARA DAR SENTIDO A HISTÓRIA LOCAL.....	77
4.4.2 A ORIGEM DO NOME DO MUNICÍPIO “FERNANDES PINHEIRO” E A FORMAÇÃO DE SENTIDO HISTÓRICO.....	78
4.4.3 A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA FERNANDES PINHEIRO E A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO HISTÓRICO.....	81
4.4.4 SENTIDO HISTÓRICO E NARRATIVAS DO COTIDIANO.....	83

4.4.5 SENTIDO HISTÓRICO FORMADO DA LOCALIDADE DE BITUVA DAS CAMPINAS.....	86
4.4.6 SENTIDO HISTÓRICO E AS MEMÓRIAS DO MUNICÍPIO MÃE TEIXEIRA SOARES.....	88
4.4.7 SENTIDO HISTÓRICO E A QUESTÃO DE TEMPORALIDADE.....	91
4.4.7.1 RELAÇÃO PASSADO, PRESENTE E FUTURO NOS ÚLTIMOS 50 ANOS DA HISTÓRIA LOCAL.....	92
4.4.8 SENTIDO HISTÓRICO E POLÍTICA LOCAL.....	95
4.4.9 SENTIDO HISTÓRICO FORMADO PELOS PONTOS TURÍSTICOS DA CIDADE.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS.....	108

INTRODUÇÃO

O interesse nas pesquisas no campo do ensino da História local tendo como ponto de partida o trabalho investigativo nas escolas, não acontece ao acaso. Minha trajetória como estudante do curso de licenciatura em história da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), *campus* Irati está ligada diretamente com o trabalho investigativo das experiências dos alunos na prática escolar.

No mês de setembro de 2013, ingressei como estudante de licenciatura em História no projeto “Vivenciando a Prática pedagógica: a Escola como Espaço de Formação Profissional e Cidadã” subprojeto: “História/ Irati”, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), *campus* Irati. Este programa está vinculado ao edital Nº 061/2013 – CAPES, a portaria Nº 7.219 de 24 de junho de 2010. Este projeto teve como coordenador institucional na área de história o professor doutor Claércio Ivan Schneider.

O referido programa foi muito importante para meu crescimento, bem como pesquisador na área de educação e história, quanto professor de história. É um projeto governamental que proporciona uma relação direta com o espaço escolar assim vivenciando na prática as experiências na formação docente.

O PIBID fez-me pensar em uma educação capaz de ressignificar as experiências dos jovens estudantes como sujeitos pertencentes a história capazes de atribuírem sentido histórico a suas vidas. O programa, foi uma experiência que trouxe novas possibilidades de pesquisa, inclusive o trabalho com narrativas históricas locais. Como experiências aprendi que a escola é um campo fértil para realização de pesquisas. O interessante foi a construção de uma visão diferente do campo educacional que até então não tinha. O trabalho com alunos da rede básica de ensino, possibilitou um aprofundamento na elaboração de pesquisas no campo de ensino de história. A experiência trouxe para mim um conhecimento formativo, a função de professor/ pesquisador.

O PIBID faz parte da minha formação, portanto é interessante lembrar essa trajetória na qual o gosto pela investigação do pensamento dos jovens estudantes é fruto. A ideia do trabalho direto com os alunos aparece na função principal do PIBID então abre-se possibilidades da problematização das experiências dos alunos, além disso, outra função importante é aliar a teoria à prática docente. Isso significa tudo que se aprende na academia é vivenciado no cotidiano escolar. De certa forma o PIBID foi a mola propulsora para meu

interesse na área de ensino de história e no espaço escolar. A escola torna-se um laboratório para as pesquisas. Também possibilitou a compreensão de que os alunos são parte fundamental no processo de conhecimento histórico. Então me transformou como professor/ pesquisador. No sentido da atribuição de importância das experiências históricas dos alunos. Tornou-me uma pessoa cada vez mais interessada no ensino de História e na educação escolar.

Em minha trajetória acadêmica desenvolvi em 2015, um trabalho de conclusão do curso (TCC) em história, intitulado “Oficina de música no ensino de história na escola integral, Fernandes Pinheiro, 2014 – 2015”. Isto me possibilitou o trabalho com narrativas históricas desenvolvidas pelos professores. Investiguei as aulas de um professor da oficina de música e suas contribuições para o ensino e história. Desenvolvi um questionário aplicado a quatro professores para explorar o pensamento desses professores com relação ao uso da música no ensino, estudei algumas letras de músicas utilizadas pelo professor da oficina de música, observando as possibilidades de trabalho no ensino da história. Este estudo voltou-se para a investigação qualitativa das narrativas tanto das letras das músicas, quanto das narrativas produzidas pelos professores. Isso possibilitou um ganho de experiência com o uso de narrativas históricas.

O PIBID e o TCC desenvolvidos no período de realização do curso de história, entre 2012 e 2016, fazem parte de minha formação e contribuíram para a escolha da temática da dissertação. Este percurso construído até agora abriu novas possibilidades para pensar o campo do conhecimento histórico baseado nas experiências dos alunos.

A presente pesquisa nasceu de diálogos que tive com o professor Geysy Dongley Germinari, orientador do mestrado em História, da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), *campus* Irati. Com sua experiência adquirida nas pesquisas desenvolvidas na Universidade Federal do Paraná, a partir dos estudos das narrativas históricas ele trouxe novas possibilidades para pensar a história (local). Portanto, esta pesquisa inaugura uma nova perspectiva de pensar o local no programa de Pós-Graduação em História da Unicentro. Neste sentido, este trabalho servirá como base para outras pesquisas que vierem a ser produzidas no campo da narrativa histórica no referido programa.

As narrativas históricas são fundamentais na percepção dos processos históricos locais, por meio delas, se estabelece o sentido histórico, fundamento principal da orientação temporal na vida prática dos homens. O sentido histórico se coloca quando ocorre à interpretação das experiências humanas no tempo, assim o presente torna-se

significativo quando o passado é interpretado, em outras palavras, o sentido histórico e a organização dos acontecimentos dos eventos, dos personagens em uma história plausível, mediante a narrativa histórica, a qual materializa as operações da consciência histórica.

É da consciência histórica que emana o sentido histórico que orienta temporalmente o ser humano na vida prática. A relação entre (passado, presente e futuro) é o que torna a história significativa. Para isso, é necessário a interpretação das ações humanas, das mudanças que ocorrem ao longo do processo histórico. A história ganha um sentido histórico quando ela é pensada conscientemente, assim constrói-se um sentido pela interpretação das mudanças temporais.

A ideia de (local) ganha um sentido histórico, por meio das operações da consciência histórica, quando as mudanças e as permanências, (experiência do tempo) são interpretadas pelo exercício da narrativa histórica, que pode atribuir sentido histórico para a localidade.

A partir da análise e interpretação das narrativas históricas que se busca a percepção da ideia de sentido histórico, essa atribuição faz parte da fundamentação de uma história em constante transformação temporal. Um personagem, um evento, um acontecimento só existe historicamente se alguém narrar. Portanto, a narrativa histórica faz com que esses elementos pertencentes ao processo histórico coexistam enquanto são interpretados. É importante entender que o processo histórico leva a relação entre passado, presente e futuro, ou seja, não existe uma temporalidade isolada. Então a ideia de permanência e continuidade é fundamental para pensar o sentido histórico de uma comunidade.

Nessa direção, a presente dissertação voltasse para o estudo do sentido histórico atribuído por jovens estudantes do ensino médio quando narram a história da localidade onde vivem, buscando nas narrativas históricas dos jovens os diversos aspectos que dão sentido ao processo histórico. Essa problemática tem a ver com a necessidade de orientação das experiências humanas no tempo. Esta proposta é compreendida pela interpretação das narrativas históricas e pela análise das atribuições de sentidos do lugar.

A dissertação tem como problema central a seguinte questão: Quais os sentidos históricos que os jovens do ensino médio de uma escola pública da rede Estadual do município de Fernandes Pinheiro, PR, constroem nas suas narrativas históricas sobre a localidade?

O intuito da investigação é analisar as ideias expostas por meio das narrativas históricas. Assim, a partir das experiências temporais dos alunos por meio da ativação da memória e da lembrança podem ser interpretadas. Os objetivos específicos são os seguintes:

- Estudar a narrativa historiográfica e os seus diversos olhares.
- Fazer uma discussão sobre narrativa histórica e a constituição de sentido na perspectiva de Jörn Rüsen.
- Identificar quais ideias de sentido histórico sobre o Município de Fernandes Pinheiro contido em fontes como livros, TCC, Lei Orgânica Municipal, Lei do Plano Diretor de Uso e Ocupação do Solo Municipal, PPP da Escola Estadual do Campo de Bituva das Campinas e site da Câmara Municipal.
- Investigar as narrativas históricas produzidas pelos alunos da escola observando qual o sentido histórico constroem do lugar.

A pesquisa de campo foi desenvolvida no Colégio Estadual do Campo de Bituva das Campinas, o qual está localizado na comunidade Rural de Bituva das Campinas no município de Fernandes Pinheiro, PR. A instituição possui ensino fundamental e médio, e foi inaugurada no início do ano letivo de 1990, obteve autorização pela Resolução 3.268/89, de 21 de dezembro de 1989, e pela Resolução 2.260/94, de 9 de junho de 1994. A escola nasceu com o objetivo de facilitar o acesso à Educação Básica para alunos moradores da localidade e vizinhança. O colégio está localizado a uma distância aproximada de 26 Km da sede do município de Fernandes Pinheiro-PR.

A localidade de Bituva das Campinas, conta com aproximadamente 80 famílias. É uma das 14 localidades do município de Fernandes Pinheiro, PR, localiza-se na zona rural do município e faz divisa com outras quatro localidades. A comunidade possui igreja, posto de saúde, escola, mercearia e campo de futebol. O nome da localidade advém das junções das nomenclaturas (Bituva) nome de um rio que margeia a comunidade e (Campinas) por motivo dos diversos campos que lá existiam.

O município como ente estadual foi criado em 1995 através da lei 11.266 de 21 de dezembro de 1995. O nome Fernandes Pinheiro tem a ver com o nome do engenheiro da estrada de ferro Antônio Augusto Fernandes Pinheiro. Assim a estação Ferroviária recebeu a mesma denominação. Atualmente o município conta com aproximadamente 6.500

habitantes. Faz divisa com os municípios de Irati, Rebouças, São João do Triunfo, Palmeira, Teixeira Soares e Imbituva.

Para contar a história do município foram arregimentadas algumas fontes históricas como, por exemplo: Livros, TCC, Lei Orgânica Municipal, Lei do plano Diretor de Uso e Ocupação do Solo Municipal de Fernandes Pinheiro, site da Prefeitura Municipal, PPP da Escola Estadual do Campo de Bituva das Campinas. Estas fontes foram encontradas na biblioteca da Universidade Estadual do Centro-Oeste, centro de documentação da Unicentro (CEDOC/I), biblioteca Municipal de Fernandes Pinheiro, arquivo da Prefeitura Municipal, e arquivo da escola. As narrativas desses documentos produzem uma história do município elas produzem um sentido histórico do lugar.

A metodologia utilizada para realização da pesquisa foi a problematização das narrativas históricas produzidas pelos alunos em um trabalho de campo. Foram direcionadas perguntas aos alunos sobre história local visando compreender que sentido histórico atribuem a localidade.

A pesquisa é qualitativa, com a intenção de valorizar o pensamento histórico dos alunos: primeiramente constroem narrativas da localidade de acordo com perguntas direcionadas. Em seguida serão interpretadas as respostas. Então foi construído um texto observando o sentido histórico atribuído pelos alunos, o objetivo disso, é ligar as ideias ao lugar, a partir de um trabalho interpretativo da escrita da história. Das narrativas procuramos abstrair aquilo que é mais significativo da localidade. Trata-se de induzir a memória dos alunos pela construção das narrativas históricas. Também a organização temporal das experiências dos alunos. As narrativas históricas são métodos de compreensão das experiências humanas.

Foi realizado um estudo exploratório a partir de questionários dirigidos a 39 alunos da escola estadual de Bituva das Campinas no município de Fernandes Pinheiro, PR. Este estudo tem como objetivo investigar qualitativamente o pensamento histórico dos alunos.

Para SCHMIDT: BARCA e MARTINS (2010, p. 59) a narrativa histórica é

[...] A Forma linguística dentro da qual a consciência histórica realiza sua função de orientação é a da narração. A partir desta visão, as operações pelas quais a mente humana realiza a síntese histórica das dimensões de tempo simultaneamente com as do valor e da experiência se encontram na narração: o relato de uma história.[...]

Do ponto de vista metodológico a narrativa histórica contribui para análise do movimento da consciência histórica dos jovens estudantes. Portanto, o que se pensa é organizar as experiências dos alunos afim de compreender aspectos da história local em suas narrativas, ou seja, que história os alunos constroem sobre a localidade. Portanto a metodologia aplicada a esta pesquisa tem a função de compreender o pensamento histórico dos alunos sobre a comunidade local. Na perspectiva de Josep Fontana (2004, p. 472):

[...] Teoria e método não são os objetivos de nosso ofício, mas tão somente as ferramentas que empregamos com o objetivo de melhor compreender o mundo em que vivemos e de ajudar outros a entendê-lo, a fim de que, com todos, façamos algo para melhorá-lo, o que sempre é possível. [...]

A base teórica desta pesquisa fundamenta-se nas ideias do filósofo da história alemão Jörn Rüsen, o qual contribui com o conceito de “sentido histórico”, a partir da teoria da consciência histórica.

Esse intelectual elaborou uma teoria baseada no estudo do pensamento histórico destes estudos surgiram vários conceitos ou categorias, como por exemplo: narrativa histórica, consciência histórica, sentido histórico, didática da história, aprendizagem histórica.

De acordo com, Jörn Rüsen (2001a, p. 10), “sentido histórico” é uma categoria fundamental do pensamento histórico, assim definida: “Sentido da história significa que o processo histórico – as transformações do mundo humano no passado – tem uma qualidade subjetiva que o leva a participar da orientação da prática atual da vida”.

A ideia de sentido histórico faz parte do controle do tempo, realizado pela mente humana de forma consciente. Desse modo, os acontecimentos ocorridos na comunidade são percebidos, por meio, da construção de um sentido histórico, tornam-se história pela unidade temporal.

Além disso, pensamos nossa pesquisa tentando articulá-la com a área de concentração História e Regiões, do Mestrado em História, da Unicentro, as narrativas históricas contribuem com essa articulação. Desta forma, apresentamos alguns autores que possibilitam pensar a ideia de região, e como essas ideias ajudam a entender o sentido histórico do lugar.

Um dos autores que pensam a historiografia, a partir do conceito de região é Durval Muniz de Albuquerque Junior, segundo este autor, “[...] é comum, no discurso

historiográfico, quando se trata de pensar os espaços, a região aparece como um dado da realidade que não precisa ser em si mesmo pensado ou problematizado, não precisa ser tratado historicamente” [...] (ALBUQUERQUE, JR, 2008, p. 55).

A história de um lugar não é algo dado, ela precisa ser interpretada historicamente, pensar historicamente a região significa estabelecer relações temporais entre passado, presente e futuro.

Assim, a localidade torna-se um discurso produzido, que em muitas vezes é dado como realidade pronta sem ser problematizada, por isso, é importante interrogar sobre os sentidos históricos de indivíduos que vivem em uma determinada região. A consciência histórica pensada por Rüsen (2001) está de acordo com o pensamento de Durval Muniz de Albuquerque Junior (2008), pois, ambos nos indicam que o homem deve orientar-se no tempo. Como afirma Albuquerque Junior (2008), as realidades não são dadas, mas, precisam ser problematizadas historicamente, dito de outra forma, a localidade deve ser desnaturalizada para em seguida ser interpretada.

Essa pesquisa justifica-se pelas implicações que a pesquisa trará para a compreensão do conceito de sentido histórico, além de ampliar o campo de visão sobre o lugar, por meio das narrativas históricas produzidas pelos jovens do ensino médio. Ademais, o estudo é relevante também para o ensino de História, pois pensar sobre o sentido histórico do lugar contribui com o trabalho do professor de história, reorientando sua própria maneira de atuar, a reflexão permite romper a lógica da escola como espaço de reprodução do conhecimento.

No primeiro capítulo discuti as contribuições da narrativa histórica, a partir de autores de diferentes áreas. Os autores que utilizamos foram os seguintes: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (2000) que reflete sobre o papel do historiador como narrador; Eni P. Orlandi (2006) analisa as funções da linguagem e a ideia de registro; Hayden White (1991; 2001; 2008) trata da narrativa como metáfora da literatura; Jose D'Assunção Barros (2004) aborda a construção narrativa historiográfica sobre regiões, o que engloba também a localidade; Michel de Certeau (1994; 2007) traz a ideia de estrutura narrativa e a relação com o lugar; François Laplantine (2007) discorre sobre a percepção de que a história tornou-se uma história antropológica ao pensar o cotidiano das localidades e a história das mentalidades; Jörn Rüsen (1996; 2001; 2007a; 2007b; 2010) compreende a narrativa histórica como a face material da consciência histórica; Maria Auxiliadora dos Santos Schmidt (2010) discute o pensamento de Rüsen e o processo de constituição da

consciência histórica e do processo de temporalidade. Lawrence Stone, (1989) e a reflexão da ideia de contar a história ao longo do tempo por meio de narrativas. Caio Cesar Bochi, (2006-2007) reflete a utilidade da história para conhecimento de si mesmo e de situarmos como seres sociais. Carla Bassanezzi Pinsky (2008) traz a reflexão da importância do estudo de grupos e das sociedades anteriormente ignorados como as comunidades locais. Walter Benjamin (1985) explica a diferença entre a verdadeira narrativa e a informação. Ricoeur (2010) nos mostra que somos testemunhas da morte, da arte de narrar histórias. Peter Gay (1990) reflete sobre a ideia de estilo em que as palavras dão sentido as informações.

No primeiro capítulo foi realizado um estudo das narrativas historiográficas por diferentes olhares o que resulta no estado da arte da pesquisa. Além disso busca-se perceber a ligação entre narrativas e o conceito de região no subtítulo 1.2 o qual faz parte da área de concentração do mestrado “história e regiões”.

No segundo capítulo busquei analisar o pensamento de Jörn Rüsen e suas contribuições para pesquisa em história local. São conceitos discutidos por Rüsen que elaborou um estudo do pensamento histórico. Surgem então a percepção de que a ciência possui uma matriz disciplinar. De todo este pensamento, emanam outros conceitos como o de sentido histórico, consciência histórica, razão histórica, narrativas históricas, continuidade, memória, aprendizagem histórica, competência narrativa e identidade histórica. A intenção é analisar como estes conceitos apresentados por Rüsen podem ser aplicáveis em pesquisas de história local.

No terceiro capítulo visamos compreender o estado da arte das narrativas históricas já produzidas sobre a história de Fernandes Pinheiros, PR. Para isso, levantamos fontes escritas da história do município de Fernandes Pinheiro e de municípios vizinhos exemplo: Irati e Imbituva. Assim foram arrolados livros, TCC e documentos oficiais. Este capítulo teve o objetivo de investigar, quais sentidos da localidade estas fontes constroem da localidade.

No quarto capítulo procuramos investigar as narrativas históricas produzidas por jovens de uma escola da rede Pública Estadual no município de Fernandes Pinheiro PR, observando qual o sentido histórico eles constroem do lugar. Neste capítulo, é colocado a metodologia da dissertação, bem como a instrumentalização da pesquisa. Em seguida e dividido as respostas em categorias de sentido históricas. Por fim são apontadas propostas e possibilidades para novas pesquisas.

1. AS NARRATIVAS HISTORIOGRÁFICAS: DIFERENTES OLHARES TEÓRICOS

1.1 NARRATIVAS HISTORIOGRÁFICAS

Este capítulo analisa a narrativa historiográfica de diferentes enfoques teóricos. Estabelecendo reflexões e apontamentos do pensamento de historiadores e de autores de outros campos do conhecimento. Observa-se que muitos autores utilizados nesta pesquisa não são propriamente estudiosos da narrativa histórica, porém, suas pesquisas ajudam a pensar a narrativa histórica. Isso contribuirá com o enriquecimento teórico da pesquisa, além disso, pode ser estudado, por outras perspectivas que não estão no quadro da historiografia. Eles nos ajudam a compreender a narrativa histórica e sua contribuição no desenvolvimento da consciência histórica. Assim perceber, que as lembranças do passado, juntamente com as experiências do presente, dão sentido à vida humana.

Reflexões apontam um crescimento nas pesquisas no campo da narrativa histórica, bem como da consciência histórica, tanto no campo da História como do seu ensino, principalmente escolar. No Brasil isso é fruto do trabalho de aprofundamento teórico desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e da Universidade de Brasília (UNB), e outras instituições. No Brasil estas pesquisas têm como base para seus estudos da tradição alemã, centrados no filósofo da história Jörn Rüsen. O desafio que se apresenta é como empreender sentido a experiência humana, sendo a narrativa histórica o ponto de partida na análise da memória do passado e na construção da identidade do narrador.

A narrativa histórica contribui com a análise da ligação entre as temporalidades (passado, presente e futuro). Sem esta ligação a história torna-se mera disciplina de estudos, de eventos ou fatos momentâneos, esporádicos, que acabam em si mesmos. Nesse entendimento não se pode estudar a história isolando da temporalidade, assim não há sentido da experiência temporal.

Pensar a narrativa como parte integrante da elaboração da consciência histórica é importante, no sentido de desmistificar, que a história só faria parte daquilo que já passou e que nada teria a ver com o presente, e muito menos com o futuro. A narrativa histórica, adquire grande relevância quando a consciência histórica é formada por aquele que a escreve.

Pensando na profissão de historiador, Ângela Maria de Castro Gomes (2000, p. 21) diz que

[...] O trabalho por excelência do historiador é o do “narrador”. E é um trabalho extremamente consciente do poder da narrativa como estratégia de integração entre teoria e empiria. Eu realmente penso que o trabalho do bom historiador caminha por aí. Costumo gostar dos trabalhos – não importa se dissertações, monografias, teses, livros ou artigos – quando se consegue perceber neles a qualidade interpretativa de quem escreve. Ou seja, quando se consegue verificar que teoria e empiria estão conectadas constituindo um todo que faz sentido [...]

Gomes (2000) ajuda a pensar a questão da narrativa que está presente na vida profissional do historiador, que deve dar sentido a uma história contada, usando a temporalidade desta como baliza. Nesse sentido, a teoria desvela aquilo que já foi estudado sobre um determinado período histórico. Portanto, interpretar a história narrada pelos alunos é fundamental na constituição de um sentido histórico para suas ideias. Nestas palavras a principal função do historiador seria a de dar sentido a um emaranhado de ideias e dados empíricos. Nessa perspectiva, o historiador ou professor de história utiliza conscientemente a narrativa histórica em seu trabalho com os alunos, atribuindo sentido histórico a suas vidas.

Na problematização da contribuição da narrativa para o conhecimento histórico, trago para o debate um outro conceito o de “registro”. Com este conceito, pensar que por meio de uma narrativa histórica surgem outros conceitos que nem sempre são específicos do campo da história. Neste aspecto o historiador tem de entender os sentidos de alguns conceitos e aplicá-los da melhor forma para que o texto fique claro.

Busquei em um texto produzido por Eni P. Orlandi (2006), que descreveu a linguagem e seu funcionamento para compreender melhor o conceito de “Registro”, de que forma esta discussão pode nos ajudar a problematizar a narrativa histórica. Orlandi (2006, p. 226) faz uma citação a Halliday (1976), Observe a citação a seguir:

[...] Gostaria de citar, inicialmente, Halliday (1976), cuja definição de registro permite uma distinção tipológica. Para ele, o registro é definido por “traços linguísticos tipicamente associados com uma configuração de traços situacionais. Quanto mais especificamente se pode caracterizar o contexto de situação, mais especificamente se podem prever as propriedades do texto nessa situação”. [...] o registro é “um contexto de significados, configuração de modelos semânticos [...] junto a palavras e estruturas que são usadas na realização desses significados” [...]

Estas considerações são importantes porque a narrativa histórica não é somente uma forma de registro de uma situação qualquer, pelo contrário é uma forma de situar-se no tempo. Porém, o conceito de registro está ligado ao de narrativa histórica, pois os dois definem uma situação por meio da linguagem, das palavras, estruturas e significados, o que diferencia a narrativa histórica de outras narrativas é a variável tempo. Conforme todos estes apontamentos devemos entender que não basta registrar a história tem de conscientizar-se de que ela faz parte da nossa vida. Obter o conhecimento dos fatos do passado, dos seus registros é importante, porém, mais importante ainda é compreender as experiências do passado por meio das narrativas históricas, nesse caso produzidas pelos alunos.

Vejamos agora como Hayden White (2001, p. 105) define narrativa histórica, para ele

[...] as narrativas históricas são não apenas modelos de acontecimentos e processos passados, mas também afirmações metafóricas que sugerem uma relação de similitude entre esses acontecimentos e processos e os tipos de estória que convencionalmente utilizamos para conferir aos acontecimentos de nossas vidas significados culturalmente sancionados [...]

Hayden White (2001) pensa a narrativa histórica de forma literária, a qual teria formato de uma trama ficcional. White (2001) relaciona a narrativa histórica a uma tradição literária que está envolvida a uma trama de acontecimentos. Ele diz que

[...] Vista de um modo puramente formal, uma narrativa histórica não é só uma reprodução dos acontecimentos nela relatados, mas também um complexo de símbolos que nos fornece direções para encontrar um ícone da estrutura desses acontecimentos em nossa tradição literária [...] (WHITE, 2001, p. 105).

White (2001) contribui para entendermos os símbolos e os ícones que estão presentes em uma narrativa histórica, e sua relação com o presente. Nesse sentido, ela fornece direções a encontrar significados para os acontecimentos do passado. Os signos, símbolos e ícones, são para o autor representações fictícias, ou seja, são produtos da construção dos historiadores para reproduzir os acontecimentos. De certa forma os historiadores se apropriam dos princípios literários na explicação dos acontecimentos.

O historiador usaria a narrativa histórica convencionalmente para dar sentido aos acontecimentos, no entanto, não é possível aos historiadores dotar de sentido os

acontecimentos sem os signos da temporalidade. White (1991; 2001; 2008) preocupou-se em mostrar a narrativa histórica de uma percepção fictícia literária. Pensando assim, os historiadores reproduzem a história de forma ficcional que caracterizam a literatura.

Outra possibilidade para pensar a narrativa histórica é pelo viés da nova história cultural. Segundo Roger Chartier (1990, p. 16) [...] “A história cultural, tal como a entendemos tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída pensada dada a ler” [...].

De acordo com Chartier (1990) é importante para a história identificar as construções sociais em um espaço e tempo. A narrativa pode contradizer a história oficial da localidade, em tese identificar aquilo que o passado esconde. Podemos também observar as narrativas produzidas por alunos e detectar que realidade é construída por eles, assim verificar aquilo que pensam da história da região. Além disso, problematizar questões: 1) Que realidade social a escola está inserida? 2) Que leitura de sociedade os alunos possuem? Contudo, o mais importante é instigar os alunos a pensar a realidade local. Isso faz com que eles sintam-se parte integrante da história.

O estudo da narrativa é importante para todos os campos do conhecimento. Porém, é na história que ela ganha novos significados ao utilizar o tempo para dar sentido à vida. Em um estudo realizado pelo antropólogo François Laplantine (2007), ele mostra as rupturas metodológicas do campo da antropologia e as consequentes mudanças que a História tem sofrido nas últimas décadas. Para o autor a História tornou-se uma “história antropológica”, ou seja, o estudo das narrativas históricas se aproxima da vertente antropológica, pois a experiência do homem ganha espaço no entendimento dos acontecimentos do passado. François Laplantine (2007, p.155), diz que é

[...] sobretudo na história, ao meu ver, que assistimos a um deslocamento radical do campo da curiosidade. Trata-se de ir do público para o privado, do Estado para o parentesco, dos “grandes homens” para os atores anônimos, e dos grandes eventos para a vida cotidiana. Sob a influência da escola dos *Annales*, a história contemporânea, pelo menos na França, tornou-se uma história antropológica, isto é, uma história das mentalidades e sensibilidades, uma história da cotidianidade material. [...]

Estas mudanças apontadas por Laplantine (2007) fazem com que a história desloque seus objetos de estudo, com isso as narrativas históricas ganham nova função, dar visibilidade ao privado, ao parentesco, aos atores anônimos e a vida cotidiana. Uma das consequências é o deslocamento das narrativas globais para as locais.

Parte-se das histórias particulares que contribuem para mudanças nas estruturas. Levando em consideração o pensamento de Laplantine (2007) a narrativa histórica contribui para uma história antropológica, ou seja, uma história da experiência do homem no tempo. Além disso, a abertura de novos campos do conhecimento como as “mentalidades e sensibilidades”. Abre-se espaço as narrativas históricas que partem dos desejos e das subjetividades dos alunos.

Segundo Schmidt, Barca e Garcia (2010, p. 12):

[...] a narrativa é a face material da consciência histórica. Neste contexto, a narrativa é entendida como a forma usual da produção historiográfica, que pode emanar de escolas diversas. Pela análise de uma narrativa histórica ganha-se acesso ao modo como seu autor concebe o passado e utiliza as suas fontes, bem como aos tipos de significância e sentidos de mudança que atribui à história. [...]

A narrativa histórica é a matéria-prima do historiador, a partir de sua escrita o pesquisador pode usá-la para várias finalidades como, por exemplo: analisar a história local, verificar como os alunos percebem o passado da localidade, perceber os sentidos de significados e mudanças que atribuem a localidade, entre outros aspectos.

Jörn Rüsen (2001a, p. 57), assinala que a consciência histórica é “[...] a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente sua vida prática no tempo [...]”.

A interpretação das experiências humanas é formada pelas operações mentais, operações que permitem agir e orientar-se no mundo. Por meio dela, podemos observar os sentidos que os alunos atribuem para o passado, presente e futuro, que são vontades, desejos, subjetividades, usam para orientar sua vida prática no tempo. Todavia, se ele não relacionar as temporalidades do curso de sua vida, ele não estabelece sentidos históricos. Sem a variável “tempo”, perde sua historicidade, Rüsen (2010, p. 95-96), lembra o pensamento de Hayden White “[...] A narrativa é um processo de *poiesis*, de fazer ou produzir uma trama da experiência temporal tecida de acordo com a necessidade da orientação de si no curso do tempo. O produto deste processo narrativo, a trama capaz de tal orientação é, ‘uma história [...]’.

Como vimos anteriormente, a história possui uma gama de acontecimentos que são orientados pelo sentido do tempo. A narrativa produz uma trama com sentido que atribui significados aos acontecimentos.

Nessa direção, Hayden White (1991) chama a atenção para os discursos históricos e os discursos científicos. Ele analisa de que forma as estruturas do passado tornam-se históricas, além disso, observa que esta história contada constitui-se como representação em sua escrita. Vejamos, o que diz White (1991, p. 21) na citação a seguir:

[...] O discurso histórico, diferentemente do discurso científico, não pressupõe que nosso conhecimento da história derive de um método distinto para estudar os tipos de coisas que vêm a ser “passado” e não “presente”. Os eventos, as pessoas, as estruturas e os processos do passado podem ser tomados como objeto de estudo por toda e qualquer disciplina das ciências humanas e sociais e, de fato, até mesmo por muitas das ciências físicas. Na verdade, e apenas na medida em que são passado ou são efetivamente tratadas como tal que essas entidades podem ser estudadas historicamente; mas não é a sua condição de passado que as torna históricas. Elas se tornam históricas apenas na medida em que são representadas como assunto de um tipo de escrita especificamente histórica [...].

O que está em jogo no campo científico é a disputa pelo domínio do estudo do “passado”. É este passado que traz sentido para o presente que a narrativa histórica busca problematizar. Todas as ciências e disciplinas estudam eventos do passado. Porém o que define se é história ou não é sua forma de escrita. Isso, não significa que a história seja somente poesia (trama poética) ou somente histórica. A narrativa destaca uma temática, que representa um assunto escolhido pelo historiador. Uma localidade ou região só torna-se conhecida se alguém escreveu algo sobre ela.

Então a narrativa histórica torna significativa uma história que anteriormente não era, esta narrativa representa aquilo que não existia, mas passa a existir pela produção historiográfica. Nesta perspectiva a função do historiador é contar histórias usando a escrita para relatar os acontecimentos.

Caio Cesar Boschi (2007, p. 12)

[...] a história serve para que o homem conheça a si mesmo – assim como suas afinidades e diferenças em relação a outros. Saber quem somos permite definir para onde vamos. Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? Perguntas como essas são uma constante na história da humanidade. Por mais sem sentido que pareçam, tais indagações traduzem a necessidade que temos de nos explicar, nos situar, nos (re)conhecer como humanos e, em decorrência como seres sociais [...].

Reconhecer-se como sujeitos históricos é fundamental para compreendermos o mundo que nos cerca conhecer nossa localidade, é importante no sentido de problematizar os processos históricos que vieram a formar a região. Situar-se no tempo e no espaço faz com que descubramos nossas próprias identidades. É necessário conhecer a nós mesmos e dar sentido a desordem. Ou seja, a história contribui na organização da sociedade estabelecendo temporalidades aos acontecimentos e as pessoas, uma sociedade que caminha sem rumo, sem destino, sem sentido está fadada, ao fracasso. Levando-se em consideração todas essas palavras, “Nenhuma sociedade sobrevive sem história”.

De acordo com Josep Fontana (2004, p. 478).

[...] Devemos elaborar uma visão da história que nos ajude a entender que cada momento do passado, assim como cada momento do presente não contém apenas a semente de um futuro predetermina e inevitável, mas a de toda uma diversidade de futuros possíveis, um dos quais pode acabar tornando-se dominante, por razões complexas, sem que isto signifique que é o melhor, nem, por outro lado, que os outros estejam totalmente descartados [...].

É, esta nova visão da história que buscamos elaborar das narrativas históricas, tudo isso faz perceber que a história não nos leva para um futuro fatalista como a ‘teleologia da história’ pensa, mas sim, perceber que o futuro é estável justamente porque as temporalidades estão ligadas por meio dos acontecimentos. A perspectiva de mudanças do tempo futuro somente acontecerá se conhecermos o passado e o presente.

A narrativa histórica ajuda o aluno a olhar para a sua realidade local fazendo assim com que também participe da história, ‘Voz ativa da história’. Quando a história não consegue estabelecer perspectivas de futuro ela se torna morta. É como se os alunos estivessem fora da história, e que sua localidade não tivesse importância, e os conhecimentos aplicados tornam-se distantes dos alunos.

Para Caio Cesar Boschi (2006, p. 25), o papel da história é

[...] Dar sentido à vida pela compreensão de uma totalidade da qual fazemos parte; dar sentido social primeiramente à comunidade que nos rodeia, depois à espécie humana como um todo e finalmente, num exercício de imaginação, à coletividade dos seres racionais e livres do universo [...].

A narrativa histórica é fruto da experiência de vida do homem no mundo, entretanto, primeiramente devemos olhar para nossa comunidade. E na localidade a qual,

nos relacionamos que buscamos transformá-la. A história ajuda a problematizar o meio social, assim a uma espécie de deslocamento dos objetos da história que passa por profundas mudanças. Neste sentido o que se observa, é uma verdadeira revolução na história. Tânia Regina de Luca (2008, p.113) lembra que.

[...] O abandono da ortodoxia economicista, o reconhecimento da importância dos elementos culturais, não mais encarados como reflexo de realidades mais profundas, o que era comum em leituras reducionistas, e a verdadeira revolução copernicana efetuada por Thompson ao propor que se adotasse a perspectiva dos vencidos, a história vista de baixo (*history from below*), trouxeram ao centro da cena a experiência de grupos e camadas sociais antes ignorados [...].

Isso tem muita importância para pensarmos como a narrativa histórica torna-se relevante no estudo dos vencidos e das camadas que estão à margem da sociedade, a narrativa histórica ganha espaço em concordância com Thompson ao se propor estudar uma história vista de baixo. A narrativa histórica é parte integrante da memória, que aproxima passado e presente. Portanto de uma história vista de baixo, as narrativas históricas locais são fundamentais já que apresentam novos objetos e novas abordagens para a história. Isso se explica pela proximidade do pesquisador com os objetos de pesquisa. Neste sentido o trabalho com a memória dos jovens estudantes é fundamental pois, é a partir dela que as narrativas históricas são construídas. A memória precede a narrativa e transmite impressões, informações do passado. A discussão sobre memória leva a percepção de que a história deve ter sentido a vida prática. Um dos autores que discutem o conceito de memória, bem como seu estudo ao longo da história é Jacques Le Goff. De acordo com Le Goff (1996, p. 423).

[...] A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações do passado ou que ele representa como passadas. [...]

Segundo Le Goff (1996) a memória é algo que está no psíquico do homem e que tem função fundamental para história pois contribui na construção do passado com os olhos do presente. A atualização da memória é olhar para o passado e dar um sentido a vida prática construindo e reformulando impressões e acontecimentos. Portanto para estudar as condições que se encontram no passado de uma localidade depende da ativação da memória no presente.

Le Goff, (1996, p. 477) diz que.

[...] A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens [...].

Um outro aspecto importante é a distinção entre narrativa histórica e informação, tratando desse assunto Selva Guimarães Fonseca (2012, p. 51), faz referência a Walter Benjamin, ela mostra como ele pensa a questão:

[...] Benjamin nos mostra as diferenças entre a verdadeira narrativa e a informação. Enquanto a informação só tem valor no momento em que surge, é dirigida rapidamente como uma explicação verdadeira, pronta e acabada, a narrativa, ao contrário, é sempre aberta às interpretações, chama a si diferentes leituras e reflexões duradouras. Seu caráter construtivo e aberto conserva seu valor por milhares de anos [...].

As observações feitas por Fonseca (2012) do pensamento benjaminiano, são importantes na perspectiva de observação do valor de uma narrativa no conhecimento do passado. No mundo contemporâneo, faz-se necessário distinguir a narrativa histórica, das informações e explicações. Hoje parece que tudo pode ser explicado ou informado, no entanto o problema é que as vezes tende-se a deixar o passado de lado.

O erro é de que muitas pessoas dizem que o passado não é importante, mas sim o presente. Em outro sentido a história está sendo bombardeada todos os dias pela mídia (TV, rádios, internet, revistas, jornais, etc.), pelos governantes que tratam de esquecer e desvalorizar o passado. Então o que fazem, e informar e explicar sobre um determinado assunto, não tem preocupação em narrar uma história dos acontecimentos, a reflexão sobre passado, presente e futuro não é interessante para quem vive do imediatismo, como por exemplo: a mídia, a política, etc. O que está se ensinando, é uma história superficial, sem sentido momentâneo. O problema quando não interpretamos não lemos, não refletimos, não problematizamos a história, não ligamos aquilo que é o princípio da história “As temporalidades”. As informações e explicações soltas podem se tornar um problema para o ensino de história porque não constroem vínculos duradouros com a reflexão crítica do tempo.

Sobre estas questões, Jörn Rüsen (1996, p.91-92) afirma.

[...] Um fato é uma resposta à questão sobre “quando-onde-o quê-como-por quê?”. Um tal fato não possui sentido, significado ou significância especificamente históricos em si próprio. Ele se reveste desse sentido ‘histórico’ apenas numa determinada relação temporal e semântica para com outros fatos. Essa relação é produzida pela interpretação histórica. De modo a tornar efetiva essa “historização”, a interpretação histórica recorre a princípios de sentido, significado ou significância, cujo estatuto ontológico é diferente do estatuto dos próprios fatos [...].

A preocupação de Rüsen (1996) está em atribuir sentido aos fatos, para isso o uso da dimensão temporal é fundamental. Nesta perspectiva quando, há somente explicação e informação dos fatos e acontecimentos sem se preocupar com a dimensão temporal, não há história. Neste sentido seria um erro afirmar que todos os fatos são históricos. A relação textual com a dimensão temporal, permite a historicização dos fatos. Além disso, permite a interpretação e problematização. O estudo de um fato momentâneo, atual esporádico, não implica que ele seja histórico. Rüsen (1996).

A narrativa histórica, não pode ser pensada para transferir conhecimento do passado sem ser problematizada. Assim a transmissão de conhecimento não é repetir sucessivamente uma série de datas, afim de transferir um conhecimento sem sentido. É o que vimos anteriormente com Rüsen (1996), que os fatos devem estar dispostos em uma relação temporal. Datas esparsas dão um sentido linear e progressivo a história porém o que é fundamental é discutir a relação entre os acontecimentos no tempo. O papel da narrativa histórica e abrir possibilidades para a elaboração do conhecimento da experiência no tempo, também criar, produzir construir condições para a elaboração de sentidos. Ensinar exige que o professor de história critique sua própria maneira de atuação, nesse sentido, a investigação histórica é desenvolvida pela produção e criação do conhecimento e não pela transmissão de conhecimento. A transmissão de conteúdo do passado sem a problematização torna a história uma disciplina sem sentido, e sem significado.

Vimos que, estão implicados em nosso processo de aprendizagem histórica fatos, explicações e transmissão de conteúdo. Todavia, é necessário que o historiador/professor atribua sentido as experiências humanas. Desta forma, o tempo orienta estas categorias.

As críticas são fundamentadas por Hayden White (1991), quando ele pensa o conhecimento histórico como aquele que tenta se afirmar como científico. White (1991, p. 2), diz que:

[...] Percebo que ao caracterizar o discurso histórico como interpretação e a interpretação histórica como narrativização, estou tomando posição

num debate sobre a natureza do conhecimento histórico que contrapõe “narrativa” e “teoria”, à maneira de uma oposição entre um pensamento que permanece em grande parte “literário” e até mesmo “mítico” e um pensamento que é ou aspira a ser científico [...].

White (1991) está dizendo que o discurso histórico se aproxima da narrativa histórica, enquanto o discurso histórico é a interpretação do conhecimento, a narrativa histórica é modo como a história é escrita usando para isso a dimensão temporal. Para ele o mais importante não são os modelos teóricos, mas sim como os discursos são formados, então, fatos, explicações, somente ganham sentido pela escrita da história como reafirma White, (1991, p. 2-3).

[...] Mas é preciso sublinhar que estamos aqui considerando a questão, não dos métodos de pesquisa que deveriam ser usados para investigar o passado, e sim da *escrita* da história, do tipo de discursos realmente produzidos pelos historiadores no curso da longa carreira da história como disciplina. E o fato é que a narrativa sempre foi e continua sendo o modo predominante da escrita da história [...].

As análises feitas por White (1991), nos levam a refletir o campo da escrita da história. Portanto o que o historiador produz é uma narrativa da história, escreve a história baseando-se em acontecimentos, fatos, relatos do passado, usando para isso fontes históricas.

A narrativa é produto do historiador que a constrói, como se fosse uma “Trama literária”. A função da narrativa não é explicar fatos ou acontecimentos, mas abrir caminho para a produção de novos conhecimentos contrapondo a historiografia oficial sobre o objeto em estudo. As interpretações de uma narrativa histórica trazem para a história novos objetos de reflexão. Porém quem deve atribuir sentido as questões observadas em uma narrativa é o historiador. Um dos problemas, que os pesquisadores que utilizam a narrativa histórica em suas pesquisas é uma espécie de “interpretação histórica”, pois quem escolhe aquilo que deve ou não, ser escrito é o historiador. É por isso que há uma convenção histórica científica que produz regras de estudo. É justamente pela interpretação e problematização das narrativas históricas que os historiadores escapam das convenções que o aprisionam. Outra questão relacionada a escrita da história pertencente a esse mesmo processo é a discussão entre o real e o discurso.

Nas palavras de Michel de Certeau (2007, p.11):

[...] A historiografia (quer dizer “história” e “escrita”) traz inscrita no próprio nome o paradoxo – e quase oximoron – do relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso. Ela tem a tarefa de articulá-los e onde este laço não é pensável, fazer *como* se os articulasse [...].

Voltamos com as análises de Certeau (2007) ao problema do uso das narrativas históricas, que está envolvida entre esses dois termos. O discurso é produto de narrativa e deve apresentar proximidade do real. Neste sentido, o real é busca incessante pela veracidade dos fatos que o discurso histórico produz por meio das narrativas históricas. O historiador articula o discurso para aquilo que a pesquisa se propõe. A questão fundamental e que muitos historiadores recebem críticas, é a busca incessante pela veracidade dos fatos por meio das análises dos discursos. Para sair destes questionamentos, o historiador aproxima o discurso do real.

A narrativa histórica contribui para a busca da verdade, que se exprime pela experiência da ação humana no curso do tempo. A verdade está implicada na experiência acumulada pela memória que se expressa na narrativa histórica. Quando o discurso não se aproxima da verdade a ação humana pode ser distorcida isso implica num desvio de finalidade da narrativa histórica. Além disso a busca da verdade pode, engendrar a história de métodos que nem sempre são os adequados para a pesquisa.

Há uma perspectiva defendida por Paul Ricoeur (2010, p. 49), que destaca a crise da narrativa tanto ficcional como histórica. De acordo com o autor a narrativa está morrendo como afirma.

[...] Talvez, efetivamente, sejamos as testemunhas - e os artesões - de certa morte, a morte da arte, de contar, de onde procede a arte de narrar em todas as suas formas talvez o romance também esteja morrendo como narração. Nada efetivamente permite excluir que a experiência cumulativa que, pelo menos no campo cultural do ocidente ofereceu um estilo histórico identificável, esteja hoje ferida de morte [...].

A crise de paradigmas do cientificismo da história leva-nos a pensar na narrativa histórica na superação a morte prematura da história. Somos testemunhas de uma história cada vez mais conteudista, pragmática, tradicional que destrói a arte a criatividade o romance e a literatura. Nesta discussão a história ocidental nos oferece modelos acabados da realidade tradicional. Nos oferecem uma história morta e não uma história viva. Em síntese o que Ricoeur (2010) quer dizer é que a narrativa perdeu espaço pois não pertence a

um estilo histórico identificável. A arte de narrar é deixada de lado, e fica fora do cientificismo da história.

Somos e estamos construindo uma história morta produzimos uma história sem sentido que não produz novos conhecimentos, não estamos preocupados com as memórias do passado. Oferecemos aos alunos uma história estilística centrada na tradição eurocêntrica. As experiências culturais das localidades são renegadas a segundo plano em detrimento de uma história global mais ampla que abarca os modelos pré estabelecidos. Neste sentido os historiadores não precisam narrar histórias, mas sim produzir histórias que encaixem-se em correntes históricas que estão prontas e definidas. São exemplos de modelos a ser seguidos, história positivista, história cultural, marxista, das mentalidades.

De certa forma, o problema que se estabelece de que nem sempre estes modelos podem ser aplicados em pesquisas no Brasil onde a realidade histórica cultural é diferente. Por outro lado, não podemos ver os modelos de história eurocêntricas somente como um problema, todavia devemos usar estes modelos da melhor forma na explicação das experiências locais. Para isso a arte de narrar histórias não pode ser deixada de lado. O historiador organizará os acontecimentos por meio de uma narrativa histórica. Aqui quero ressaltar outro conceito para pensar a narrativa que é o de estilo na história. Neste aspecto utilizamos as análises feita por Peter Gay (1990, p. 25-26) que definiu estilo.

[...] O estilo é um instrumento da razão prática. As palavras, com certeza, fazem muitas coisas: transmitem informações, demonstram afeto expõem advertências: é freqüente serem a transcrição verbal de emoções sem retoques. Mas o estilo é a utilização de meios para um fim, embora como bem sabemos também possua seu lado passional e faça suas revelações involuntárias [...].

Este conceito ajuda-nos a pensar de que forma estamos escrevendo a história. Já que as palavras determinam sentidos e constroem sentidos a uma história.

No entanto, o que é importante analisarmos, é que o estilo pode revelar a experiência humana no tempo, isso ocorre pela importância que as palavras adquirem na razão prática da explicação. De certa forma a organização das palavras em um estilo ajuda por consequência a organizar a experiência temporal.

Neste sentido é o que Hayden White (2008, p. 23), chamou de elaboração de enredo:

[...] Prover o “sentido” de uma estória através da identificação da *modalidade de estória* que foi contada é o que se chama explicação por elaboração de enredo. Se, ao narrar sua estória, o historiador lhe deu a estrutura de enredo de uma tragédia, ele a “explicou” de uma maneira; se a estruturou como uma comédia, ele a explicou de outra maneira. A elaboração de enredo é a via pela qual uma sequência de eventos modelados numa estória gradativamente se revela como sendo uma estória de um tipo determinado [...].

A sequência de eventos em uma unidade temporal e em uma organização de enredo é o que dá sentido à história. O mais importante ao entendimento da narrativa histórica é que a estrutura do enredo tenha um caráter de unidade temporal, pois é o que diferencia a história da literatura. Neste sentido as palavras formam um estilo de história que por sua vez forma e se organiza em um enredo. O que o historiador faz é colocar o enredo sob o signo da temporalidade.

O enredo, como explica, White (2008), é a “forma de contar a história”. Este aspecto é importante para compreender as narrativas históricas. Pois não é somente o conteúdo de uma narrativa que é relevante, porém como este é explicado (contado). O enredo coloca a narrativa em uma estrutura a qual permite contar uma história, além disso, modelar de acordo como o historiador desejar.

Estou discutindo, as formas que se podem apresentar para entender uma narrativa histórica, como estilo e enredo. Estes dois conceitos estão envolvidos no campo da escrita da história falamos da relevância deles para o debate em torno da narrativa histórica, Michel de Certeau (2007), discute a importância da escrita da história em seu livro “A escrita da História”, ele apresenta em geral como a história ocidental tem sido escrita. Vejamos agora o que diz Certeau (2007, p. 17)

[...] Efetivamente, a escrita substitui as representações tradicionais que autorizavam o presente por um trabalho representativo que articula num mesmo espaço a ausência e a produção. Na sua forma mais elementar, escrever é construir uma frase percorrendo um lugar supostamente em branco, a página. Mas a atividade que re-começa a partir de um tempo novo separado dos antigos, e que se encarrega da construção de uma razão neste presente [...], ela simboliza uma sociedade capaz de gerir o espaço que ela, se dá, de substituir a obscuridade do corpo vivido pelo enunciado de um “querer saber” ou de um “querer dominar” o corpo [...].

O que podemos buscar a compreensão em Certeau (2007) é a capacidade representativa da escrita da história de uma dada localidade. A escrita constrói e reconstrói tradições que na antiguidade eram explicadas misticamente. Neste sentido, pode-se

entender aquilo que é escrita de um lugar é a representação o qual faz ser reconhecido, lembrado. O trabalho, do historiador é articular por meio da escrita o presente e o passado, escolhendo aquilo que é representativo para elaborar sua pesquisa, pois se vê impossibilitado de abarcar toda a história de um lugar.

Assim, a escrita de uma narrativa histórica, constrói cenários, pela produção do discurso. Um dos problemas da narrativa histórica é de representarmos o passado, como se ele estivesse ligado intimamente ao presente, tudo que ocorre no presente se justificaria pelo que acontece no presente. Então podemos cair em um anacronismo que implica em distorções da própria relação temporal, Certeau (2007) chama a atenção para a tendência que temos de separar os tempos (tempo novo x tempo antigo), neste caso o passado só se justificaria se tivesse uma razão no presente.

É como se a história tivesse a necessidade de sempre recomeçar novamente, o papel da narrativa histórica é produzir uma razão prática para o estudo da experiência humana, atribuindo-lhe sentido. Neste caso, é um erro olhar as temporalidades separadamente. Então a página em branco que é escrita por uma narrativa histórica, não é o novo, o velho, mas a articulação de ambos que dão um sentido para a vida. Por outro lado, a escrita constrói espaços por meio dos discursos que visam um saber até então obscuro. Além disso, a escrita, pode se tornar aspecto de dominação, isso implica em um problema, porque a narrativa histórica seria usada na dominação do saber. Neste caso, as narrativas históricas contribuíram na dominação de um lugar.

Neste capítulo busquei refletir sobre as contribuições da narrativa histórica para o conhecimento. Assim, problematizamos o pensamento em torno de conceitos que nos ajudaram a compreender o trabalho com a narrativa histórica. Utilizamos vários autores, com amplitude em diversas áreas do saber. Então se constituindo em um trabalho interdisciplinar, o qual permitiu concluir que a narrativa está presente em todas as áreas do conhecimento, no entanto, só se torna histórica quando a experiência humana adquire sentido em uma relação temporal.

Percebemos que alguns conceitos são fundamentais para o campo da narrativa histórica como, por exemplo: tempo, memória, registro, fato, eles possibilitam distinguir se é uma narrativa histórica ou se é uma narrativa ficcional, como afirma Hayden White. Em uma pesquisa que a narrativa histórica é foco principal eles são a base, sem estes conceitos uma narrativa não pode ser considerada narrativa histórica. É preciso lembrar registrar os fatos em uma temporalidade. Dão sentido a experiência humana em uma relação temporal

(passado, presente e futuro). Assim orientam a ação em sociedade em uma experiência temporal. Isso é o que Rüsen chamou de “consciência histórica”.

Vimos também alguns conceitos que estão ligados a função ficcional literária da narrativa como, por exemplo: estilo e enredo, etc.

Observou-se que a análise do campo da escrita da história tem enfrentado grandes questionamentos. A narrativa histórica é parte integrante de uma escrita que precisa ser problematizada. E finalmente com todas estas considerações concluímos que o fundamental de uma narrativa histórica, é criar, interpretar, organizar as experiências temporais do homem, isso, ocorrerá pela interpretação, organização e explicação dos acontecimentos.

O mais importante nestas análises é que devemos superar a história morta, não criativa, não significativa. Para isso a narrativa histórica se debruça a oferecer uma história criativa, propositiva e organizada qualitativamente uma história que torna-se prazerosa, aproximando-se da arte e da literatura.

Porém, vale destacar que Rüsen pensa os aspectos científicos da narrativa, diferentemente dos demais autores, que pensam as formas como, por exemplo, literária (Hayden White), linguística (Eni P Orlandi), Escrita e produção do discurso (Michel de Certeau), estilo (Peter Gay).

1.2 NARRATIVAS HISTÓRICAS E REGIÃO

Neste subtítulo discutiremos as narrativas históricas e o conceito de região. Estas reflexões são necessárias, pois é uma das bases do mestrado é pensar a região a partir da área de concentração “história e regiões”. Por isso pensar a região, por consequência, também é produzir sentidos para a localidade. Porém anteriormente, as discussões em torno do conceito de região, faz-se necessário distinguir os dois termos historiográficos “o local e o regional”. Veja a seguinte distinção feita por José D’Assunção Barros (2013, p. 183).

[...] Há também certa tendência, no Brasil, a utilizar a expressão “História Local” para o estudo de localidades menores do que aquelas regiões geográficas ou administrativas mais amplas que podem corresponder a um estado, ou mesmo a uma área consideravelmente grande dentro de um estado. Assim, a “História local”, na historiografia brasileira, costuma se referir a cidades, bairros, vizinhanças, aldeias indígenas, enquanto, a

expressão “História Regional” volta-se mais habitualmente para as regiões mais amplas (o Vale do Paraíba, o sul de Minas, o Estado do Piauí, e assim por diante) [...].

Quando estudamos narrativas históricas de alunos, com relação a história da cidade o que se faz é uma história local. Este local, está inserido dentro da região que é mais ampla. Além disso, as narrativas proporcionam um recorte reduzido, desta região. Desta forma, a localidade ou a região são construídas pelo historiador por meio da problematização das narrativas históricas dos alunos. Então partimos dos estudos das narrativas locais as quais de alguma forma estão inseridas em uma região.

Segundo Durval Muniz de Albuquerque Junior (2008, p. 63):

[...] A região é um objeto em fuga, como diz Manoel de Barros sobre o Pantanal. A região é um espaço onde não se pode passar a régua: é espaço poroso, semovente, em constante formar-se e deformar-se, que pode vir a virar pó, que tem vocação para as traças. A região é um espaço cheio de areia, de formiga e sonho. Espaço sempre em transmutação. A região implica a construção de uma paisagem, que nasce do cruzamento de olhares, de uma rede de olhares, paisagem sempre pronta a desmoronar, a virar ilhas, arquipélagos, lagoas, istmos, lama, escória, escora para vidas em desalinho e em debandada [...].

De acordo com Albuquerque (2008), região é um objeto de estudo do historiador e que foge a ideia deste conceito apresentado por outras disciplinas. Por isso a região não é natural como afirma a física e a geografia, não é fixa, ela é móvel como as narrativas históricas desta região. A região é transformada pelos homens que modificam suas paisagens. O sentido histórico nada mais é do que olhar para trás e observar que o mundo está em constante transformação como o pantanal. É um espaço construído não é dado a priori, neste caso as narrativas históricas produzem diferentes sentidos da região. É como um espaço que se move que não tem fronteiras. A região tem de ser pensada e construída, tratada historicamente com a consciência histórica de que podemos modificá-la, transformá-la. A região não é um lugar de reivindicação política ou do saber histórico, mas da construção histórica. A região é um espaço narrado pelos seus sujeitos históricos de forma positiva ou negativa formando paisagens e destruindo paisagens.

Pierre Bourdieu (1989), faz uma análise crítica do conceito de região. Para ele a região é um espaço que está em jogo pelo seu domínio, muitas ciências tentam dominá-la estabelecendo critérios de visão e divisão. Então Bourdieu (2010, p. 108) define.

[...] A região é o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos é claro, que por terem que ver com o espaço, aspiram ao monopólio da definição legítima, mas também historiadores, etnólogos e sobre tudo desde que existe uma política de “regionalização” e movimentos “regionalistas” economistas e sociólogos [...].

Neste sentido a região é um espaço a ser conquistado por meio de uma disputa das ciências, é um espaço de conflito de poder, de fazer, de construção e de desconstrução. Tudo isso para atender determinados interesses de uma ciência, desta forma cada ciência define critérios para o estudo da região. Todas utilizam narrativas para problematizar seus estudos da região. Todavia, é a história capaz de produzir uma narrativa histórica que, trará significado e sentido histórico para o ser humano. É importante lembrar que a história não tem objetos fixos de estudo como por exemplo: a natureza a economia, ou a política.

Porém a leitura que os alunos fazem do lugar somente terá sentido com a compreensão do espaço que estão inseridos. A narrativa histórica ajuda a ler este espaço (região). Uma das linhas de pesquisa com que a narrativa histórica pode ganhar espaço é a da “história e regiões”. Para compreendermos melhor a noção de espaço referenciamos as ideias produzidas por José D’Assunção Barros (2004, p. 153): “O interesse central do historiador regional é estudar especificamente este espaço ou as relações sociais que se estabelecem dentro deste espaço mesmo que eventualmente pretenda compará-lo com outros espaços similares”.

Na opinião de Barros, (2004) o interesse dos historiadores deve estar voltado para as relações sociais que se desenvolvem nos espaços vividos. No entanto, as relações sociais nos espaços são construídas por meio de narrativas históricas, estas ajudam a organizar os espaços. Michel de Certeau (1994, p. 199-200), afirma que

[...] As estruturas narrativas tem valor de sintaxes espaciais. Com toda uma panóplia de códigos, de comportamentos ordenados e controles, elas regulam as mudanças de espaços (ou circulações) efetuadas pelos relatos sob a forma de lugares postos em séries lineares ou entrelaçadas [...].

Nas análises de Certeau (1994; 2007) as narrativas sintetizam aquilo que ocorre no cotidiano. Portanto cria um sentido para as mudanças, por meio dos relatos. Isso ocorre pela organização linear dos relatos que são entrelaçados dando sentido a história. Nestes aspectos podemos lembrar que a sociedade só é sociedade enquanto existe narrativa sobre ela, “os relatos cotidianos ou literários são nossos transportes coletivos” (CERTEAU, 1994, p. 200). De outra forma as narrativas contribuirão para organizar nossas ideias da

região, que trará sentido aos relatos que por sua vez transportam ideias do local para o regional. As narrativas históricas são móveis, não tem fronteiras ultrapassam os limites físicos territoriais da região, pois estão ligadas ao pensamento subjetivo do homem. O relato, a narrativa, as lembranças e as memórias formam uma região sem fronteiras. Para Pierre Levy (1993, p.143)

[...] Nenhuma fronteira existe a priori. Sem dúvida há no mundo gradientes e descontinuidades, mas o recorte restrito de um conjunto supõe a seleção de um ou mais critérios para separar o interior do exterior. A escolha desses critérios é, necessariamente, convencional, histórico e circunstancial [...].

Portanto as fronteiras são construções que o historiador faz conforme o objeto de pesquisa. O que se pode entender é que as narrativas históricas, não são dadas ao acaso, ou seja, são criadas para modificar, construir ou afirmar fronteiras. A história escolhe critérios que diferenciam as regiões de acordo com as escolhas dos objetos de pesquisa. Estes critérios podem ser as narrativas de alunos que constroem um sentido histórico do lugar.

Por outro lado a região pode ser produto de afirmação das diferenças culturais em relação ao global. Neste caso as narrativas históricas serviriam para afirmar identidades. Segundo Ruben Oliven (1992, p. 43)

[...] A afirmação de identidades regionais no Brasil pode ser encarada como uma reação a uma homogeneização cultural e como uma forma de salientar as diferenças culturais. Esta redescoberta das diferenças e a atualidade da questão da federação numa época em que o país se encontra bastante integrado do ponto de vista político econômico e cultural sugere que no Brasil, o nacional passa primeiro pelo regional [...].

Desta forma construímos regiões, lugares em oposição ao estado e ao Brasil. Assim o que se diz é “Somos” diferentes porque temos formado narrativas que possibilitam nos diferenciarmos. Por outra forma a região não é homogênea. Por isso há uma contestação dentro dos próprios limites da região sobre a formação destas identidades. Quando narramos a história de uma região estamos reagindo a uma carência, portanto construímos um passado, com os olhos do presente, então afirmamos que somos diferentes das demais regiões e do Brasil.

Silva (1990, p. 13) diz que

[...] o estudo regional oferece novas óticas de análise do estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da história,

(como os movimentos sociais, a ação do estado, as atividades econômicas, a identidade cultural, etc). A partir de um ângulo de visão que faz aflorar, o específico, o próprio, o particular [...].

A história da região torna-se importante para a história nacional pois há uma ampliação de horizontes, aumenta-se o campo de visão de aspectos da história nacional até então não percebidos.

Neste subtítulo buscou-se estabelecer o que seria narrativa histórica e região, bem como as diferenças com a história local. Observou-se que região na história não é natural, nem fixa, nem coexiste a priori, mas que é uma construção do historiador de acordo com o objeto da pesquisa. Entendeu-se que na história as fronteiras são móveis e que são determinadas por diversos fatores. A região é fato das diferentes transformações, por isso, é um espaço em constante movimento de começar, e de recomeçar. Entendeu-se que as narrativas históricas podem ser construtoras de regiões móveis na afirmação de identidades. Vimos também que a região está em jogo, por aqueles, que buscam dominá-la cientificamente. E finalmente percebemos que as narrativas históricas, são parte importante na ampliação da visão que segue uma sequência lógica (do lugar para região para o global).

Neste trabalho é importante lembrar que tentamos inserir as ideias do filósofo da história alemão Jörn Rüsen, estabelecendo por meio das narrativas históricas sentido para o estudo da região. A posição que tomamos é investigar a história local, ou seja, a história da cidade e não a da região, delimitando o espaço da escola Estadual do Campo de Bituva das Campinas no município de Fernandes Pinheiro PR.

2. NARRATIVA HISTÓRICA E A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO NA PERSPECTIVA DE JÖRN RÜSEN

Neste capítulo discuto sobre os estudos de Jörn Rüsen e a constituição de sentido histórico, tendo em vista as possibilidades de aplicabilidade das suas pesquisas em estudos de história local. O objetivo deste capítulo é compreender as propostas de Rüsen no estudo da ciência da história. Neste sentido, ele constrói uma teoria da história, baseada num pensamento racional da história. Desta teoria proposta por Rüsen emanam conceitos como: aprendizagem histórica, consciência histórica, sentido histórico, narrativa histórica.

As preocupações do autor estão em demonstrar os principais fundamentos da ciência histórica. Desta forma a ciência se desenvolve a partir de princípios, que relacionam os fundamentos com a vida das pessoas. Assim o pensamento histórico, não está deslocado da vida comum. Então parte das experiências da vida prática, e é dela que Rüsen tira os princípios da ciência histórica.

Ele faz uma auto-reflexão do pensamento histórico, este olhar reflexivo permitiu entender que a ciência possui em seus estudos teóricos pontos em comum. Aprofundou as análises sobre a prática dos historiadores, bem como a relação desta teoria com a vida prática. Percebeu, que a história parte de questões relacionadas as carências de orientação temporal da vida prática, para suprir as carências do presente você recorre ao passado estabelecendo uma rota que liga (passado, presente e futuro). Esta rota traçada pelo historiador é o que se pode chamar de sentido histórico. As reflexões do pensamento histórico apontaram para um ponto em comum desenvolvido em todas as pesquisas históricas, o qual denominou de “matriz disciplinar” (RÜSEN, 2010, p.29). Matriz é a decantação dos elementos comuns pertencente a todo o pensamento histórico os elementos da matriz disciplinar definidos por Rüsen (2010a, p. 35) são

[...] Interesses (carências de orientação no tempo interpretadas). Idéias (perspectivas orientadoras da experiência do passado). Métodos (regras da pesquisa empírica). Formas (de apresentação). Funções (de orientação existencial) [...].

Estes cinco fatores dão sustentação a ciência histórica, eles possuem uma interdependência entre si, e é isto que torna a ciência racional. A matriz é ponto em comum do trabalho de todos os historiadores esteja ele envolvido em pesquisas locais, regionais ou

nacionais, todos partem de um problema este é, colocado a partir de uma matriz disciplinar comum que torna do ponto de vista científico.

Ao definir pontos em comum em todo pensamento histórico, Rüsen (2001, 2010) traz a possibilidade de aplicabilidade da ciência em pesquisas locais. Neste sentido, as pesquisas de cunho local também estão integradas em um processo histórico em que a matriz disciplinar faz parte. Rüsen se dedicou nos últimos anos a refletir o papel da ciência histórica na construção da consciência histórica.

Também aprofundou as discussões sobre teoria da história, refletindo as perspectivas narrativas da história. Trouxe a partir do seu pensamento, novas perspectivas de trabalho, e na elaboração de ensaios que nos levam a responder empiricamente as questões relacionadas ao campo da história.

Desta forma, o que é mais importante nas pesquisas históricas para Rüsen, é empreender a problemática da experiência humana no tempo. Isso implica na relação das memórias e dos testemunhos do passado que são organizadas em narrativas. As narrativas visariam organizar as experiências atribuindo-lhes sentido e significados para a experiência humana.

No centro das análises de Rüsen, está a compreensão da vida prática cotidiana que será ensejada pela abstração de dados e informações contidas nas narrativas históricas a atenção se volta para os relatos e testemunhos da experiência vivida. Então, a história como ciência humanística, deve orientar os homens a agir em sociedade. Assim, aproxima-se do que está mais perto de si estabelecendo relação temporal com o local. O pensamento histórico somente seria válido quando atingisse a vida prática. Para tanto, precisa estabelecer uma relação temporal, (passado, presente e futuro). Para Rüsen (2001) o fundamento principal da ciência histórica é a consciência histórica, que orienta o ser humano a agir de uma forma ou de outra, na comunidade e até mesmo solucionar problemas da localidade conhecer e pensar historicamente, interpretar o mundo a sua volta. Nós estudamos a história, mas também nós mesmos.

Conforme, Jörn Rüsen (2010a, p. 59).

[...] Pode-se descrever a operação mental com que a consciência histórica se constitui também como constituição do sentido da experiência do tempo. Trata-se de um processo da consciência em que as experiências do tempo são interpretadas com as intenções do agir e, enquanto interpretadas, inserem-se na determinação do sentido do mundo e na auto-interpretação do homem, parâmetros de sua orientação no agir e no

sofrer. O termo “sentido” explicita que a dimensão da orientação do agir está presente na consciência histórica, pois “sentido” é a soma dos pontos de vista que estão na base da decisão sobre objetivos [...].

Como observamos, nas palavras de Rüsen, (2010) o que diferencia o pensamento histórico é a constituição da operação mental que orienta-o a agir em sociedade. Porém como todas estas análises podem contribuir para as pesquisas em história local? Quero, estabelecer a seguinte reflexão: Se queremos transformar o mundo primeiramente temos que começar pela comunidade isso só é possível se pensarmos conscientemente interpretando o mundo que nos cerca. As organizações das experiências temporais permitem refletir sobre o passado da comunidade.

É preciso interpretar os testemunhos para depois agir e atingir objetivos temos de guiar nossas ações no tempo. Pensar conscientemente, e refletir sobre os diversos pontos de vista e depois tomar decisões afim de, estabelecer sentido na vida prática, ou seja, não basta aprendermos uma história sem sentido, porque não teria significado para a vida. O pensamento ruseiano vem de encontro aos problemas atuais da sociedade na qual parece que as pessoas estão desorientadas em suas experiências temporais em que a vida já não tem significado. O passado já morreu, o presente é incerto, e as perspectivas de futuro já não existem. Há uma percepção de que a história está distante e que não cabe a nós decidirmos pelos acontecimentos, pois eles estão postos. No entanto, a história é campo de construção do conhecimento. Assim os acontecimentos não existem ao acaso. Portanto, devemos interpretá-los para dar sentido à vida. Interpretar aquilo que está a nossa volta, faz parte da descoberta da própria autointerpretação.

A história é fundamental, no aspecto em que ajuda a pensar conscientemente as ações ajuda-nos a orientarmos em relação ao ambiente em que vivemos, o qual as mudanças são constantes, e faz parte da vida prática do dia a dia. Neste processo de orientar-se no turbilhão das mudanças em que vivemos, procura lembrar as coisas do passado no sentido de orientar sua vida prática. É como afirma Rüsen (2010a, p. 63).

[...] A lembrança flui natural e permanentemente no quadro de orientação da vida prática atual e preenche-o com interpretações do tempo: ela é um componente essencial da orientação existencial do homem. A consciência histórica, não é idêntica, contudo, à lembrança. Só se pode falar de consciência histórica quando, para interpretar experiências atuais do tempo, é necessário mobilizar a lembrança de determinada maneira: ela é transposta para o processo de tornar presente o passado mediante o movimento da narrativa [...].

Lembrar, do passado é parte integrante da narrativa histórica. Rösen (2010), conclui que isso é natural desta forma em algum momento de nossa vida recordamos do passado. Lembrarmos, de momentos alegres, tristes, convivência na comunidade. Isso ocorre, porque a história possibilita uma comparação entre passado e presente. Assim lembrar é um processo permanente de rememoração. Por tudo isso, é necessário que as lembranças a partir das memórias do passado sejam transpostas em narrativas históricas escritas, desta forma, elas poderão ser interpretadas e problematizadas.

A existência humana está condicionada a uma constante lembrança, caso contrário aconteceria o esquecimento: quero estabelecer a seguinte problemática: na atualidade o homem tem perdido a orientação de lembrar, das coisas pequenas locais, em detrimento disso lembrar, das coisas gerais (globais). Então, as experiências humanas, estão condicionadas ao global, ao geral. Isso explica o porquê dos quadros de orientação da vida prática sejam baseados em lembranças globais e não em histórias locais. Há uma tendência de olharmos para as histórias globais que por muitas vezes não possuem relações com o local onde vivemos, há uma espécie de orientação da vida prática pelas experiências humanas externas a localidade.

Neste sentido, lembrar é um exercício que constitui conscientemente as experiências temporais do passado. Mobilizar as memórias dos alunos sobre a história local faz parte da atribuição de significados a vida prática. A busca de um sentido para a vida faz com que o homem olhe para o que está mais próximo. Desta forma, as narrativas históricas produzidas pelos alunos possibilitam examinar os processos de mudanças temporais. Assim com a análise de narrativas históricas é possível perceber o que existia no passado e já não existe no presente. O que não existe é caracterizado pelo inverso da continuidade, ou seja, a descontinuidade.

A ideia de constituição de sentido para as experiências temporais é um dos pontos fundamentais do pensamento röseniano. Para Rösen (2010a, p. 74)

[...] A questão que se põe, nos processos de constituição de sentido pela consciência histórica, não diz respeito sobretudo ou exclusivamente ao passado, mas à interdependência entre passado, presente e futuro, pois só nessa interdependência os homens conseguem orientar sua vida, seus “feitos”, no tempo. Como representação de um processo de ação que se estende pelo passado, presente e futuro, a própria história faz parte dos “feitos” pois os feitos da vida humana prática pressupõem um mínimo de orientação no tempo [...].

Estas reflexões apontadas por Rüsen (2010) são fundamentais para elaboração das pesquisas em história local. Pensar conscientemente a história local, não é representar, mas estudar o passado do lugar, porém dar sentido às experiências humanas em um processo temporal, relacionando “Passado, presente e futuro”. Essa interdependência mostra que o homem precisa de uma orientação temporal, que justificam suas ações. Para interpretar os feitos, pressupomos que estes feitos fazem parte de um processo histórico da localidade.

A consciência histórica, somente é construída pela interpretação das experiências temporais. Assim, a história da localidade depende da interpretação e das atribuições de sentidos que damos às experiências humanas. Desta forma, o que a historiografia faz ao estudar a história local é dar visibilidade aos sujeitos históricos atribuindo-lhes sentido para suas ações que estavam esquecidas pela história.

Caberia, a história ordenar as ações humanas temporalmente por meio de narrativas históricas. Anteriormente a esta ordenação temporal, o que existiria era uma “pré-história”. Neste sentido, a história estaria presa ao passado, não tendo sentido as experiências humanas. Rüsen traz uma contribuição importante às pesquisas locais, pois é justamente a interpretação, e a reflexão consciente dessa “Pré-história”, que ordenam a vida prática. Neste sentido, o que o autor nos deixa é de que a história não é morta, mas que devemos torná-la significativa. Tudo isso é explicado pela razão da história como afirma Rüsen (2010a, p. 174).

[...] Somente a racionalidade histórica que tematiza a si mesma e se auto – esclarece é racional. Somente nesse auto – esclarecimento os critérios de sentido constitutivos da narrativa histórica tornam-se visíveis e, destarte, argumentativamente exprimíveis, perceptíveis, a racionalidade faz-se “constituidora de sentido” e, assim, racional. Enunciam-se e levam-se claramente em conta, enfim, as diferenças e a diversidade de fatores e modos do acesso à experiência do passado, à apreensão da experiência, a sua interpretação e à aplicação dos constructos históricos de sentido produzidos pela interpretação das carências de orientação da vida prática [...].

Neste caso, devemos pensar a história local racionalmente isso quer dizer que temos de problematizar as temáticas locais, interpretar o passado atribuindo-lhe sentido para o presente esclarecer aquilo que por muito tempo ficou esquecido. Por outro lado, quando o autor se refere a “tematizar”, é no sentido da capacidade organizadora da historiografia. Cabe a história organizar tematicamente as experiências humanas temporais, e empreender sentido para elas. Portanto, pensar a história local por meio de narrativas

históricas traz a possibilidade de dar visibilidade aos sujeitos da história. Desta forma, problematizando aquilo que era imperceptível. A história tem uma razão de existência que é a de tornar clara a diversidade de temáticas e deve ser promotora da atribuição de sentido a vida prática. A razão na história é o que indica a possibilidade de interpretá-la desconstruindo tradições e criando novas interpretações são criados novos sentidos, novos significados às histórias locais. O sentido histórico que damos as experiências humanas, é fundamental para as pesquisas locais. Rüsen (2010b, p. 75), traz uma ideia de trabalho com metodologia e do sentido histórico:

[...] A regulação metódica da garantia de validade, sozinha, não basta pois possui caráter apenas formal, enquanto o sentido histórico tem de estar sempre ancorado em conteúdos, acontecimentos, dados, processos, evoluções, ocorrências, estruturas. [...] É fácil logo conceber a historiografia como um ato de criação de sentido, no qual o pensamento histórico supera a formalidade de sua regulação metódica e passa a materialidade de uma forma significativa do saber histórico [...].

Rüsen (2007) estabeleceu um novo olhar para as metodologias do conhecimento histórico nas quais as regulações dos métodos da pesquisa são importantes, no entanto para o autor a ideia de sentido histórico é o que fundamenta as pesquisas.

A pesquisa tem de ter um sentido que produz significado, ou seja, produz uma história. Neste sentido, a ciência histórica está efetuada em um processo de constituição de sentido histórico das experiências humanas. As metodologias, são apenas formalidades que devem ser seguidas para uma melhor apreensão das experiências humanas.

O sentido é o significado interpretativo que damos às experiências humanas, é o que torna a história viva. O sentido histórico está ancorado em conteúdo, acontecimentos, dados, processos, evoluções, ocorrências e estruturas. Toda essa gama de informações se obtém por meio de narrativas históricas sem estes objetos do estudo do conhecimento histórico não seria possível estabelecer sentido às experiências humanas. Cabe a história organizar esse complexo de informações em narrativas históricas, atribuindo sentido e significados a fim de viabilizar a pesquisa histórica. Para isso é necessário interpretar e pensar historicamente conscientemente as experiências humanas no tempo.

O que faz o pensamento ruseniano, muito importante as pesquisas locais, é que a consciência histórica torna o saber histórico significativo. Neste sentido é necessário superar as regras da ciência histórica para estabelecer um novo processo no pensamento histórico que se aproxima da experiência da vida prática. Logo a história tem o dever de

aproximar o aluno do conhecimento histórico. Como isto é feito? Tornando-o consciente de si mesmo e do mundo que o cerca, criando um sentido temporal para suas ações correlacionadas (passado, presente e futuro).

Um dos conceitos que Rüsen, traz para o discurso em torno do conhecimento histórico é o de memória, vejamos o que diz Rüsen (2010b, p. 78)

[...] Quando os potenciais de sentido da formatação historiográfica são ativados por meio da memória histórica, ou seja, quando a consciência histórica e suas operações de constituição de sentido encontram sua posição cultural específica. Aqui não se trata, originalmente, de criar sentido, mas de rememorar sentido [...].

A ideia de trabalho com as memórias individual é o que fornece sentido para a formação de uma boa história local. Neste caso, a memória é ativada para em seguida ser transcrita em uma narrativa histórica, o ato de rememorar o passado faz parte da própria consciência histórica que permite orientar-se no tempo.

A narrativa histórica ativa a memória e leva a autorreflexão, permitindo novas interpretações do passado das comunidades locais. A memória é ponto de partida na atribuição de sentido das experiências humanas no tempo sem ela não seria possível estabelecer as conexões entre passado e presente, até mesmo as narrativas não teriam sentido histórico. Cabe refletirmos do dever de rememorarmos sobre a comunidade onde vivemos a partir disso construir significado.

Pensar a comunidade onde vivemos é um ato da consciência histórica ativada pela memória. A importância de rememorar conscientemente o passado do local contribui no reconhecimento daquilo que foi significativo à comunidade levando a atribuição de um novo sentido histórico. A memória ativada permite a construção de narrativas históricas que significarão percepções de um passado rememorado.

O que a história deve propor, a respeito das histórias locais, é interpretar os diversos sentidos que a história rememorada adquiriu ao longo do tempo construindo pontes entre passado, presente e futuro. O pensamento histórico, é o processo que se constitui em uma forma de construção da história pela memória que é transposta para as narrativas históricas.

Portanto, o historiador não cria história sem sentido, mas interpreta estabelecendo sentido a memória. Neste sentido, o responsável por criar histórias locais ou regionais com

o intuito de manter a tradição é o memorialista. O trabalho do historiador é o inverso do memorialista, ou seja, problematizar as memórias locais.

Rüsen (2010b, p. 43), entende a historiografia como constituinte de narrativas histórica, vejamos como ele caracteriza a historiografia. Segundo ele

[...] A historiografia pode ser caracterizada como o processo da constituição narrativa de sentido, na qual o saber histórico é inserido (mediante narrativa) nos processos comunicativos da vida humana prática. É nesses processos que o agir humano e a auto-compreensão dos sujeitos se orientam pelas representações das mudanças temporais significativas.

Nas palavras de Rüsen (2007) podemos perceber que um dos fundamentos da historiografia é a constituição de sentido histórico mediante a formação de narrativas históricas. Isso implica a percepção por parte do historiador de que os processos históricos não são isolados. Os acontecimentos fazem parte de um processo histórico, ou seja, as narrativas históricas também fazem parte dos processos históricos nelas estão inseridos os acontecimentos de um processo mais amplo.

As narrativas organizam os acontecimentos em processos compreensíveis da vida humana. É no momento de interpretação das narrativas históricas que as mudanças temporais são percebidas. Neste caso as narrativas históricas ajudam a perceber processos históricos locais que não haviam sido estudados. Nesses processos o sujeito passa a ser o centro das pesquisas suas ações determinam os aspectos da vida prática e isso que a história busca atribuir sentido. A história mantém viva as lembranças da vida prática por meio das representações significativas. Porém tornar a história significativa depende de como a ação humana é problematizada, desta forma a localidade deve ser pensada pelo viés da consciência histórica. Este conceito é o que fundamenta o conhecimento histórico. Inclusive na dimensão formativa e do aprendizado do saber histórico. De acordo com Rüsen (2010b, p. 103-104).

[...] Com suas pretensões de racionalidade, a ciência da história é eficaz na prática como formação histórica. Sua eficácia diz respeito a um conjunto de competências para orientar historicamente a vida prática, que pode ser descrito como a “competência narrativa” da consciência histórica. Ela é a capacidade das pessoas de constituir sentido histórico, com a qual, organizam temporalmente o âmbito cultural da orientação de sua vida prática e da interpretação de seu mundo e de si mesmas. Essa

competência de orientação temporal no presente, mediante a memória consciente, e o resultado de um processo de aprendizado [...].

Esta perspectiva, a história tem uma razão que a torna científica. Porém o que a torna usual na vida prática é o aspecto formativo dos cidadãos. Portanto, diferencia-se de outras disciplinas pela capacidade de pensar conscientemente a vida humana. Por isso, ela desenvolve um conjunto de competências, que possibilitam seu estudo.

A história tem uma complexidade de temáticas com diversas variáveis temporais. As competências são os mecanismos que a história usa no estudo destas complexidades a narrativa histórica ativa conscientemente todas as experiências da vida humana. Portanto pensar conscientemente a história local é torná-la eficaz do ponto de vista de sua utilização. A consciência histórica orienta o homem em suas ações. Portanto, ele constrói sentido para sua própria vida. Cabe aqui o princípio de que o ser humano precisa conhecer a si mesmo para em seguida conhecer o mundo que o cerca. A história tem sentido quando temos a capacidade de aprender sobre nossa comunidade. Mobilizamos a memória para reconhecer que a história pertence a nossa vida. Somos conscientes de que o tempo indica um processo histórico. Por isso, orientar-se temporalmente faz parte da ligação entre o sujeito e a história. Por outro lado, a história ajuda-nos a refletir sobre o mundo fazendo superar as complexidades das desorientações temporais.

Nos processos de compreensão das experiências temporais o historiador desenvolve uma pesquisa histórica controlada com perguntas e respostas, isso, caracteriza um quadro narrativo da história. Nas narrativas históricas aparecem conceitos importantes para os estudos em história local. Como Rüsen (2010c, p. 115) observa a seguir, os exemplos de continuidade e de identidade

[...] Uma tal representação de continuidade só é plausível se pode atuar como formadora de identidade no processo interativo da socialização humana. Como a identidade é um fenômeno da auto-compreensão humana, decorre da função integradora dessa representação de continuidade fundamental para o conhecimento histórico que, “o” método histórico deve corresponder sob o ponto de vista operacional – substantivo aquela constelação de experiências temporais na qual o problema da identidade histórica se põe na vida prática [...].

A ideia de continuidade apresentada por Rüsen (2010) é fundamental no estudo do pensamento histórico, pois constitui a ligação entre as temporalidades, (passado, presente e futuro). Quando interpretamos uma narrativa histórica a continuidade faz parte daquilo que

pertence a identidade do sujeito histórico. Para perceber a ideia de continuidade é importante investigar as narrativas históricas produzidas pelos alunos. Então podemos perceber aquilo que mantém-se como tradicional em uma comunidade.

A continuidade por outro lado indica um processo histórico-cultural de formação de sentido das experiências temporais humanas. Neste sentido, o homem guia-se pela ideia de que as coisas devem continuar em um sentido de progresso temporal, quando acontece o contrário o que há é uma ruptura no processo tradicional tende-se a desorientar-se temporalmente. É nesse momento que a história adquire papel fundamental na formação da consciência histórica a partir da orientação da ação temporal. Definir o que na tradição continua ou não faz parte da formação cultural da identidade histórica, construímos a sociedade em um processo histórico que em determinados momentos mantém a tradição e em outros rompe com ela, neste sentido, a continuidade é o conceito da história que identifica “o manter, ou romper”, com as tradições. No entanto, romper significa um processo de mudança na continuidade muitas vezes de uma situação de opressão para uma de liberdade.

O autoconhecimento humano passa pela ideia de continuidade. O homem é um ser social, pois faz parte de um processo histórico, ao qual está integrado. Por isso, a continuidade leva a integração entre as três temporalidades. Neste caso, o estudante forma sua identidade baseando-se nas permanências, algo que pertence a conscientização da vida prática. A história organiza as diversas experiências temporais proporcionando a abstração “do contínuo que forma a identidade”.

A pesquisa que se propõe estudar o local deve ter como fundamento a operacionalidade do método e tem de ser plausível no sentido da organização das experiências temporais humanas que levam a compreensão da história. Proporcionalmente, a pesquisa deve corresponder às expectativas de interpretação das ações humanas mediante a observação das narrativas históricas. A ciência histórica passa pela compreensão dos processos interativos desenvolvidos pelo pensamento histórico. As percepções encontradas para responder os problemas da ciência partem da ideia de que a história tem um sentido histórico, isso se explica pela continuidade.

Neste sentido partiu-se da ideia de que a história local deve ser interpretada, problematizada, a fim de atribuir-lhes sentido e significado. Para isso é fundamental as reflexões em torno do conceito de consciência histórica, o qual permite o homem atribuir um sentido às suas ações no tempo. Neste caso, a localidade só terá importância se haver

uma relação temporal entre passado, presente e futuro. A consciência histórica está no centro da relação do ser humana com a comunidade. Pois, é ela que orienta temporalmente a vida prática, assim o pensar e o agir em comunidade faz parte de um processo temporal. As experiências humanas da localidade são colocadas em evidências pela problematização de narrativas históricas.

3. IDEIAS DE SENTIDO HISTÓRICO EM NARRATIVAS SOBRE O MUNICÍPIO DE FERNANDES PINHEIRO-PR

Neste capítulo refletiremos sobre o que já foi produzido sobre a história do município de Fernandes Pinheiro PR, que estão contidas em livros, TCC, Site da prefeitura, plano diretor do município, lei orgânica, e outras fontes. As principais questões observadas são: 1) Quais sentidos históricos da localidade estas obras e estes documentos constroem em suas narrativas? 2) Quais experiências são contadas? 3) Quais documentos o autor utilizou para estabelecer as relações entre (passado, presente e futuro)? 4) Quais processos históricos Fernandes Pinheiro está inserido? Em virtude da restrita produção historiográfica que versam sobre o município, foi necessário arrolar livros que contam a história de municípios vizinhos, como Teixeira Soares, Imbituva e Irati. Além disso, a formação de sentido histórico em outras fontes.

3.1 SENTIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO EM LIVROS E TCC DA HISTÓRIA DE FERNANDES PINHEIRO, PR.

No ano de 2003, Cleusi Terezinha Bobato Stadler escreveu um livro intitulado “Imbituva – uma cidade dos campos gerais”. Neste livro, Cleusi Bobato dedica, um capítulo para explicar como ocorreu o povoamento da região onde fica o atual (Município de Fernandes Pinheiro). O livro está à disposição para pesquisas, na biblioteca do campus Irati da Universidade Estadual do Centro – Oeste (UNICENTRO). Lembrando que esta produção que Cleusi Bobato (2003) oferece sobre a história da cidade de Imbituva. Um sentido histórico da cidade que está relacionado a suprir carências de orientação temporal, pois praticamente não havia nada escrito sobre a cidade de Imbituva. Neste sentido a leitura do livro da autora provoca para a construção do conhecimento histórico.

Cleusi Bobato (2003, p. 2) denota uma visão sobre a cidade de Imbituva que está em sua consciência histórica. Assim, ela diz

[...] “Compreender e valorizar a história e cultura de nossa cidade, a tão querida Imbituva, é conhecer a sua gente, o seu povo, suas tradições, seus problemas, seu crescimento. É saber que Imbituva nasceu sob o toque do berrante, ao compasso, das tropeadas, e pela coragem daqueles desbravadores que rasgando os sertões produziam riquezas, progresso e

idades. É entender que o nosso povo, uma mistura de descendência emigrante, é um povo de guerra, que possui na alma e no sangue o amor pela terra, pelo trabalho, pela família. É fazer com que as gerações futuras conheçam reverenciem nosso passado, feito através de luta e coragem lembrando a história com o merecido respeito e a devida justiça” [...].

Então constrói-se, uma história da cidade que visa suprir as carências de produção escrita sobre a cidade. A ideia central da autora é conhecer a partir de fontes as experiências humanas no tempo, que contribuíram na formação da cidade, bem como na formação da região, nota-se que há um sentimento de pertencimento a localidade. É também, a memória histórica por meio de um livro escrito, no qual produzirá para as novas gerações um conhecimento histórico. Estes leitores da obra formarão sentidos históricos da região e da cidade. A autora estabelece uma explicação de que a cidade foi fundada pelo movimento tropeirista. Ou seja, traz a ideia de um sentido de povoamento da cidade, que mais tarde com a formação dos pousos dos tropeiros, abriu possibilidades para formação das cidades. Como a emancipação política do município de Fernandes Pinheiro, ocorreu somente em 1995 as informações da constituição do povoado são fundamentais para entender a história.

A obra proposta por Cleusi Terezinha Bobato Stadler (2003) apresenta uma história em sentido linear, em um processo evolutivo que engloba o período histórico entre 1810 e 1950, da formação dos primeiros povoados da região até o declínio da produção de madeira no estado do Paraná. Estabelece uma rota do povoamento que ocorreu pelo tropeirismo até o declínio da produção madeireira. Para contar essa história da cidade ela utiliza alguns documentos que produzem sentido para sua narrativa histórica.

De acordo com a autora (2003, p. 6)

[...] Foram realizadas coletas de dados na Biblioteca central da UEPG, Biblioteca Pública do Paraná, Biblioteca Municipal, arquivo da prefeitura e secretaria de educação municipal, arquivos de igrejas e escolas locais, bem como acervos particulares de moradores imbituvenses. Nestes locais foram examinadas fontes manuscritas e fontes impressas (jornais, revistas e álbuns), fotografias e depoimento pessoais [...].

Estas fontes contribuem para mostrar as experiências vividas no tempo pelas testemunhas e pelas memórias do passado. Estes documentos fazem perceber as mudanças ocorridas na região de Imbituva, a qual o distrito de Fernandes situava-se os principais

sentidos de mudanças perceptíveis pelo movimento do tropeirismo, de exploração da erva-mate e da madeira e pela imigração.

As narrativas destas fontes apresentam uma cidade de Imbituva em formação juntamente com a região. Também se relaciona com a história do Paraná, principalmente a região dos campos gerais. Alguns acontecimentos são colocados como marcos temporais, produzindo um sentido de continuidade como por exemplo:

- 1809- Expedição comandada por Diogo Pinto de Azevedo Portugal para conquista de Guarapuava.
- 1871- Fundação da cidade de Imbituva.
- 1881- Eleva-se a categoria de município Freguesia de Santo Antônio de Imbituva.
- Século XX- A produção da erva-mate.
- 1920 - Expansão da produção madeireira na região.

Estes marcos temporais, dão um sentido para a história da cidade, do povoamento a produção da madeira. Contudo entre estes, estão expostas as experiências humanas no tempo. Fernandes Pinheiro estava inserido nesse contexto na história regional. São ideias e perspectivas que estão presentes no livro a de “progresso”, “evolução” no tempo e na história. Um ponto positivo é que através da leitura do livro você pode estabelecer relações entre o passado e o presente do município de Fernandes Pinheiro. Seu povoamento anterior ao nome do município e de se tornar um pequeno povoado. Outros aspectos apresentados no livro são as temáticas que balizam um sentido entre 1850 a 1950, entre elas estão imigração, religião, política etc. estas temáticas transportam as experiências do passado para o presente. A reflexão do passado permite perceber o que existia no passado e o que está no presente. Como a religião, a política, as organizações e as estruturas da justiça. A formação de uma consciência histórica de sentido entre passado, presente e futuro.

Outro livro referendado é “Irati 100 Anos”, produzido por ocasião do centenário de Irati em 2008. Está disponível para consultas no campus de Irati da universidade estadual do centro-oeste (UNICENTRO), os autores, Audrey Farah, Chico Guil e Silvio Philippi escrevem uma narrativa da história da cidade de Irati, a qual, Fernandes Pinheiro foi distrito entre os anos de 1907 a 1917. Para estabelecer sentido histórico as experiências humanas contadas no livro, os autores utilizaram como fonte histórica:

De acordo com Audrey Lilian Souza Farah (2008, p. 7):

[...] A documentação encontrada é vasta. Registros de cartórios, publicações em revistas, jornais e livros [...]. Procuramos nos relatos de antigos cronistas mas também nas fotografias nas pinturas e desenhos nos versos dos muitos poetas que contaram Irati [...].

Esta documentação escolhida pelos autores possibilitou os contar várias experiências humanas ao longo de um século da cidade de Irati. Estas fontes mostram um sentido histórico de Irati centrado em uma história política da cidade nas quais questões como “imigração, economia, artes e religião aparecem de forma secundária”.

No livro, os autores tentam abarcar uma história de 100 anos de 1907 até 2007. As narrativas históricas produzem uma série de informações que transmitem um sentido concentrado em datas importantes. Neste sentido, a data de emancipação política de Irati é o ato de fundação da cidade. Como afirmam Audrey Lilian Souza Farah, Chico Guil e Silvio Philippi (2008, p. 16)

[...] Nasceu no dia 2 de abril de 1907 o município de Irati, através da Lei estadual nº 716. A lira municipal Iratiense comemorou em frente a casa de Francisco de Paula Pires, seguindo depois para a residência de Emilio Baptista Gomes, fazendo soar pelo vale os acordes da emancipação [...].

Podemos observar a partir deste trecho, como a data da emancipação produz um sentido histórico cronológico, pautado pelos atos políticos tanto para a cidade de Irati quanto para seus distritos (Imbituvinha, Fernandes Pinheiro). Este sentido político, também é demonstrado pelas lembranças dos personagens que fizeram parte da política local. Eles constroem um sentido histórico da época, marcada pela forte influência da política local nos rumos econômicos, culturais e sociais das cidades, como a rememoração do primeiro prefeito de Irati Emilio Baptista Gomes.

As narrativas históricas apresentadas no livro mostram um sentido de pioneirismo de patronagem, o qual estes personagens da política fazem parte, assim as ocorrências são estruturadas na produção de sentido. A História centra-se no heroísmo dos pioneiros, além disso, no pioneirismo de famílias que ajudaram a formar a cidade: como, “os Gomes, os Pires, os Grácia Araujo, os Zarpellon”.

Veja como os autores produzem o sentido histórico de Fernandes Pinheiro no livro “Irati 100 anos”. (2008, p. 17)

[...] Fernandes Pinheiro o distrito político de Imbituvinha, foi criado em 5 de junho de 1899, pertencendo ao termo de Imbituva. Em 1º de maio de 1900 foi inaugurada no distrito a Estação ferroviária de Fernandes Pinheiro, denominação que homenageia o engenheiro Antonio Augusto Fernandes Pinheiro diretor da companhia estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande. Em 2 de abril de 1907, com a emancipação de Irati, Imbituvinha tornou-se distrito deste município. Em 20 de março de 1917 foi criado o município de Teixeira Soares, que incorporou o distrito de Imbituvinha. Em 21 de Dezembro de 1995, criou-se o município de Fernandes Pinheiro, instalado em 1º de Janeiro de 1997 [...].

Os autores apresentam uma temporalidade que corresponde a formação do distrito policial de Imbituvinha (Fernandes Pinheiro) no ano de 1899 até sua emancipação política em 1995. Construindo um sentido entre passado e presente, baseando-se em uma linha política no tempo. As ideias são organizadas a fim de estabelecer um sentido histórico para evolução temporal da cidade. A ideia é narrar uma história, construída a partir de datas consideradas importantes na história da cidade, estabelecendo através de um entrelaçamento de acontecimentos e datas um sentido histórico da política local. Lembra-se do personagem que deu o nome do município “senhor Antônio Augusto Fernandes Pinheiro”, como se caracteriza a história de sentido político. Desta forma, estruturam esta narrativa histórica em uma sequência de fatos da política da cidade. Mostra três fases de sentido histórico das mudanças políticas do município. Na primeira fase até 1907 quando era distrito e pertencia ao município de Imbituva, na segunda fase quando se tornou distrito de Irati de 1907 a 1917. Na terceira fase, quando se tornou distrito de Teixeira Soares entre 1917 e 1995 estas fases dão sentido a história da cidade. Aparece de forma secundária, que a cidade de Fernandes Pinheiro funda-se ao lado de uma Estação Ferroviária. Mostra-se uma história em sentido contínuo, sem rupturas, com a intenção de mostrar, o período em que Fernandes fez parte do município de Irati. Nessa narrativa podemos perceber que o município fez parte de um processo histórico da evolução política regional, na qual as emancipações políticas são lembradas.

Em 2005, Arnaldo Monteiro Bach escreveu o livro intitulado Carroções - outras histórias, publicado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e que está disponível para consultas na biblioteca da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), campus Irati. “Carroções” é um livro que produz um sentido histórico da cidade de Fernandes Pinheiro por intermédio de testemunhas vivas da história, que rememoram passagens do cotidiano, suas experiências de carroceiros. Mostra também como a região de Fernandes Pinheiro era nos tempos áureos dos carroções. As narrativas

dos descendentes alemães, Italianos, portugueses, russos, poloneses, ucranianos etc, são entrelaçadas e dão sentido para as experiências dos carroceiros. São relatos contados e que retratam o período da história compreendida entre os anos de 1912 a 1940. Para dar sentido histórico às narrativas, o autor utilizou a história oral e que depois as transformou em narrativas escritas. Também utilizou fotografias para ilustrar estas experiências relatadas. Desta forma, ele dá sentido ao passado através de relatos no presente.

O sentido histórico é representado pelas experiências do cotidiano das famílias, onde os carroções eram o principal meio de transporte da economia das cidades. Neste caso a história narrada pelo livro mostra um Paraná, no auge das economias da erva-mate e da madeira. Além disso, as experiências relatadas das aventuras, dificuldades e alegrias. No transporte destes produtos até as estações ferroviárias.

Esta história tem a intenção de valorizar seus protagonistas, suas experiências, que viveram nas cidades dos Campos Gerais. Denota as ações dos carroceiros nas cidades, ao longo do tempo, produzindo um conhecimento histórico das cidades e do Paraná. As cidades dos Campos Gerais, entre elas Fernandes Pinheiro, fazem-se reconhecer, através de seus sujeitos históricos. Assim podemos construir um passado com os olhos do presente, o autor faz um movimento de consciência história, ao interpretar as experiências das ações dos carroceiros dando-lhes sentido histórico atribuindo-lhes significados. A ideia do autor foi construir uma história viva, em que os sujeitos da história dão sentido ao passado.

O livro é narrado de forma a contar os aspectos humanos destes sujeitos. Colocam-se entrelaçados os acontecimentos que sintetizam um sentido histórico destas experiências. São ocorrências vividas no passado que fazem sentido no presente. Entre as ocorrências que dão sentido e significados estão: as circulações por estradas íngremes, transporte de produtos, recordações dos tempos de carroceiros, histórias de vida.

Estas situações são apresentadas para dar sentido ao passado. Arnaldo Monteiro Bach (2005, p. 27), observa que

[...] Na região de Bituva dos Machados às margens do rio Bituvão, a 10 quilômetros de Diamantina, Teixeira Soares, nasceu Julio Kuller, ele conta que muitos carroceiros puxavam madeira para as serrarias de João Malanski, Lino Bettega, Ruy Botte. A madeira era levada até a estação da estrada de Ferro em Fernandes Pinheiro e seguia até Curitiba. No lugar havia seis carroções conduzidos por Pedro Pizzaia, Jorge Calisto, e três filhos da família Pinnan [...].

Nesta citação de Bach (2005) ele apresenta um relato, o de Julio Kuller, o qual apresenta as experiências de carroceiros no transporte de madeira até a estação em Fernandes Pinheiro. Mostra um sentido histórico centrado no cotidiano da experiência prática.

O escritor retrata as memórias em narrativas que expressam mudanças ocorridas, principalmente, a partir da construção da estação Ferroviária, em 1º de Maio de 1900. O livro mostra a ação destes sujeitos da história que fazem sentido no presente. Faz menção a um período em que Fernandes Pinheiro era distrito do município de Teixeira Soares. São elementos que dão sentido aos primeiros anos da constituição política de Teixeira Soares.

No livro, Arnaldo Monteiro Bach entrevista Antonio Chagas Filho, veja o que ele conta sobre Diamantina (atual Angai distrito de Fernandes Pinheiro). Bach (2005, p.201)

[...] De trás do balcão do armazém de Carlos Wenceslau Taborda, em Diamantina, Teixeira Soares, Antônio Chagas Filho, acompanhava o dia-a-dia do pequeno povoado. [...] Ali, era o termômetro do lugar [...] o cotidiano de Diamantina, durante muitos anos foi marcado pelo intenso movimento de tropeiros e carroceiros, por onde passava o antigo traçado da estrada que ligava o oeste do Paraná a capital [...].

O autor preocupou-se em dar um sentido histórico através das narrativas do cotidiano. Este trecho do livro traz a ideia de como era realizado o comércio em Fernandes Pinheiro. O armazém era um ponto importante dentro da localidade, lá os moradores contam, e narram suas histórias.

Em 2011, Elias Chagas graduando em história da UNICENTRO Irati produziu trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado “Emancipação: Abrace essa ideia”, a construção do espaço regional de Fernandes Pinheiro PR, 1995 – 1996. Com orientação do professor do departamento de história de Irati da Unicentro, DEHIS/I, Doutor Claércio Ivan Schneider. Este trabalho observa os sentidos históricos produzidos por lideranças locais, no processo histórico da emancipação política do município entre 1995 e 1996. O TCC apresenta a construção do espaço de Fernandes Pinheiro, por meio de narrativas históricas. Forma um sentido histórico a partir das representações discursivas de lideranças da política local. Analisa estes discursos e através deles interpreta um período importante da história local. O trabalho observou uma gama de significações, opiniões que produzem um sentido histórico para a emancipação política.

As narrativas produzidas neste período tinham o objetivo de forjar uma situação política que se facilita a fundação de um novo município. São narrativas históricas de personagens da política local que por meio do seu prestígio constroem um sentido político para emancipação. Sentidos históricos da política local são construídos, a fim de justificar uma emancipação. Mostra um sentido histórico de criação de fundação do município. O ano de 1995 é um marco cronológico de origem do município. A cidade de Fernandes Pinheiro no estado do Paraná passa a existir.

Em virtude da restrita produção historiográfica, esse trabalho pode ser considerado pioneiro. A pesquisa concentrou-se em três momentos: 1) A busca de obras que versam sobre as emancipações políticas; 2) O estudo do contexto regional em que Fernandes Pinheiro está inserido; 3) A busca de fontes primária documentos oficiais: atos plebiscitos, matérias jornalísticas, entrevistas. Todo esse itinerário da pesquisa foi construído para produzir um sentido histórico, as narrativas das lideranças locais, os acontecimentos narrados deram origem a cidade. Por isso, as entrevistas contidas na pesquisa são inéditas. Elas dão sentido histórico à existência de um novo município na prática política.

As lideranças da política local justificam a emancipação pelas memórias de um passado em que o município era distrito de Teixeira Soares. As experiências vividas no passado davam sentido histórico a campanha emancipacionista. Entre os entrevistados estavam Elias Loss e João Vilmar que em suas narrativas históricas mostram como se deu o processo histórico que culminou na formação do novo município.

O TCC constrói um sentido histórico desde o surgimento do povoado as primeiras vilas, a chegada da estrada de ferro, o ciclo da madeira, industrialização da erva-mate até chegar a emancipação em 21 de dezembro de 1995. Observe o que João Vilmar afirma em entrevista, a Elias Chagas (2011, p. 12)

[...] Eu na época como vereador eleito pelo povo em 95 eu pensei em trabalhar naquilo que o povo almeja, aquilo que é necessidade do povo e como eleito, era eu comecei a fazer né articulações dentro que era o município de Fernandes Pinheiro. A ideia já vinha bem antes como era um distrito extremamente industrial né e esse distrito tinha necessidade né de ser emancipado e aí foi se encaminhando pra criar essa emancipação, mas o povo já almejava bem antes como era vereador na época e vereador trabalha em cima de projetos de lei e a emancipação não deixa de ser um projeto de lei né, justamente com o deputado Toti, que foi o autor do projeto de lei em nível de estado eu comecei a trabalhar em cima do projeto pra beneficiar o povo, pra fazer aquilo que o povo almejava [...]

Nota-se na narrativa histórica que o povo almejava a emancipação, ou seja, olhava para o passado e procurava a partir da transformação do distrito em município estabelecer novas perspectivas para o povo. Produz um sentido, de criação política baseada em projeto de lei. A ideia, já estava no imaginário do povo, porém necessitava de lideranças locais, que produziram sentido político para emancipação. A ideia era apresentar um projeto político que sustentasse a campanha emancipacionista. A narrativa traz o ensejo pelo desejo de mudança política. Isso implica numa mudança de sentido das formas do povo olhar a comunidade local. Na perspectiva de lembrar do passado do distrito e refletir no presente da época 1995 e estabelecer uma perspectiva de futuro para o município pós-emancipação. Este trabalho de Elias Chagas também é importante na reflexão do sentido histórico, que a política Fernandes pinheirense adquiriu nos anos seguintes.

Ana Paula Pedroso escreveu um livro no ano 2000 intitulado “Haráldica e Vexilologia, Município de Fernandes Pinheiro Estado do Paraná Administração 1997 à 2000 Emigdio Serpe: Prefeito Municipal”. O livro está disponível para consulta na biblioteca municipal de Fernandes Pinheiro. Neste livro, Ana Paula Pedroso, destaca os personagens da primeira administração na gestão (1997-2000). Apresenta a necessidade que surgiu a partir da emancipação, ou seja, de criar símbolos que representassem o município: como a Bandeira, o Brasão e o Hino municipal.

Inicialmente ela faz homenagens ao prefeito Emigdio Serpe (1997-2000). Além disso os nove vereadores da primeira câmara municipal. Hailto Borcath Taborda, Eliton Rosene Pabis, Kalusz, Edegar de Jesus Alves, Pedro José Francisco, João Urias Barauce, Joares Borcath, Nivaldo de Andrade Bello e Silvio Serpe Sobrinho. Estes vereadores foram os responsáveis por elaborar a lei orgânica municipal, promulgada em 14 de julho de 1997. Esta lei tem uma relação prática com a vida dos cidadãos Fernandes pinheirenses, pois é uma lei que projeta para o futuro. Desta forma estes personagens da política local constroem, sentidos históricos ao olhar para outras leis do passado para construir a lei orgânica, que projeta o município de Fernandes Pinheiro ao futuro.

Em 1997 os vereadores buscavam responder uma carência de orientação, pois não poderia ter um município sem lei. Era uma carência do presente. Recorreram a outras leis e elaboraram as leis em Fernandes construindo perspectivas de futuro. Para dar sentido histórico a autora utiliza como documento a lei que institui os símbolos municipais, bem como as matérias de concurso público realizados que visavam a escolha dos símbolos. Estes símbolos dão sentido a uma história incipiente. Ana Paula Pedroso narra suas

próprias experiências de ter participado do concurso público que instituiu os símbolos do município a qual ela foi a vencedora. Ou seja, ela relata sua própria experiência no tempo, colocando-se como sujeito da história do município. A autora organiza as experiências da política da primeira gestão (1997-2000) em narrativas históricas. Interpreta as experiências vividas na política local, da primeira gestão, como fundamental na constituição de sentido. Assim estabeleceu seu ponto de vista daquela época entre 1997 e 2000. Ela mobiliza a lembrança do passado e responde suas inquietações. A autora lembra da lei que criou os símbolos municipais, a lei nº 089 de 21 de setembro de 2000 cria a bandeira e o Brasão do município, e altera o dispositivo da lei 045 de 1 de dezembro de 1998.

3.2. SENTIDO HISTÓRICO EM DOCUMENTOS PRODUZIDOS NO ESPAÇO PÚBLICO.

Na formação do município, na atribuição de um sentido organizacional e administrativo, foi promulgada em 14 de julho de 1997, a “lei Orgânica Municipal de Fernandes Pinheiro”. Esta lei estabelece as diretrizes para as vivências humanas em sociedade. Delimita a organização da localidade, bem como as competências da administração pública e as competências comum e privada, a partir daí todas as decisões são de caráter a obedecer a lei. A lei orgânica segue as diretrizes da constituição federal aprovada em 1988 e direciona as ações humanas no futuro da cidade de Fernandes Pinheiro. O município ganha um sentido político administrativo de organização da cidade, ao organizar a cidade a lei cria uma identidade a localidade. Neste sentido a missão dos vereadores do primeiro mandato era dar uma identidade ao município, dando-lhe sentido para o futuro do município. No preâmbulo da lei orgânica está escrito

[...] Nós, os vereadores da câmara municipal de Fernandes Pinheiro, representantes do povo deste município, seguindo os princípios da constituição da República Federativa do Brasil e da constituição do estado do Paraná, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte lei orgânica [...] (1997, p. 9)

Os vereadores observam as outras leis que seguem como diretrizes. Os legisladores da primeira gestão da câmara deram a Fernandes Pinheiro um sentido organizacional e administrativo. Por isso, é uma narrativa formalizada constituída de sentido histórico,

político, cultural e administrativo. Desta forma, organiza as vivências humanas em sociedade nas diferentes áreas: saúde, educação, cultural, agricultura, esporte, etc.

É uma narrativa formal, oficial, formada conscientemente, a fim de reger as ações humanas, orientando-os temporalmente. Neste caso, a lei justifica-se por ser um instrumento de orientação da vida prática. Então, interpretar a lei orgânica é atribuir sentido ao município, porque ela faz parte da formação da consciência histórica de quem a produziu. Por isso, faz parte de um processo histórico pós-emancipação. A análise deste documento também implica em dar visibilidade aos vereadores que a produziram. A lei é um acontecimento, que tem sentido histórico, pois pensa nos sujeitos do local.

Na página oficial da câmara municipal de vereadores do município de Fernandes Pinheiro PR¹, tem um pequeno histórico do município e do legislativo. O legislativo, em 1º de janeiro de 1997, com a posse dos vereadores eleitos em 3 de outubro de 1996. A câmara faz uma história do município de Fernandes Pinheiro, partindo da denominação do nome que foi dado em homenagem ao engenheiro da estrada de ferro, São Paulo – Rio Grande do Sul, Antônio Augusto Fernandes Pinheiro.

Também mostra que anteriormente a chegada da estrada de ferro, Fernandes era parada de tropeiros, assim já havia um povoado que possibilitou a instalação da estrada de ferro, traçando como marco inicial do povoado, (1899), quando foi elevado a distrito policial do município de Santo Antônio de Imbituva. A ideia central é estabelecer um marco de fundação do primeiro povoado. Isso implica que a partir desta data o município segue uma rota (sentido histórico), o qual forma uma sequência de eventos, acontecimentos em sua existência até hoje. Segue uma sequência de eventos do povoamento a emancipação política. Tenta-se demonstrar que Fernandes Pinheiro não nasceu ao acaso, porém teve um processo histórico que contribuiu na formação da cidade. Veja a seguinte citação que está na página da câmara municipal (2017, p. 2), a qual fala do período entre 1907 e 1917.

[...] Nessa época, a estação de Fernandes Pinheiro, era importante centro comercial e industrial, de onde partiam diligências para Imbituva, Prudentópolis e Guarapuava, provenientes da capital do estado. De pesquisa realizada com antigos moradores, constata-se que, em Fernandes Pinheiro, havia grandes serrarias, posto de gasolina, banco, açougues, ferraria, padaria, sapataria, hotéis, pensão, clubes, cinema e outras diversões, alfaiataria, costureira, cartório, fabrica de café, moinho de milho, correio, luz elétrica, telégrafo, casas comerciais, sorveteria,

1 www.camaramunicipal.com.br

barbearia, escolas, igrejas, médico e dentista [...] (CÂMARA MUNICIPAL, 2017 p. 2).

Esta citação mostra as transformações do que existia no passado e que não existe hoje, construindo uma relação entre passado e presente. Os relatos dos moradores mais antigos suprem uma carência de informações devido à ausência de grande quantidade de documentos sobre o município de Fernandes Pinheiro. Esta restrição de documentos escritos faz com que os relatos dos moradores cumpram um papel importante na construção do sentido histórico da cidade. São perspectivas apresentadas de um passado próspero, e progressista.

Esta narrativa apresenta uma perda de sentido histórico, na qual lembrar do passado é recordar de coisas importantes que no presente, já não dão sentido para localidade. Como diz o ditado popular, “Recordar é viver”. Neste sentido, recordar, aspectos do passado é dar sentido para vida prática. Os relatos apresentados constroem um município de Fernandes Pinheiro grandioso no passado que precisa ser resgatado. Assim estabelecendo uma relação entre passado e presente, perspectivando o futuro.

De certa forma, apresentam uma consciência histórica da cidade, interpretam a cidade de forma positiva como um passado glorioso. O que a câmara municipal mostra são as construções ligadas a economia do município que deram sustentação a cidade. Portanto, há uma espécie de comparação do presente em relação ao passado.

A ação em sociedade justifica-se pelos acontecimentos do passado, ou seja, leva-se em consideração o passado para agir temporalmente no presente. O passado aparece como temporalidade, merecedora de destaque por sua importância. Estas narrativas tentam tornar presente um passado recordado. Entender que a cidade passou por transformações, que modificaram a história da localidade. As percepções dessas transformações no tempo é o que podemos chamar de sentido histórico. Faz parte da razão humana olhar para o passado, e reportar as grandezas desse passado, tornando-o significativo no presente. Desta forma, o futuro se apresenta com, uma perspectiva de esperança de volta ao passado.

As experiências humanas estão condicionadas a uma saudade de um tempo que já se foi. A memória constituída por estes antigos moradores denota uma descontinuidade no sentido histórico de progresso da localidade. Então o passado é o espelho para as ações humanas no presente e no futuro. Neste pequeno trecho podemos tirar várias conclusões, inclusive de que a história está presa ao passado, há uma supervalorização do passado. Rememoram, um passado que já não existe. Vale a confirmação a qual o homem se orienta

pelas ações e transformações temporais. Portanto, a câmara municipal tem a preocupação de construir uma imagem positiva da cidade.

O sentido histórico apresentado, pela câmara municipal está centrada nas atividades da economia existentes no passado da cidade, como por exemplo: serrarias, erva mate, moinho de milho, fabrica de café, açougue, cartório etc. Cada economia apresenta uma temporalidade que reporta para uma relação passado, presente e futuro. Esta narrativa da câmara municipal constrói um processo histórico local, em que Fernandes Pinheiro estava inserido na economia regional.

Portanto, o passado da localidade pode ser englobado no processo histórico da economia paranaense do início do século XX. Contudo, as mudanças perceptíveis da economia local são fruto deste processo histórico mais amplo. O material da câmara municipal mostra Fernandes Pinheiro em ascensão econômica, dando-lhe sentido histórico e importância regional a localidade. Implicando em uma ideia positiva do passado da localidade, ou seja, estabelecer um sentido histórico através das memórias dos moradores é uma carência temporal expostas no presente, demonstra o desejo de vislumbrar um município industrial como no passado.

Em 2007 a câmara municipal do município de Fernandes Pinheiro, PR, aprovou a lei Nº 319/ de 26 de junho de 2007 e o prefeito na época, Nei Rene Schuck a sancionou. A lei está disponível na prefeitura municipal de Fernandes Pinheiro, ela apresenta como súmula “Aprovo o Plano Diretor de Uso e ocupação do solo municipal de Fernandes Pinheiro e dá outras providências”.

Esta lei constrói um planejamento para os 10 anos seguintes de sua promulgação, entre 2007 e 2017. Portanto, responder aos interesses da comunidade local, na perspectiva de se produzir um documento político, que organize as ações humanas no tempo. São carências de orientação das mudanças temporais, pois Fernandes Pinheiro é um município jovem, em se tratando da emancipação política. Por isso, é necessário criar leis que orientem temporalmente os cidadãos. A fim de guiar as ações temporalmente, dando-lhes sentido ao passado, justificando na lei e perspectivando o futuro. No caso do plano diretor as perspectivas de futuro dos próximos 10 anos estão amparadas nas experiências do passado e na construção da lei, que em 2007 fazia sentido histórico para a localidade. Por outras palavras as carências do passado, do recém-criado município, são colocadas na lei que instituiu o plano diretor.

A lei é uma narrativa que interpreta os pedidos feitos pela comunidade. Desta forma, responde as carências do passado, por isso que se constrói a lei, para objetivar o futuro. Então, torna-se também uma lei orientadora para as gestões públicas que formam a administração observando o plano diretor. As gestões municipais buscam suprir as carências da orientação do povo, tentando concretizar aquilo que está na lei.

A lei que institui o Plano diretor do município é um ponto estratégico da administração pública, a qual permite organizar politicamente as ações coletivas. O plano diretor está organizado estrategicamente numa narrativa, que possibilita ao leitor compreender sua organização. Desta forma, o plano diretor de uso e ocupação do solo municipal está disposto em capítulos. 1) Disposições iniciais, 2) Da meta das diretrizes e dos projetos estruturantes, 3) Dos distritos e planejamento e do equipamento público mínimo, 4) Da legislação complementar ao plano Diretor, 5) Disposições gerais e finais. Esta sequência indica um sentido político de organização estrutural. O ato de construção deste documento é um processo de consciência histórica que dá sentido histórico, pois contribui na organização das experiências humanas, as quais dão sentido e significado para a vida prática. Assim, a administração desenvolve um plano diretor com o intuito de organizar temporalmente as ações.

A lei do plano Diretor de Uso e Ocupação do Solo municipal visa suprir carência do passado, então, elas têm de ser superadas, no presente e no futuro. A lei traz uma interpretação do passado recente e que estabelece uma relação para o futuro. Observe como se dá a relação temporal que perspectiva o futuro dos cidadãos em Fernandes Pinheiro. Plano Diretor de Uso e Ocupação do Solo, (capítulo 2), artigo 3º

[...] É meta do Plano Diretor de Uso e Ocupação do Solo municipal de Fernandes Pinheiro a promoção do desenvolvimento e do bem-estar social dos cidadãos do município, de modo a chegar ao ano de 2016 melhor posicionado em termos de desenvolvimento humano, no contexto dos municípios paranaenses, proporcionando boas condições de saúde, de educação e de renda para todos os habitantes, com sustentabilidades ambiental e social [...].

A ideia de estabelecer meta a partir de um documento empreende sentido a história da localidade. A lei interpreta vivências que projeta para um bem-estar dos cidadãos do município. A lei do plano Diretor municipal orienta a sociedade na formação de um sentido.

Neste capítulo, buscou-se refletir sobre as narrativas históricas contidas em livros, TCC e documentos oficiais, que de alguma forma formam sentidos históricos sobre o município de Fernandes Pinheiro. O estudo destas narrativas justifica-se pela restrita produção historiográfica existente que versam sobre a história do município. Constatou-se que existe pouco ou quase nada de material produzido da história local, por isso, foi necessário buscarmos as informações em livros que denotam as narrativas históricas dos municípios vizinhos de Fernandes Pinheiro. Em suma, estas narrativas destes livros constroem sentidos históricos, nas quais, Fernandes Pinheiro aparece de forma secundária como localidade pequena que faz parte de uma região maior. Portanto, estas obras não são escritas especificamente sobre a localidade, mas de aspectos regionais em que o local está inserido. Como Fernandes Pinheiro é um município que foi emancipado em 1997 é jovem, por isso, há uma carência de produção historiográfica do local. Valendo-se desta historiografia dos municípios vizinhos construímos por relação de proximidade um sentido histórico para localidade de Fernandes Pinheiro.

Como se vê Imbituva, Irati, e Teixeira Soares aparecem com frequência nas obras produzidas. Isso se explica porque Fernandes Pinheiro foi distrito destes municípios antes de sua emancipação política, em 1997. Para narrar estas histórias, os autores utilizaram como fontes principais as fotografias, as fontes orais e a própria historiografia do estado do Paraná. Estes documentos trazem um sentido histórico que dão coerência para as mudanças temporais, observaram-se as fotografias que são utilizadas como ilustração, para os relatos e os livros foram encontrados na biblioteca da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), campus Irati.

O primeiro livro analisado foi “Imbituva, uma cidade dos campos gerais”, de Cleusi Terezinha Bobato Stadler. Este livro trouxe um sentido histórico baseado no povoamento da região, a qual Fernandes Pinheiro faz parte. A autora tenta refletir sobre um período de construção das cidades da região entre 1850 e 1950. Neste período, definiram-se os processos históricos que formaram o que as cidades são na atualidade.

No livro “Irati 100 anos” organizado por Audrey Farah, traz um sentido histórico centrado na política da cidade de Irati, também resultando de aspectos econômicos. O autor constrói um sentido político do distrito de Fernandes Pinheiro, entre 1907 e 1917, período em que Fernandes Pinheiro, era distrito de Irati.

O livro “Carroções: outras histórias” de Arnaldo Monteiro Bach apresenta um período do processo histórico o qual Fernandes Pinheiro fez parte. Forma um sentido

histórico a partir de relatos dos descendentes do lugar. Assim, baseia-se no cotidiano para produzir sentido ao passado de localidade.

Discutimos também sobre as ideias produzidas por Elias Chagas Andrade, no seu TCC, intitulado “Emancipação: abrace essa ideia a construção do espaço regional de Fernandes Pinheiro”. O TCC forneceu aspectos da emancipação política. E o sentido histórico é produzido pelos discursos dos políticos locais em torno da emancipação política.

O livro de Ana Paula Pedroso, “Heráldica e Vexilologia Municipal” trouxe a ideia da produção de sentido histórico pela construção de símbolos municipais, como a bandeira e o hino municipal. Também pelas homenagens aos políticos locais.

Analisamos também documentos produzidos no espaço público. Um deles foi a lei “Orgânica municipal de Fernandes Pinheiro”, a qual produz um sentido organizativo da localidade. Esta narrativa é o que dá sustentação as atividades administrativas do município.

Estudamos o site da câmara municipal de Fernandes Pinheiro, o qual compreende a história do município baseado nos personagens da política local do administrativo e do legislativo.

Por fim, vimos o Plano Diretor de uso e ocupação do Solo do município de Fernandes Pinheiro aprovado pela câmara municipal em 2007. É uma lei que tem um sentido para as ações na vida prática. É um documento formal da administração pública que projeta o município para o futuro.

4. IDEIAS DE SENTIDO HISTÓRICO NAS NARRATIVAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CAMPO

Neste capítulo, contextualizarei a escola com as informações do projeto político pedagógico (PPP) aprovado em 2011 pelo Núcleo Regional de Educação (NRE) de Irati. A partir desse documento relatou-se aspectos da escola onde realizou-se a pesquisa (Colégio estadual do Campo de Bituva das Campinas). Além disso, é realizado um estudo dos sujeitos da pesquisa (os Estudantes da Escola). Em seguida é relatada a metodologia da pesquisa e trabalho de campo. Do capítulo 4.4 em diante é feita a categorização das narrativas históricas dos estudantes de acordo com as respostas obtidas.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

De acordo com o PPP 2011, a Escola Estadual do Campo Bituva das Campinas, Ensino Fundamental, localizada na localidade com o mesmo nome, foi criada e autorizada a funcionar no início do ano letivo de 1990. A implantação de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental teve como principal objetivo facilitar o acesso e a continuação das atividades escolares para os alunos moradores do local e localidades vizinhas, pois a única alternativa era se deslocarem a trinta e cinco quilômetros de distâncias, para o Colégio João Negrão Júnior, em Teixeira Soares.

No projeto político pedagógico 2011 está escrito que “no ano de 1989, o prefeito de Teixeira Soares solicitou a Secretaria do Estado da Educação a implantação de 5ª a 8ª séries de forma gradativa na Escola Rural Municipal Francisco Malanski, na localidade de Bituva das Campinas”. A solicitação foi atendida, com a criação da Escola Estadual Bituva das Campinas – Ensino de 1º Grau, tendo a sua autorização de funcionamento pela resolução 3.268/89 de 21 de dezembro de 1989, e o reconhecimento, do curso, pela resolução 2.260/94 de 09 de junho de 1994. A escola pertence a rede pública estadual, mantida pelo poder público e jurisdicionada pelo núcleo Regional de Educação de Irati e secretaria de Estado da Educação.

A escola iniciou suas atividades no ano de 1990, no período da noite, na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA) com três turmas de 5ª série num total de 116 matrículas, e com uma turma de 6ª série com 40 matrículas, perfazendo um total de

156 alunos matriculados. Essa média manteve-se até o ano de 1999, porém reduziu pela metade no ano de 2000, devido ao programa de adequação idade/série, pois a grande maioria dos educandos tinha entre 15 e 35 anos de idade.

A Escola Estadual do Campo Bituva das Campinas está localizada a uma distância aproximada de vinte e seis quilômetros da sede do município e 28 Km aproximadamente do Núcleo Regional de educação de Irati. Fica no centro da comunidade, de um lado está a Capela Bom Jesus, do outro lado e atrás um terreno particular utilizado para lavoura, em frente posto de Saúde municipal e terreno particular de mata. É uma escola com poucas residências próximas.

No período da tarde começou a ser ofertada no ano de 2011 a partir do segundo semestre, sala de apoio a Aprendizagem na área de matemática e Língua Portuguesa para as turmas de 5ª a 8ª séries, e também duas atividades extracurriculares na área de cultura e arte: leitura, e na área de educação física: hora treinamento, modalidade handebol. Para o ano de 2012 foi implantado de forma simultânea o ensino fundamental do 6º ao 9º ano, e com o aumento na demanda do número de educandos foi solicitado a abertura de salas de aula no turno vespertino. No período noturno a partir do ano de 2009 teve início duas turmas de APEDs: uma de Ensino Fundamental e uma de Ensino Médio, sendo as mesmas descentralizadas do Colégio Estadual de Angaí que estão em fase de conclusão no ano de 2011. No ano de 2014 foi implantado o ensino médio com os alunos egressos do ensino de 9 anos, o qual foi implementado de forma gradativa.

O quadro de funcionários e professores se constitui: Quadro próprio do Magistério, um Agente educacional II pertencentes ao quadro de funcionários da educação Básica (QFEB) que desempenha a função de Secretário da escola com 20h semanais, uma pedagoga pertencente ao regime de contratação PSS, oito docentes qualificados nas áreas que atuam, destes, todos do Regime de contratação da educação básica (QFEB): uma pertencente ao Paraná educação e uma ao regime de contratação PSS, ambas com 20 horas semanais.

Em 2013, a partir da resolução Nº 5203/13, de 12 de novembro de 2013, foi autorizado o funcionamento do ensino médio concedido pelo prazo de 2 anos com implantação gradativa a partir do ano letivo de 2014. Com isso houve a adequação da nomenclatura da instituição de ensino que passou a denominar-se, Colégio Estadual do Campo Bituva das Campinas – Ensino Fundamental e Médio. Com isso também a implantação da chamada política de educação do Campo.

A educação do campo é uma política pública que nos últimos anos vem se concretizando no estado do Paraná, caracterizada como o resgate de uma dívida histórica, do Estado aos sujeitos do campo, que tiveram negado o direito a uma educação de qualidade, uma vez que os modelos pedagógicos ora marginalizam os sujeitos do campo, ora vinculavam se ao mundo urbano, ignorando a diversidade sociocultural do povo brasileiro, especialmente aquela expressa na prática social dos diversos sujeitos do campo. (Projeto Político Pedagógico, PPP, 2011, p. 40)

Os sujeitos do campo têm direito a uma educação pensada, desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada a sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais, visando uma educação pública e gratuita de qualidade, presente e que respeita e valorize a diversidade humana, contribuindo assim com a construção de uma sociedade cada vez mais justa e solidária. O que caracteriza os povos do campo é o jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, o trabalho na terra, a organização das atividades produtivas, mediante mão de obra dos membros da família, cultural e valores que enfatizam as relações familiares e de vizinhança, que valorizam as festas comunitárias e de celebração da colheita, o vínculo de uma cultura de trabalho que nem sempre segue o relógio mecânico.

O projeto político pedagógico (2011, p. 41) “a identidade dos povos do campo comporta categorias sociais como posseiros, boias-frias, ribeirinhos, ilhéus, atingidos por barragens, assentados, acampados, arrendatários, pequenos proprietários, colonos ou sitiantes, caboclos dos faxinais, comunidades negras rurais, quilombolas e também as etnias indígenas”.

É na práxis que o homem tem condições de superar a sua própria situação de opressão, mediante a análise de que a divisão do trabalho é característica de uma determinada formação social e não um fato natural. A práxis passa a ser condição para a ação revolucionária, de modo que os homens podem pensar o sentido de suas atividades, a sua organização política e ações conjuntas na luta contra a opressão. Conforme o projeto político pedagógico (2011, p. 41-42). Na educação do campo deve se valorizar os seguintes meios de aprendizagens sociais:

a) Socialização: realizar ações que revelam a cultura das pessoas, a conservação dessa cultura, sua participação no cotidiano, fazendo reflexões sobre quais traços são mais importantes para a formação dos sujeitos no campo hoje;

b) Construção de uma visão de mundo: serão trabalhados conteúdos dentro da realidade onde vivem, como por exemplo, pensar sobre o que fazem, o que pensam, como se aprende e como se ensina, tornar posição diante das questões de seu tempo, valores humanistas, e como se respeita uma organização coletiva;

c) Autoestima: para elevar e manter a autoestima dos alunos, provenientes do campo, os educadores devem ter uma postura voltada para o bem-estar de todos, e conduzindo bem as atividades escolares, de modo que o educando seja capaz de iniciar e realizar as atividades por conta própria, e a capacidade de autoavaliação sobre o que consegue fazer com eficácia, a partir dos critérios que lhe são fornecidos pelo educador.

4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Neste subtítulo apresentamos os sujeitos da pesquisa, ou seja, os alunos e seus perfis. A pesquisa foi aplicada nos dias 15 e 16 de março de 2018, em três séries do ensino médio do colégio Estadual do Campo de Bituva das Campinas: No terceiro ano 14 estudantes com faixa etária entre 16 e 18 anos. No segundo ano 13 estudantes com faixa etária entre 14 e 17 anos. No primeiro ano 12 estudantes com faixa etária entre 14 e 16 anos. Totalizando uma amostragem de 39 alunos.

QUADRO 1: NÚMERO DE ALUNOS POR SÉRIE

QUADRO 1		
Ano	Nº de Alunos	Idade
1º ano	12 alunos	entre 14 e 16 anos
2º ano	13 alunos	entre 14 e 17 anos
3º ano	14 alunos	entre 16 e 18 anos

Fonte: O autor (2018).

O quadro 2 coloca- se as siglas de identificação dos alunos por série.

QUADRO 2: SUJEITOS DA PESQUISA E IDENTIFICAÇÃO

QUADRO 2		
Número de Alunos Por Serie e Siglas de Identificação		
1º ANO	2º ANO	3º ANO
A 1	B 1	C 1
A 2	B 2	C 2
A 3	B 3	C 3
A 4	B 4	C 4
A 5	B 5	C 5
A 6	B 6	C 6
A 7	B 7	C 7
A 8	B 8	C 8
A 9	B 9	C 9
A 10	B 10	C 10
A 11	B 11	C 11
A 12	B 12	C 12
	B 13	C 13
		C 14

Fonte: O autor (2018).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola Estadual do Campo Bituva das Campinas Ensino Fundamental

[...] Os alunos de nossa escola, como já colocamos anteriormente são de famílias extremamente carentes com condições sócio econômicas precárias, filhos de pequenos agricultores, com pouca instrução, e na sua maior parte, não apresentam perspectiva de futuro. [...]

Os alunos são moradores da comunidade local de Bituva das Campinas e de localidades vizinhas, Assungui, Manduca, Balão 1, Balão 2, Bituva dos Lopes, Bituva dos Lucios, Bituva dos Machados, Bituva dos Saruvas, Serra dos Lapeanos. Para chegarem até a escola estes alunos utilizam o transporte escolar municipal. A distância das moradias dos alunos em relação a escola ocasiona um aumento de faltas dos alunos, por motivo de chuvas, devido à dificuldade de acesso as estradas do interior. Algumas residências ficam distantes da escola, cerca de vinte quilômetros. Muitos alunos não fazem a refeição da manhã, por isso a escola tem de preparar uma merenda reforçada. São alunos que acordam

de madrugada para ir à escola. Estes fatores fazem com que os alunos apresentem dificuldades no aprendizado.

Além disso, a participação dos pais na vida escolar dos filhos é baixa, pois eles trabalham e as distâncias para chegarem até a escola é longa. Há também a dificuldade pela estrutura das famílias, nas quais muitos filhos são cuidados somente pela mãe. Por outro lado, têm os alunos que ficam a cuidado dos avós, por motivo de trabalho dos pais.

A escola busca um novo tratamento aos alunos com uma nova concepção que respeita suas especificidades, seus conhecimentos prévios, nos aspectos físicos, e intelectual, cognitivo, social. Desta forma, reconhece estes alunos como sujeitos históricos. Assim empreender os diferentes conhecimentos capazes de sistematizar os conteúdos a fim de agir na localidade.

Existem também outros fatores que influenciam a vida escolar dos alunos, como pais com dependência do álcool, desnutrição e desemprego e violência. A escola visa contribuir para superar estas dificuldades, respeitando a história de vida dos alunos, suas dificuldades seus problemas.

Em 2013 com o avanço tecnológico e o acesso por parte dos alunos a internet, o aprendizado melhorou, há um avanço no número de informações com isso a escola passou a estabelecer uma nova percepção dos alunos. Essa acessibilidade a um número cada vez maior de informações faz crescer a responsabilidade da escola quanto a formação de cidadãos conscientes da realidade local.

Neste capítulo buscou-se entender um pequeno cenário sobre os sujeitos da pesquisa. De forma geral, apresentaram-se os alunos, sua faixa etária, localidades onde vivem, problemas e dificuldades, e finalmente as percepções dos alunos como sujeitos do campo.

4.3 METODOLOGIA DA PESQUISA E TRABALHO DE CAMPO

É importante ao propor a metodologia de pesquisa refletir sobre autores que tem discutido sobre sentido e consciência histórica a partir de narrativas de jovens estudantes. Estes autores trazem contribuições significativas, principalmente na elaboração do trabalho de campo. Nestes trabalhos são analisadas narrativas históricas a fim de investigar a consciência histórica dos jovens.

Em 2010 o professor Geysy Dongley Germinari defendeu a tese de doutorado intitulada “A História da cidade consciência histórica e identidades de jovens escolarizados” a qual investigou a formação da consciência histórica dos jovens sobre a cidade de Curitiba. A pesquisa de Germinari (2010) identificou uma imagem de Curitiba como “cidade modelo” a partir da investigação de narrativas. Identificou, o papel importante do desenvolvimento de políticas públicas no ensino na década de 1990 para a formação da consciência histórica dos jovens curitibanos, que disseminaram ideias de Curitiba como cidade modelo.

Em 2017 Geraldo Becker escreveu a dissertação de mestrado denominada “consciência história e atribuição de sentido: Perspectivas de jovens estudantes do ensino médio em relação a história da cidade de Curitiba”, esta pesquisa investigou os sentidos históricos construídos por jovens curitibanos ao utilizarem fontes iconográficas. O autor se utiliza das propostas metodológicas de Ronaldo Alves (2011) para análise das categorias de respostas dos jovens.

As duas pesquisas contribuem com a metodologia aplicada nessa dissertação, o qual foi dividida em categorias de sentido histórico a partir da investigação das respostas dos jovens. A construção da pesquisa está centrada no pensamento ruseniano. Assim buscamos entender a ideia de sentido histórico atribuído pelos alunos a localidade de Fernandes Pinheiro, analisando as suas narrativas históricas.

Na perspectiva ruseniana, sentido histórico é um fundamento especial da história que faz compreendermos os processos históricos em um determinado local. Desta forma, se constitui em um processo mental que transforma os acontecimentos no passado, em algo significativo para o presente. De acordo com Jörn Rüsen (2001b, p. 11).

[...] Se examinarmos mais de perto os procedimentos mentais por meio dos quais negócios se transformam em história, podemos distinguir quatro operações da mente humana: Percepção, interpretação, orientação, motivação: Sentido sintetiza essas quatro operações num processo inter-relacionado garantindo sua coerência. Construção de sentido na história refere-se a, percepção e a interpretação da mudança contingente no transcurso do tempo refletindo na vivência ao passado a orientação da vida atual no contexto da mudança é a motivação da ação intencional, motivada por essa mudança. [...]

Estas questões podem ser aplicadas em nossa pesquisa de história local. Podemos analisar as transformações e as mudanças temporais por meio dessas quatro operações mentais que darão sentido as experiências dos estudantes.

Neste sentido, Rüsen (2010c, p. 104), dá um bom exemplo de que é uma pesquisa histórica e de sua ocupação.

[...] Pesquisa histórica é um processo cognitivo, no qual os dados das fontes são apreendidos e elaborados para concretizar ou modificar empiricamente perspectivas (teorias) referentes ao passado humano. A pesquisa se ocupa primariamente da realidade das experiências, nas quais o passado se manifesta perceptivelmente, ou seja, de “fontes”. Essa metáfora exprime a referência fundamental da pesquisa histórica à experiência: do testemunho empírico atual do passado “fluem” para o historiador informações sobre o que foi o caso no passado [...].

Portanto partimos das análises das várias perspectivas apresentadas pelos alunos em suas narrativas históricas. A referência são os testemunhos contidos nas narrativas. A pesquisa obedecerá a seguinte esquematização de acordo com Jörn Rüsen (2010c, p. 111)

[...] O conhecimento histórico pode ser definido como processo, ao se entender as histórias como respostas a perguntas e ao se analisar o procedimento regulado, que leva da pergunta à resposta. De início é possível diferenciar, de modo puramente esquemático, três fases principais desse procedimento. Na primeira, que se poderia chamar de formulação da pergunta histórica, carências de orientação no tempo são enunciadas como perguntas históricas. Na segunda fase, trata-se de dirigir essas perguntas às fontes, e obter destas as informações necessárias para respondê-las. A terceira e última fase consiste então em formular as informações obtidas das fontes como respostas às perguntas postas. Poder-se-ia falar aqui da fase de formação da resposta histórica [...].

Formulei perguntas aos alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio do colégio Estadual do campo Bituva das Campinas sobre a localidade onde vivem. Essas perguntas visam superar as carências de orientação. Foi adotado um procedimento regulado de perguntas as fontes. Em seguida foi realizado a categorização das respostas obtidas.

4.4 CATEGORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS DOS JOVENS ESTUDANTES

Nesse subcapítulo, busquei trabalhar com as narrativas produzidas pelos alunos da Escola de Bituva das Campinas. Procurando analisar qualitativamente, como eles

constroem a ideia de sentido histórico do lugar. Investigando suas narrativas, tentando contrastar com o que foi produzido sobre a história do município.

Para problematizar as questões de sentido Histórico, apliquei (duas) questões. A primeira com intenção de investigar os sentidos Históricos construídos pelos estudantes sobre o município, a partir da elaboração de uma narrativa Histórica do lugar. A segunda pergunta teve o objetivo de investigar quais as fontes os alunos utilizam para contar a história do município. As questões foram estruturadas da seguinte forma:

1 - Escreva uma História sobre o município de Fernandes Pinheiro, dos últimos 50 anos?

2 - A História que você escreveu foi baseada em:

- Livros.
- História contada pela família.
- Aula do professor.
- Internet.
- História escutada no dia a dia.
- Outras formas: Exemplo.

As perguntas foram aplicadas de forma surpresa sem que os alunos tivessem a oportunidade de leitura ou preparação para responder as perguntas. O objetivo disso é observar os conhecimentos prévios dos jovens estudantes. Disponibilizei 50 minutos para cada série responder as perguntas solicitadas. As perguntas respondidas individualmente sem conversas paralelas ou em grupos. Foi pedido para que os jovens escrevessem no mínimo 10 linhas da História do município. Na segunda pergunta os alunos poderiam assinalar uma ou mais alternativas.

As respostas produzidas pelos alunos dão sentido a História local. As narrativas escritas pelos jovens permitem investigar alguns fatores que formam sentido da história da cidade, exemplo: Econômicos, políticos culturais, turísticas, familiares, etc. Nestas narrativas são apresentadas de forma fragmentada os políticos locais, famílias influentes da localidade, cotidiano.

Após a aplicação das perguntas foi realizado a leitura das respostas numa tentativa de agrupá-las em categorias de sentido Histórico. Iniciei pela contagem das respostas da segunda pergunta que tem relação com as fontes utilizadas para contar a História local.

4.4.1 FONTES UTILIZADAS PELOS ESTUDANTES PARA DAR SENTIDO A HISTÓRIA LOCAL

Inicialmente investiguei as fontes históricas em que os estudantes se basearam para contar a História local levando-se em consideração as fontes levantadas no terceiro capítulo dessa dissertação. Baseado no capítulo três, apresentei alternativas de fontes Históricas, ou seja, onde eles encontravam evidências Históricas do município. Procurei algumas fontes possíveis às quais foram anteriormente apresentadas como exemplo: livros, história contada pela família, aula do professor, internet, história contada no dia a dia. Estas fontes apresentadas aos alunos podem contradizer as fontes oficiais da história local.

Principais informações obtidas na investigação dão conta das problematizações das fontes as quais fornecem ideias de sentido histórico.

QUADRO 3: FONTES UTILIZADAS PARA CONTAR A HISTÓRIA

QUADRO 3						
FONTES HISTÓRICAS						
Ano	Livros	História Contada Pela Família	Aula do Professor	Internet	História Escutada no Dia a Dia	Outras Fontes
1 ° Ano	0	11	0	0	6	0
2 ° Ano	0	5	6	2	10	0
3 ° Ano	1	9	0	2	8	0
Total	1	25	6	4	24	0

Fonte: O Autor (2018)

O quadro 3 apresenta uma tabela, a qual mostra as principais fontes que dão sentido a história dos jovens. Observou-se que a referência está mais na memória familiar no cotidiano. O sentido Histórico da localidade se apresenta em história contada pelos pais ou avós, é o que podemos chamar do ditado popular “História de pai pra filho”. Desta forma, o sentido Histórico da cidade não é constituído pelos livros ou pela internet, nem pela aula do professor de história, mas pela memória familiar que se constrói pelo dialogo. As fontes que embasam as narrativas históricas dos jovens estudantes apresentam uma contradição

em relação as fontes oficiais. Enquanto a história oficial centra-se em oferecer informações pelo site da prefeitura municipal e câmara municipal.

O trabalho do professor de história com relação à história local adquire um papel secundário por diversos motivos. Um deles é a alta rotatividade dos professores nas escolas do campo. Desta forma a aula do professor serviria para entender os grandes processos históricos globais, mas não para entender a história local. Porém pode-se apontar a necessidade de inserção de conteúdos de história local. Além disso aponta-se a necessidade do trabalho com fontes históricas ligadas ao dia a dia dos estudantes como por exemplo: álbuns de famílias, arquitetura local, festas locais, história narrada pelos avós e pais (história oral).

Por outro lado, aponta-se para possibilidade de trabalho com as fontes não indicadas pelos estudantes como os livros e a internet. Neste sentido é fundamental a produção de material didático sobre história local, os quais estudantes possam sentir-se parte integrante da história. Estes materiais devem contemplar uma história familiar do cotidiano do lugar.

Na atualidade as tecnologias (internet) exercem cada vez mais influência na construção do sentido histórico dos jovens, porém os jovens do colégio Estadual do Campo de Bituva das Campinas se utilizam de fontes familiares para dar sentido histórico ao município.

4.4.2 A ORIGEM DO NOME DO MUNICÍPIO “FERNANDES PINHEIRO” E A FORMAÇÃO DE SENTIDO HISTÓRICO

Neste capítulo apresento algumas ideias expostas pelos estudantes com relação à origem do nome da cidade. A principal questão respondida foi como se originou o nome Fernandes Pinheiro? Neste sentido, são relevantes as ideias de fundação, criação e formação. É importante entender que há uma construção histórica em torno do nome, e que não surge ao acaso. O nome da pessoa que originou Fernandes Pinheiro está na consciência histórica dos jovens.

Na investigação nove jovens estudantes citaram o nome da pessoa a qual deu origem ao município de Fernandes Pinheiro. É interessante observar que as informações dadas pelos jovens são superficiais, ou seja, usa-se uma frase apenas para explicar as hipóteses origem do nome Fernandes Pinheiro.

QUADRO 4: ORIGEM DO NOME FERNANDES PINHEIRO DE ACORDO COM AS RESPOSTAS DOS ALUNOS

QUADRO 4		
Estudantes	Nome do Professor que Deu Origem ao Município	Profissão
A1	Antonio Fernandes Pinheiro	Operário
A6		Engenheiro
A4		Arquiteto
B2		Engenheiro
B6		Engenheiro
B8	Antonio Russo Fernandes Pinheiro	
C9	Antonio Augusto Fernandes Pinheiro	Trabalhador
C1	Augusto Antonio Fernandes Pinheiro	Fundador
C3	Antonio Augusto Fernandes Pinheiro	Diretor

Fonte: O Autor (2018)

O quadro 4 indica um sentido histórico em torno do nome “Antônio Augusto Fernandes Pinheiro” apresentado pelos alunos constrói uma visão de que, este homem seria o criador do município. A figura de uma consciência histórica fundadora indica um sentido histórico tradicional. Um dos pontos analisados é a função que Antônio Augusto Fernandes Pinheiro exercia. Há certa confusão, pois não se sabe realmente qual a função ele desempenhou (operário, engenheiro, arquiteto, diretor), por isso ocorre um desvio no sentido histórico, toda a escolha do nome da cidade se resume ao nome de Antônio Augusto Fernandes Pinheiro. As narrativas dos jovens provocam para uma reflexão do período de formação da cidade entre 1907 e 1917, quando foi nomeado o município. As narrativas apresentam um sentido histórico de origem, fundação e criação que permite entender qual processo histórico o município surgiu. Observe alguns fragmentos colocados pelos estudantes.

QUADRO 5: CATEGORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS ORIGEM DO NOME DA CIDADE.

QUADRO 5		
ORIGEM DO NOME DA CIDADE		
Estudante	Categoria	Narrativa
B4	Construção	Sei que o nome do município Fernandes Pinheiro foi elegido porque foi uma homenagem ao primeiro engenheiro que construiu a linha férrea ligando a outras cidades da região.
B3	Criação	Fernandes Pinheiro foi nomeado a partir de um engenheiro que criou as estradas de ferro. Então esse engenheiro foi homenageado com seu sobrenome.
C6	Fundação	O nome Fernandes Pinheiro acredito que surgiu por causa de seu fundador que se chamava Augusto Antônio Fernandes Pinheiro.
B8	Construção	Sei que esse nome foi dado por causa de quem construiu a linha ferroviária, era o nome de um operário.

Fonte: O Autor (2018)

As narrativas apresentadas fazem parte da memória dos jovens que constroem motivos e causas da escolha do nome do município. Eles apresentam as formas como teria ocorrido o processo (por escolha, por nomeação, ou por eleição). Isso está em uma construção que traz sentido e transforma Antonio Augusta Fernandes Pinheiro em sujeito histórico que fundou o município. A própria homenagem que se faz a pessoas importantes da história local, tem um sentido histórico, pois a lembrança do nome esta condicionado as homenagens. Nas histórias locais é comum homenagear figuras influentes da história nomeando municípios e comunidades e instituições. Essas homenagens formam sentidos pois há uma relação consistente entre passado, presente e futuro. Ela é dada no passado, reflete no presente e continuará sendo lembrada no futuro. E fazem parte da atribuição de sentido pela política local a fim de eternizar seus personagens.

Os estudantes não apresentam temporalidade da escolha do nome, no entanto pode-se perceber que a partir da investigação que, Fernandes Pinheiro fez parte de um processo

mais amplo (A construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul) e a formação das estações ferroviárias ao longo do trajeto da ferrovia.

Dessa forma a escolha do nome do município é um ato político que constrói sentido histórico do início da cidade. Como se vê os acontecimentos do passado justificavam a escolha do nome, que é lembrado pelos jovens no presente. As narrativas apresentam uma ideia de permanência a qual mostra o pioneiro que originou o município está vivo na consciência histórica dos jovens. Para isso é relevante nesta pesquisa investigarmos o sentido histórico formado em função da linha do trem.

4.4.3 A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA FERNANDES PINHEIRO E A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO HISTÓRICO

Continuando a investigação de sentido histórico apresentado pelos jovens, interligado as ideias da escolha do nome do município está a estação Ferroviária Fernandes Pinheiro. A estação é o espaço que dá sentido ao início do povoado. Desta forma representa um período da história o qual, a cidade fez parte. A construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande contribui para surgimento das estações ao longo do traçado da linha do trem.

A estação ferroviária está na memória histórica dos jovens que problematizam o papel da ferrovia na formação da cidade. Neste sentido torna-se um marco histórico fundamental de origem do município. Ou seja, o município iniciou a partir da construção da estação ferroviária. As respostas dos jovens constituem o período histórico do início do século XX que compreende as formações dos povoados em função das estações ferroviárias. Então, a economia, a política, a cultura local era influenciada pela construção da estação ferroviária. Por outro lado, as narrativas históricas apresentadas da estação ferroviária levam a perceber a inserção do povoado Fernandes Pinheiro em um processo histórico mais amplo, o da economia paranaense. Anteriormente a construção da estação ferroviária o povoado chamava-se Imbituvinha, portanto mostra um período de transição na história do Distrito Fernandes Pinheiro. A estação divide a história local em dois nomes da cidade Imbituvinha, e Fernandes Pinheiro e faz-se uma formação de sentido histórico baseado na seguinte sequência: Nome do engenheiro, Antonio Augusto Fernandes Pinheiro, nome do município Fernandes Pinheiro. Esta sequência representa um passado vivo na memória dos jovens os quais produzem sentidos históricos no presente. Um ponto

positivo nas narrativas é que, apesar de escreverem em frases fragmentadas os estudantes conseguem fazer as ligações dos nomes dando-lhes sentido a história local. Na consciência histórica dos jovens a estação ferroviária é ponto de partida na formação da cidade.

O sentido histórico remonta para uma série de cidades que surgiram ao longo da linha do trem. Iniciava-se pelas estações ferroviárias, onde eram formados os povoados, mais tarde estas formadas ao redor das estações se constituíram em cidades. A lembrança da estação ferroviária é fundamental na compreensão dos processos de sentido histórico, principalmente com ênfase na economia local. Portanto, a construção da linha férrea contribui no desenvolvimento da localidade, viabilizando outras economias, como a madeireira e a erva mate, etc.

A seguir são apresentadas algumas narrativas que mostram o sentido histórico em torno da estação ferroviária.

QUADRO 6: CATEGORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS E A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA FERNANDES PINHEIRO.

QUADRO 6		
Estudante	Categoria	Narrativa
B1	Ideia de surgimento.	Fernandes Pinheiro surgiu a partir da estrada de ferro, assim como muitas outras cidades. As cidades aqui são próximas por que o trem precisava ser abastecido de lenha e água, tanto que a linha do trem normalmente ficava bem perto dos rios.
C10	Ideia de geração do município	Fernandes Pinheiro se gerou com a estrada de ferro que ligava ao Rio Grande e passava por Fernandes antes de tudo se chamava Imbituvinha pertenceu a Imbituva depois Irati e Teixeira Soares.
B13	Ideia de Nascimento do município	Fernandes Pinheiro nasceu pela construção da ferrovia que passa pela localidade.
A8	Ideia de lembrança e existência	Sei que ali em Fernandes Pinheiro muito antigamente existia uma estação de trem, e que agora ela está parada. A casa passou a ser o clube de mães onde doam roupas.

Fonte: O Autor (2018)

As ideias de (geração, nascimento e existência), denotam a importância da estação ferroviária na formação do sentido histórico dos jovens. A história narrada pelos estudantes não se concentra em data, porém, constrói uma relação entre passado e presente que estão expostas pelas palavras (chamava, antigamente). Isso significa que estas palavras têm relação com o passado. Elas demonstram uma relação da memória do passado com o tempo presente. Permite pensar os aspectos de mudança gerados após a construção da estação Ferroviária Fernandes Pinheiro. Além disso, refletir as narrativas como parte de uma imagem que se faz representativa no presente. Uma questão importante é que a estrutura física da Estação Ferroviária não foi destruída, portanto é possível construir sentido histórico pela visualização do patrimônio cultural. Formando uma história viva a partir do movimento da consciência histórica e conclui-se que a formação da cidade tanto na escolha do nome, quanto na memória da estação Ferroviária faz parte da criação de sentido histórico, o qual os estudantes organizam seu pensamento.

4.4.4 SENTIDO HISTÓRICO E NARRATIVAS DO COTIDIANO

Neste subtítulo são apresentadas algumas ideias de sentido histórico baseado nas memórias do cotidiano dos estudantes. Elas mostram as experiências do dia a dia representando aspectos da cultura histórica local composta por costumes, crenças, festas, brigas. São narrativas históricas apresentadas pelos jovens para dar sentido as experiências contadas pela família e retratam a cidade de Fernandes Pinheiro composta por ideias dos tempos dos familiares. São relatos que transmitem sentimentos de pertencimento produzindo um sentido de identificação com o lugar em que vivem. Os estudantes fazem um movimento de sentido histórico ao produzir significados no presente. Expressam uma relação do que existia e não existe hoje pelo aspecto da mudança. As experiências do cotidiano são usadas para dar sentido a história local e, é parte de uma história vivida pelos jovens.

Na representação dos sujeitos da história é importante lembrar-se do papel dos familiares, na formação do sentido histórico dos filhos. Ou seja, os jovens dão sentido as histórias contadas pelos pais. Os estudantes criam sentidos históricos baseado em memórias da história local, procurando articulá-las as vivências práticas do dia a dia. Por meio da cultura. Assim as narrativas registram informações relevantes para entender a formação cultural do município.

Os costumes, as crenças, as brigas fazem parte da cultura local e transmitem significados e sentidos para aqueles que rememoram as situações vividas na comunidade. Estes fatos históricos são lembrados por meio da tradição oral contada de pessoa para pessoa. É uma história que está diretamente ligada a vida prática dos estudantes. As histórias do cotidiano são importantes para as localidades, e que não esta inserida na história oficial da cidade. Estas narrativas têm relação com os processos históricos locais como a formação das comunidades.

Os acontecimentos da história local são usados simbolicamente para dar sentido histórico as tradições culturais. Estas histórias conservam seu valor ao longo do tempo. Estes acontecimentos narrados da cultura local ganham significados pela ativação da consciência histórica dos jovens. Por isso, as narrativas históricas do cotidiano devem ser interpretadas construindo um debate sobre as construções dos costumes, das crenças da cultura local fazem parte de uma história viva que está na memória histórica local.

A seguir apresenta (quatro) narrativas que expressam os aspectos do cotidiano e da cultura local.

QUADRO 7: CATEGORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS DO COTIDIANO.

QUADRO 7		
Estudante	Categoria	Narrativa
A1	A perda das tradições	quando meus parentes vêm visitar minha avó agente sempre faz uma roda e começamos a conversar sobre o passado os costumes a cultura deles. meu pai contava das festas que tinha nas comunidades e era bem diferente de hoje, até álbuns de fotos nós começávamos a ver e era tão diferente a cidade e até mesmo as comunidades. Muitos lugares foram feitos novas construções e outros lugares que haviam casas não existe mais nada. Eles perderam a tradição de romaria, bailes etc. muitas não trabalham mais em roças não tem mais animais perdeu-se muito da tradição.
A2	A lenda do choro da criança e o sentido histórico.	Eu sempre morei em Balão I, e um lugar tranquilo antigamente tinha muitas moradores lá tinham brigas mais ao passar do tempo foram todos morrendo, e uma vez um morador que morava lá, morreu uma criança e eles a enterraram no mato. Com o tempo o lugar foi modificando, agora, por exemplo, é um tanque que é usado para irrigação das lavouras. E quando a gente vai lá tem tipo um choro de uma criança é muito estranho isso. E quando estamos voltando aquele choro desaparece de repente.

A7	Cultura local e sentido histórico.	Meus pais contavam que no tempo deles havia muitas festas, bailes, eles sempre iam passear nas casas de seus amigos tomavam chimarrão. Não tinha tempo para ir na escola, porque tinham que trabalhar, não tinham transporte para levar até a escola. Largavam cedo de estudar minha mãe estudou somente até a 4º série meu pai conseguiu estudar mais até o 8º ano, mas largaram os seus estudos para trabalhar. As coisas eram mais difíceis naquela época não havia muito dinheiro e as coisas eram mais caras. A cidade evoluiu muito no lugar onde moro (Assumgui) existe a muitos anos é do tempo dos meus bisavós antigamente morria muito por traição, matavam muitas pessoas, minha vó contava que existia muitas cruzes espalhadas pela estrada.
A3	As brigas por motivo de terras e sentido histórico	Meu sogro fala sobre uma briga que houve entre pessoas por causa de terras aqui nas campinas e que foi uma “guerra” pois foi bem sério e foi muito violento.

Fonte: O Autor (2018)

Estas narrativas mostram os costumes, as festas, os bailes, as brigas, as lendas que caracterizam a cultura local. Na primeira citação são relatadas as festas, as criações de comunidades e a extinção de outras pela construção de casas. Aspectos do passado são lembrados como perda da tradição exemplo: Romaria, bailes e trabalho com animais. Isso é relevante no sentido de entendermos as mudanças nos costumes locais. Podemos refletir a relação dessas tradições do passado com a vida prática dos jovens no presente.

Na segunda citação é narrado uma lenda a do “choro de uma criança”, isso faz sentido, pois a lenda é difundida a partir da oralidade. A lenda do passado tem sentido no presente e continuará sendo lembrada no futuro.

Na terceira citação o estudante relata as dificuldades dos pais na frequência escolar por motivo do trabalho nas lavouras. Além disso, lembra a questão da morte nas localidades, as quais ocorriam muitas vezes por motivos de traição. O lugar onde morria uma pessoa era colocado uma cruz e que traz sentido histórico, pois tem a função de eternizar nas memórias que em determinados lugares houve morte. A relação passado, presente e futuro se faz pela visualização destas cruzes quando relembram a pessoa que morreu no local.

Na quarta situação apresenta narrativa sobre uma briga que aconteceu na comunidade de Bituva das Campinas por motivo de disputas de terras. O relato é

superficial sem se ater em muitos detalhes, o qual a lembrança das brigas por causa de terras leva a outras discussões por exemplo a violência no campo.

4.4.5 SENTIDO HISTÓRICO FORMADO DA LOCALIDADE DE BITUVA DAS CAMPINAS

A comunidade de Bituva das Campinas é o lugar onde está localizado o Colégio Estadual do Campo Bituva das Campinas, por isso os jovens constroem sentidos do passado da localidade. Eles constroem uma ideia de como teria iniciado o povoamento próximo a escola. As reflexões foram feitas por jovens que principalmente tem familiares, ligados aos acontecimentos históricos locais Busquei investigar como e feita a ligação da história da comunidade e a do colégio e como isso tem sentido histórico para os estudantes. As narrativas possibilitam perceber as ideias de construção, fundação as quais constituíram a comunidade no que é atualmente. Estas imagens de uma localidade que estava no centro de desenvolvimento do município pela produção da madeira. As narrativas dos jovens contam uma história de sentido familiar.

Estas narrativas demonstram forte influência da família Malanski na formação da comunidade. É o que caracteriza a história comunitária de sentido político, a qual tem por função ressaltar o pioneirismo e a importância de personagens da história local que no passado fizeram parte da história dando-lhes significados no presente.

Estas narrativas mostram o pioneirismo da família Malanski a partir da lembrança da importância dela na colaboração e formação do lugar. No pensamento da história local esta impregnado, que o povoamento da localidade surgiu por meio da doação do terreno para construção da escola. Neste sentido a construção da escola foi fundamental para o crescimento da comunidade.

A narrativa é usada convencionalmente para dar sentido a história da família, bem como da ligação direta que ela tem com o progresso do lugar. Desta forma é feita uma construção social que fornece sentido histórico para comunidade. A família é colocada acima de outros acontecimentos que ocorreram no passado, tudo está condicionado a família como a construção do colégio e da igreja, além das festas que ocorriam no lugar. Portanto pode-se lembrar a história do período, chamado pela historiografia de república velha, o qual era recorrente a influência de famílias importantes nas localidades (o coronelismo). Assim a partir desta narrativa podemos refletir sobre vários momentos da

história do Brasil em que Fernandes Pinheiro está inserido. Então, a família, colaborou para fundar a comunidade no passado e continua influenciando no presente e nas memórias continuará para as gerações futuras.

QUADRO 8: CATEGORIZAÇÃO DO SENTIDO HISTÓRICO DA LOCALIDADE DE BITUVA DAS CAMPINAS

QUADRO 8		
Estudante	Categoria	Narrativa
A6	Sentido histórico familiar	Sei que Bituva das Campinas foi formada a partir da colaboração de Francisco Malanski meu tio, que doou o seu terreno para a construção do colégio e da igreja, com isso mais pessoas vieram morar aqui sem ter que ir para outro lugar procurar ensino aos filhos, Francisco Malanski promovia grandiosas festas para a população que faziam o maior sucesso. Além disso empregava várias pessoas em sua fazenda. A casa de seu filho Jango Malanski ainda esta de pé perto da escola, mas eles atualmente residem em Irati mas vem aos finais de semana passear na casa com sua esposa Elsa e seu filho Joel.
A5	Sentido histórico familiar	O Francisco Malanski deu o terreno e foi fundado a escola e pagou para formar a escola e igreja em Bituva das Campinas.
A3	A memória transmitida ao longo do tempo	Eu quando vim mora aqui não sabia muito, nem sabia que existia Fernandes Pinheiro, mas casei com um homem do Bituva dos Lucio, assim fiquei sabendo sobre a escola e voltei a estudar, fiquei sabendo que este terreno foi doado por fim da família malanski, e que antes ela não era chamada de Escola estadual do campo Bituva das campinas
A11	O papel da família Malanski na formação do sentido histórico	O Bituva das campinas foi fundado a partir do senhor Francisco Malanski que cedeu seu terreno para ser feito a construção da igreja e seu respectivo pavilhão para festas, e também a escola, assim a população permanece aqui com certeza essa doação de Francisco Malanski ajudou muito a formação da comunidade.

Fonte: O Autor (2018)

O personagem da história local Francisco Malanski ultrapassa a linha do tempo do passado e está na memória do presente dos jovens. A ideia central é ressaltar a importância desse personagem na formação de sentido histórico local. Desta forma, o marco temporal

fundador da comunidade é a chegada da família Malanski e a respectiva doação do terreno para construção da escola. Portanto, o sujeito na história é Francisco Malanski, que promoveu uma mudança na história da comunidade a partir de sua participação. Pode-se também perceber que o município passava por um processo histórico que caracterizava a necessidade da construção de escolas para facilitar o acesso ao ensino. Para isso, as famílias com grandes quantidades de terras doavam partes destas para construir escolas com a intenção de oferecer ensino aos filhos dos trabalhadores da fazenda e de sua família.

O acontecimento histórico da doação é uma realidade construída do lugar que significa perceber em qual contexto a escola foi inserida. Neste capítulo tentei investigar o sentido histórico formado em torno da formação da localidade observei que na base do sentido histórico do lugar está a memória sobre a família Malanski é que ajudou a localidade pela doação de terras para construção da escola.

4.4.6. SENTIDO HISTÓRICO E AS MEMÓRIAS DO MUNICÍPIO MÃE TEIXEIRA SOARES

Neste subtítulo: investiguei o sentido histórico construído sobre o município de Teixeira Soares o qual, Fernandes Pinheiro era distrito antes de sua emancipação. O objetivo é perceber como o município de Fernandes Pinheiro estava inserido no contexto regional anterior a emancipação, bem como suscitar a reflexão a partir do antes e depois da mudança de município. Uma das intenções foi investigar se os estudantes conseguiam perceber quais os motivos que levaram a emancipação. As reflexões apontadas pelos jovens são fundamentais para entender o sentido histórico político da cidade. É também importante na formação de um sentido histórico de pertencimento ao relacionar a história em que Fernandes Pinheiro fez parte. Além de construir um sentido histórico para a mudança de município. Todavia as informações são simplificadas como se a mudança de Teixeira Soares para Fernandes Pinheiro fosse um ato mágico. O ato da lembrança do município, mãe serve de base para comparações entre passado, presente e perspectivas do futuro. Desta forma são ressaltadas várias possibilidades que levaram o município de Fernandes Pinheiro a emancipar-se. Portanto é uma história de sentido político que permite investigar um período de transição. Também contar uma história do passado fernandespinheirense significa perceber que a emancipação política é um marco cronológico na história local a qual engloba a história dos dois municípios. A ideia de

município mãe é colocada para Teixeira Soares na condição de município o qual, Fernandes Pinheiro teve origem política, todavia relembrar do município de origem é buscar um espaço de afirmação ressaltando os benefícios que o município de Fernandes Pinheiro teve a partir da emancipação. O ato de desmembramento do município de Teixeira Soares é visto como um fato de pertencimento, entretanto as experiências políticas, culturais, são lembradas secundariamente ou nem são lembradas, como fatores que possibilitaram a emancipação.

A seguir apresentarei algumas narrativas que permitem refletir, sobre essa temática.

QUADRO 9 - CATEGORIZAÇÃO DO SENTIDO HISTÓRICO: MEMÓRIAS DO MUNICÍPIO MÃE (TEIXEIRA SOARES)

QUADRO 9		
Estudante	Categoria	Narrativa
C2	Sentido histórico e a questão do território	Em questão de território vale lembrar-nos que Fernandes Pinheiro fazia parte de Teixeira Soares cidade que hoje são vizinhas talvez algumas décadas atrás outra cidade queria se tornar independente que hoje é a atual Fernandes Pinheiro é assim como atualmente as duas são divididas.
C8	Tamanho do território	Nos últimos anos tenho em mente que o nosso município Fernandes Pinheiro pertencia a Teixeira Soares e que de acordo com o tamanho do mesmo ele passou a ser município.
B3	Sentido histórico e a quantidade de moradias	Antes em Fernandes Pinheiro não havia muitas moradias e com as primeiras moradias a comunidade foi crescendo. Basicamente antes Fernandes Pinheiro era da comunidade de Teixeira Soares.
B4	Ideias de abrangência	A história do município em que vivo é basicamente assim: antes de Fernandes pinheiro se emancipar politicamente, ele fazia parte do município de Teixeira Soares que abrangia todas as localidades, comunidades do município atual. Desde a emancipação política em 1997, Fernandes Pinheiro está crescendo na cidade e no campo.

Fonte: O Autor (2018)

Ao investigar as duas primeiras narrativas percebe-se que a questão territorial (fator geográfico) é colocado em primeiro lugar como motivo para emancipação. No entanto, até mesmo o território pode ser pensado como sentido histórico, pois o território muito grande

no passado justifica um fato histórico (a emancipação), além disso, o território diminuiu ao longo do tempo mostrando a influência de fatores históricos na questão territorial. O acontecimento da emancipação está condicionado ao território. A mudança de território é perceptível ao longo do tempo. Assim o significado e registro de tal situação tem sentido histórico para Fernandes Pinheiro, pois o município mãe Teixeira Soares era muito grande territorialmente o que justificou a emancipação. A palavra “fazia” remete ao passado das duas cidades e tem um sentido para o presente. Isto serve para mostrar uma ruptura histórica no município de Teixeira Soares com o desmembramento de um novo município.

Outro aspecto geográfico, é o número de moradias, que dá sentido histórico para as questões de desligamento do município mãe Teixeira Soares, ou seja, Fernandes Pinheiro pertencia a Teixeira Soares porém, com o crescimento no número de casas foi necessário a emancipação. Isso significa que a partir de fatores geográficos é possível estabelecer sentido histórico a comunidade local.

Como visto é comum nas narrativas dos jovens ideias de pertencimento ao município mãe Teixeira Soares, porém essa lembrança está no presente como uma forma de memorizar tempos de dificuldade. Para isso, a ideia de crescimento do município de Fernandes Pinheiro está relacionada no tempo com o desmembramento de Teixeira Soares. Portanto eles constroem um lugar fundamentado na contradição entre passado e presente. De certa forma os estudantes não negam a importância do município de Teixeira Soares, no entanto veem o desmembramento da cidade de Fernandes Pinheiro de forma positiva.

Observou-se que na consciência histórica desses jovens os fatores geográficos aparecem como marcadores da passagem temporal, contudo questões políticas, econômicas e culturais não são lembradas como fundamentais para a emancipação política o que contradizem as fontes oficiais. Enquanto as fontes oficiais ressaltam a importância de lideranças da política local, as narrativas históricas dos jovens colocam os fatores geográficos. Os problemas políticos do município mãe Teixeira Soares, não são importantes para justificar a emancipação, mas a questão de tamanho do território. Então, apesar de ocorrer uma ruptura política após a emancipação, o município de Teixeira Soares faz parte do pensamento histórico dos jovens na afirmação do sentido histórico do nosso município.

4.4.7 SENTIDO HISTÓRICO E A QUESTÃO DE TEMPORALIDADE

O objetivo deste subtítulo é investigar como a questão temporal é percebida pelos jovens, a partir disso refletir sobre os marcos cronológicos que sustentam um sentido histórico da cidade, além disso, identificar o que estas datas têm em relação a história oficial. É importante para constituição de sentido histórico, perceber que estas datas influenciam vários acontecimentos da história local, festas municipais e a constituição do ordenamento político do lugar. Desta forma, os marcos cronológicos são constituintes de uma história de sentido político. A data demonstra um fator de memória de um determinado acontecimento, todavia, esta data pode estar colocada superficialmente. Assim, ficam ocultos os acontecimentos, as ocorrências históricas pois as datas encobrem situação e sujeitos que as definiram. Os estudantes apresentam datas que delimitam a separação entre Teixeira Soares e Fernandes Pinheiro, o marco cronológico é a emancipação política administrativa.

A seguir apresento narrativas que destacam estes marcos cronológicos da história da cidade.

QUADRO 10 – CATEGORIZAÇÃO DO SENTIDO HISTÓRICO E TEMPORALIDADE

QUADRO 10		
ESTUDANTE	CATEGORIA	NARRATIVA
C3	Nascimento e emancipação	Em 10 de dezembro de 1995 nasceu a emancipação, assim vindo a ser criado o município, que em todos os anos nesse dia acontece uma grande festividade no município em comemoração a esse dia que se tornou tão importante.
C6	Opção e emancipação	Há 16 anos atrás mais o menos, Fernandes Pinheiro fazia parte de Teixeira Soares com isso optaram que Fernandes Pinheiro devia ser um município para atender melhor a sua localidade com o objetivo de adaptar melhor formas para sociedade como plano de saúde e empregos.
C5	Ideia de crescimento e riqueza	O município de Fernandes Pinheiro tem 17 anos, de uns tempos para cá Fernandes vem crescendo em várias coisas se tornando uma cidade cada vez mais rica

Fonte: O Autor (2018)

A primeira narrativa apresenta o dia 10 de dezembro de 1995 como marco político de fundação da cidade. O ato da emancipação produz um sentido histórico de nascimento e de criação, que constitui uma relação de mudança temporal, após esta data. Ela baliza uma ruptura política administrativa e territorial do município de Teixeira Soares. O sentido histórico é perceptível, pois a data 10 de dezembro de 1995 indica um marco cronológico que serve de referência para os acontecimentos do presente e do futuro, como exemplo: as festas realizadas no município. Esta narrativa produz uma informação superficial concentrada em um dia importante e que merece ser comemorado, isto é característica principal de uma história de sentido político.

A ideia apontada na segunda narrativa é que a emancipação foi uma opção tomada pela comunidade de Fernandes Pinheiro, e que esta data não teria ligação com um processo histórico. O atendimento por meio de políticas públicas, justifica um sentido histórico de ocorrências após a data da emancipação. A data indicada pelo estudante apresenta uma projeção para o futuro a partir do estabelecimento de objetivos.

Na terceira narrativa o sentido histórico é proposto por meio de uma comparação anterior a data da criação do município. O crescimento aparece como justificativa de mudança temporal. Anteriormente a esta data a cidade era pobre sem perspectivas de futuro, todavia no presente é rica com perspectivas de crescimento.

4.4.7.1 A RELAÇÃO PASSADO, PRESENTE E FUTURO NOS ÚLTIMOS 50 ANOS DA HISTÓRIA LOCAL

Agora vou colocar alguns exemplos de narrativas que demonstram o sentido histórico da cidade centrado em perspectivas de mudança de continuidade, as quais permitem entender a percepção de progresso e de evolução temporal. Os estudantes apresentam acontecimentos que justificam as mudanças temporais. Estas narrativas identificam percepções de uma cidade em constante progresso.

QUADRO 11 – CATEGORIZAÇÃO EM RELAÇÃO PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA HISTÓRIA LOCAL.

QUADRO 11		
Estudante	Categoria	Narrativa
C4	Integração a região	Podemos dizer que nos últimos 50 anos atrás Fernandes Pinheiro não era um município de bastante integração a sociedade. Ao passar dos tempos varias opções foram surgindo como: academia ao ar livre, parquinho, cada vez mais foi crescendo.
C12	Sentido de mudança	Fernandes Pinheiro mudou muito durante estes 50 anos porque antes não tinha ônibus e mochilas para ir a escola era tudo a pé, e também a merenda cada aluno tinha que levar algo para a merenda fazer na escola. E muitas pessoas não tem estudo porque antigamente eles também tinham que trabalhar para ajudar seus pais na casa, mas agora só não estuda quem não quer porque agora mudou tudo tem ônibus, tem material escolar, tem merenda, tem professores. Antigamente muitas pessoas utilizavam o cavalo para ir a escola. Antigamente o cavalo custava caro e agora muitas pessoas tem trator outros maquinários e se desfazem dos cavalos bem barato ou as vezes até dão os cavalos.
C7	Progresso	Nos últimos 50 anos Fernandes Pinheiro fazia parte de Teixeira Soares hoje Fernandes Pinheiro tem seu município então foi nomeado o primeiro prefeito Emilio que assumiu o município hoje em dia esta muito melhor do que era 50 anos atrás pois tem vários postos de saúde e atendimento médico bom. Também tem transporte escolar. As escolas hoje em dia estão cada vez melhor, nos últimos 50 anos atrás também não havia asfalto em grande parte de Fernandes Pinheiro, hoje as ruas estão cada vez melhoras.

Fonte: O Autor (2018)

A primeira narrativa indica um aspecto positivo que está presente na história dos últimos 50 anos, é o de integração. A palavra integração tem sentido histórico de progresso a partir de um acesso facilitado aos municípios vizinhos e também aos recursos públicos como: escola, estradas e saúde. O crescimento passa por uma serie de melhorias que

ocorreu nos últimos 50 anos. Integração significa que no passado havia a dificuldade do acesso aos bens públicos e aos produtos de consumo.

A segunda narrativa tem como foco central demonstrar as dificuldades de acesso à educação e traz a mensagem da evolução do processo educacional da cidade. Neste sentido ônibus, mochila, merenda, aparece como fatores que destacam um período histórico. A mudança temporal e percebida pelo modelo de transporte ao deslocamento até a escola, que no passado usava-se o cavalo e no presente usa-se o ônibus. O registro dessas situações tem significado para comunidade, pois compreende as mudanças no processo histórico educacional, além de conseguir interpretar o mundo a sua volta, assim o passado é usado na justificativa dos progressos do lugar. A palavra “antigamente” representa o passado, e a palavra “agora” representa o presente as quais são usadas para estabelecer uma relação temporal.

A terceira narrativa constrói uma história de sentido político que corresponde ao período a pós emancipação quando foi nomeado o primeiro prefeito da cidade “Emídio Serpe”. Neste caso o período anterior a emancipação política pode ser interpretado como passado atrasado, o qual não tinha escola, transporte, médico, porém após a emancipação isso passou a existir. As mudanças nestas áreas da história local se intensificam com a nomeação do primeiro prefeito. Desta forma há uma linha da história política local, que nos últimos 50 anos, 30 foram como distrito de Teixeira Soares e 20 anos da emancipação em diante. Segundo esta narrativa o presente é visto como uma temporalidade de progresso, isso se explica pelas palavras “hoje em dia está muito melhor”.

Neste subtítulo tentei buscar nas narrativas as relações temporais no pensamento dos jovens que demonstram a relação passada, presente e futuro tentando perceber as mudanças que ocorreram nos últimos 50 anos. Além disso reflito sobre os principais marcos cronológicos que balizam a história local.

De forma geral as narrativas apresentam uma perspectiva de progresso, como se vê nas comparações entre passado e presente. Constatou-se que na história dos últimos 50 anos, entende-se como marco mais importante a mudança de Teixeira Soares para Fernandes Pinheiro.

4.4.8 SENTIDO HISTÓRICO E POLÍTICA LOCAL

Neste capítulo investiguei a história de sentido político identificado nas narrativas dos jovens. O objetivo disso é apresentar quais personagens da política local aparecem com maior frequência construindo um sentido para história. Das 39 narrativas da história local em 14 delas aparecem personagens da política local, estas lideranças representam o período após a emancipação quando teve início com a primeira administração municipal.

QUADRO 12 - PRINCIPAIS NOMES DA POLÍTICA LOCAL LEMBRADOS PELOS JOVENS

QUADRO 12		
Nome	Nº de Vezes que Foi Lembrado	Função que Exerce
Emigdio Serpe	4	Primeiro Prefeito de 1997 á 2000
Cleonice Schuk	4	Atual Prefeita
Elias Loss	2	Prefeito Municipal entre 2001 à 2004
Nei Rene Schuk	2	Prefeito Municipal entre 2005 e 2012
Oziel Neivert	2	Prefeito Municipal entre 2013 e 2016

Fonte: O Autor (2018)

O quadro 12 constrói uma relação temporal de ordem cronológica do 1º prefeito Emigdio Serpe até a atual prefeita Cleonice Schuk, são lembrados 4 vezes cada, demonstrando uma relação entre o passado e o presente. O interessante é que na minha investigação não aparece nomes da política anterior a emancipação política. Entretanto, muitos destes prefeitos lembrados já exerciam papel de lideranças locais anteriormente a emancipação, porém só foram lembrados quando assumiram cargos de mandato como prefeito. Outro ponto importante é que na história de sentido político, os perdedores nas eleições não são merecedores da lembrança ficando no esquecimento da história local. A peculiaridade é que na história da cidade, a família Schuk ficou no poder por cerca de 10 anos. As narrativas apresentam uma seqüência de prefeitos que está na consciência dos jovens.

QUADRO 13 – CATEGORIZAÇÃO DO SENTIDO HISTÓRICO E POLITICA LOCAL.

QUADRO 13		
Estudante	Categoria	Narrativa
B5	Após a Emancipação	Então foi nomeado nosso primeiro prefeito Emidio e daí em diante o nosso município foi evoluindo com novas construções públicas, construção de postos de saúde, escolas, compra de automóveis, máquinas estaduais, e com o grande progresso de construção de alguns Kilometros de asfalto para o mais rápido trafego.
C9	Sequência de prefeitos	Primeiro prefeito do município foi Emidio, o qual fez grande evolução na localidade, os próximos foi Elias e Nei Rene Schuk, Oziel Neivert e Cleonice Schuk que atualmente é a prefeita do município.
C1	Participação da mulher na política	O primeiro prefeito foi Emidio, nos dias de hoje temos a primeira prefeita mulher Cleonice Schuk

Fonte: O Autor (2018)

Na história da política local, outra peculiaridade é que a eleição para a primeira gestão entre 1997 e 2000 foi com candidato único o senhor Emigdio Serpe, e, é por isso que a primeira narrativa diz que foi nomeado o primeiro prefeito. A Posse ocorreu em 1º de janeiro de 1997, como prefeito municipal, porém a nomeação para o cargo de prefeito foi com a indicação a candidatura. Após a nomeação da primeira administração, são apresentadas perspectivas que organizam a história local, como exemplo: “evolução e progresso”, são construções que demonstram uma relação temporal entre passado, presente e futuro. Essa história é construída em aquisições importantes para o município como: postos de saúde, escolas, automóveis e a construção de asfalto. Estas aquisições são fruto das administrações da política local, e dão um sentido temporal, permitindo compreender que cada aquisição possui uma temporalidade. A construção de um posto de saúde tem um marco temporal assim, como a construção de uma escola ou a compra de um automóvel este marco temporal define um sentido histórico. As datas de construção são ligadas aos nomes da política local, é por isso que muitas construções publicam levam o nome de personagens da política local. Por outro, lado as aquisições de um bem público, por parte do prefeito, caracteriza aspectos de mudança na história local, pois o que não existia no

passado, passa a existir no presente. Portanto determinadas obras estão ligadas diretamente ao prefeito.

A segunda narrativa mostra uma sequência de prefeitos colocada pelo estudante e caracteriza a história de sentido político. Cada prefeito corresponde um período da história, e está organizado em uma cronologia do primeiro prefeito até a atual prefeita.

Na terceira narrativa são lembrados somente o primeiro prefeito e atual prefeita, e constrói uma relação de sentido histórico pois passado e presente estão estruturados a orientar temporalmente o estudante. Outro ponto importante apresentado pelo estudante é a experiência da história política local de se ter a primeira mulher no poder do executivo municipal o que caracteriza uma mudança de sentido temporal, pois no passado a presença da mulher na política não era comum. Esta experiência está condicionada as discussões de gênero, as quais indicam a participação das mulheres nas mais diversas funções da sociedade. Neste sentido lembrar que Fernandes Pinheiro tem uma prefeita mulher é um exercício de pensamento consciente que entende como fundamental a participação da mulher na política. A eleição de uma mulher em 2016 também caracteriza uma ruptura na continuidade de uma sucessão de prefeitos. Esta temática é relevante porque traz a possibilidade de estudo sobre a participação das mulheres na política local, criando novos sentidos, novos significados para interpretação desconstruindo tradições do que a política é um ambiente masculino.

Nesta subtítulo, tentei buscar nas narrativas dos jovens o sentido histórico político que constroem da localidade. Buscou-se compreender quais personagens da política local aparecem com maior frequência.

4.4.9 SENTIDO HISTÓRICO FORMADO PELOS PONTOS TURÍSTICOS DA CIDADE

Neste subtítulo discuto o sentido histórico formado em relação aos pontos turísticos. Além disso, como estes pontos turísticos são apresentados como marcos temporais. Ao relatar um ponto turístico do município passado e presente se encontram pela relação da data de sua criação com as visitas feitas aos locais no presente. Quando visitamos um ponto turístico, logo lembramos quando e quem, construir aquele lugar. Então olhamos o passado para dar sentido ao presente. Assim as mudanças temporais são percebidas e orientam as relações na sociedade local.

QUADRO 14 - PRINCIPAIS PONTOS TURÍSTICOS LEMBRADAS PELOS JOVENS

QUADRO 14		
Ponto Turístico	Nº de Vezes Lembrado	Localização
Parque da Prainha	4	Sede do Município
Estatua de São Sebastião	4	Centro da Cidade
Praça Central	1	Centro da Cidade

Fonte: O Autor (2018)

Como visto 9 estudantes indicaram alguns pontos turísticos os quais estão localizados na sede da cidade e que demonstram a importância destes lugares na construção do sentido histórico do lugar. A construção de pontos turísticos faz parte de políticas públicas para suprir carências do passado, portanto é necessário criar lugares que no futuro passam a ser lembrados. Estes lugares aparecem em uma história recente dos últimos 10 anos e que se fundamentam na forte divulgação deles. Os pontos turísticos fazem parte da vida prática porque foram criados como lugares de lazer e de festividades, assim muitas das atividades da prefeitura são direcionadas a estes lugares. Portanto os pontos turísticos podem ser vistos como espaço de construção da identidade local.

Na criação destes espaços como lugares turísticos estabelecem uma continuidade no tempo pois, o lugar criado no passado continuara vivo no presente e no futuro. Todavia as datas de criação dos pontos turísticos não aparecem nas narrativas mas, somente o fato da memória deles fornece uma relação temporal. Também, após a emancipação foi necessário criar espaços que fornecem sentido a comunidade local, por isso, a criação de uma estátua de São Sebastião faz sentido principalmente a comunidade religiosa. Além disso, a criação de um parque na entrada da cidade, traz a ideia de uma cidade em forte progresso, ao passar pelo parque os moradores do lugar constroem novas narrativas do parque. Assim os moradores de Fernandes Pinheiro formam comparações entre o que existia antes naquele lugar onde esta situado o parque.

Vejamos agora algumas narrativas que formam o sentido histórico a partir dos pontos turísticos da cidade.

QUADRO 15 – CATEGORIZAÇÃO FORMADA PELOS PONTOS TURÍSTICOS

QUADRO 15		
Estudante	Categoria	Narrativa
C4	Construção do Parque da Prainha	Podemos citar também a construção do Parque da Prainha no nosso município, que foi um lugar muito bom para todas as pessoas se divertirem, e para quem gosta de pescaria houve a construção do pesque pague ao município.
C3	Local construído para visitas	Um dos pontos turísticos é o lago da Prainha, muito visitado pelos moradores do interior e da sede, outro lugar onde as pessoas visitam muito é o Santo São Sebastião padroeiro do município
C2	Sentido Histórico e a Estátua de São Sebastião	Então agora vamos falar sobre projetos onde muitos deles podemos afirmar que “embelezam” a cidade. Há muito tempo atrás foi pensado e discutido sobre uma certa estátua de aproximadamente 8 metros de altura para ser empregado no centro da cidade perto da rodoviária felizmente o projeto se deu a sucesso, onde podemos chama - lá de estátua de São Sebastião, que atualmente atrai muitos olhos curiosos para visualizar tamanha beleza
C5	A ligação entre a construção da praça e da imagem de São Sebastião	Fernandes Pinheiro conta também com uma bela praça, que nela contem uma bela estátua de São Sebastião que é considerado o padroeiro da cidade.

Fonte: O Autor (2018)

Podemos perceber na primeira narrativa a importância do Parque da Prainha como um lugar de diversão e de lazer. Neste espaço de diversão estão inclusos de forma indireta outros espaços como, campo de Futebol, centro de eventos, quadra de vôlei, academia ao ar livre e pistas de caminhada e o lago disponível para pesca. Estes espaços considerados turísticos fazem sentido há um município recém-emancipado porque são usados pela comunidade e com isso forma-se a ideia de pertencimento ao lugar. Desta forma o passado continuará vivo no presente e no futuro. As experiências vividas nestes pontos turísticos após suas construções levam as pessoas a construir sentidos históricos do lugar ao lembrar o local e construir projeções para o futuro.

Local construído para visitas

Anteriormente as outras atividades esportivas e de lazer a ideia de construção de um lugar para visitas que a comunidade não tinha aparece como algo significativo para

comunidade. Fernandes Pinheiro precisa ser visto e reconhecido pelas pessoas que visitam estes locais. Cada vez que um morador visita estes pontos turísticos leva consigo uma memória uma lembrança do lugar que permite um sentido histórico significativo.

A terceira narrativa é interessante porque registra um momento importante da história local o qual foi elaborado um projeto político que viabilizou recursos a construção da Estátua de São Sebastião padroeiro da cidade. Segundo o estudante estes projetos “embelezam” a cidade. Assim a construção de uma estátua de São Sebastião é consciente e reflete um momento histórico em que era necessário representar a religiosidade do povo do município. A estátua foi construída num passado recente e é reverenciada no presente e continuará atraindo olhares no futuro. Por outro lado, a simples divulgação da existência de uma imagem em homenagem a São Sebastião estabelece um sentido histórico do lugar que é transformada em lugar de memória e de oração ao Santo. Passado e presente se encontram canalizadas em uma imagem. Então a construção de uma estátua responde às carências de orientação temporal pois não existia algo que representasse a religiosidade do povo da cidade.

É importante lembrar que, foi construída em um lugar estratégico o que dá um sentido a comunidade a qual ao passar diariamente pelo lugar estabelece uma relação passado, presente e futuro.

Neste capítulo busquei refletir sobre as questões que envolvem a criação de pontos turísticos e como eles permitem compreender a ideia de sentido histórico. Após a investigação de algumas narrativas apareceram alguns lugares em destaque o Parque da Prainha, a estátua de São Sebastião e a praça central. Estes espaços possuem uma relação temporal entre as datas de sua criação e o presente da

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário ao final dessa dissertação lembrar o percurso trilhado nessa pesquisa. Inicialmente procurei contar minha trajetória como estudante do curso de licenciatura em história. Bem como, o que levou-me ao interesse nos estudos de história local centrado em narrativas de jovens estudantes. Procurando mostrar a importância do PIBID e do desenvolvimento do TCC nessa caminhada.

A ideia foi trabalhada com a investigação dos sentidos históricos construídos pelos jovens estudantes do ensino médio da Escola Estadual do Campo de Bituva das Campinas sobre a história da cidade de Fernandes Pinheiro Paraná. Para isso, utilizei como metodologia a problematização das narrativas históricas produzidas pelos jovens contrapondo com as fontes já escritas da história da cidade.

A pesquisa trouxe como principal referencial teórico as ideias do filósofo da história alemão Jörn Rüsen o qual, contribui com as investigações nos campos da educação, filosofia e história. O conceito de “sentido histórico” é retirado dos estudos de Jörn Rüsen, que desenvolveu sua teoria centrada nos estudos da consciência histórica.

No primeiro capítulo elaborei um estudo sobre os diferentes enfoques das narrativas historiográficas. Procurando investigar as reflexões e apontamentos construídos por autores da antropologia, sociologia, literatura e história. Este capítulo é um estado da arte da pesquisa e tem sua relevância pois, muitos conceitos apresentados pelos autores podem ser apropriados para o estudo de sentido histórico, exemplo: conceito de “Registro” desenvolvido por Eni P. Orlandi (2006), “Estilo” desenvolvido por Peter Gay (1990), “Enredo” desenvolvido por Hayden White (2008). Portanto as ideias discutidas neste capítulo buscaram perceber o papel das narrativas em diversos campos do conhecimento, além de colocar o contraponto o qual leva uma narrativa se tornar histórica, ou seja a unidade temporal que fornece sentido. Na segunda parte no capítulo 1.2 busquei estabelecer uma relação entre narrativa histórica e o conceito de “Região”, a partir de uma base teórica desenvolvida no mestrado de história de Irati, que tem como área de concentração “História e Regiões”. Neste momento analisamos a distinção entre os termos historiográficos “local e regional”. E finalmente me posicionei ao final do capítulo ensejando que a pesquisa está centrada em um espaço mais reduzido o da cidade e que traz o referencial teórico do filósofo da história Jörn Rüsen. Isso implica um novo olhar para os

estudos de história e regiões, que englobam outros conceitos como o de “sentido histórico” e “consciência histórica”.

No capítulo 2 discuti as principais ideias do filósofo da história Jörn Rüsen refletindo sobre como: narrativas históricas, sentido histórico, consciência histórica. O objetivo deste capítulo foi compreender os principais conceitos de Jörn Rüsen e de que forma eles contribuem nos estudos em história local. Realizou-se uma reflexão das três principais obras de Jörn Rüsen, “Razão Histórica”, (2001, e 2010), “História Viva”, (2007), e “Reconstrução do passado” (2007). Estas obras dão sustentação teórica à pesquisa.

Valendo-se das obras de Jörn Rüsen, procurei problematizar o seu pensamento com base nas discussões da ciência da História. Então partiu-se de conceitos que foram apresentados pelo autor. Assim percebeu-se conceitos fundamentais no pensamento ruseniano “matriz disciplinar”, “continuidade”, “mudança”, “memória histórica”, “competência narrativa”. Todos estes conceitos fazem parte do pensamento do autor que contribuem para problematizar o sentido histórico dos jovens do ensino médio da Escola Estadual do Campo de Bituva das Campinas Fernandes Pinheiro, Paraná. Ao final deste capítulo podemos apontar que, os conceitos apresentados nas obras de Jörn Rüsen, são de grande importância na compreensão da história local, porque podemos pensar as ações humanas na prática. Por outro lado, a utilização das ideias de Rüsen foram problematizadas pela primeira vez no programa de mestrado em história da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), isso torna relevante essa investigação e abre caminho a outras pesquisas, as quais tenham como base teórica Jörn Rüsen. Outro ponto a ser ressaltado é que Rüsen, não estudou especificamente a história local, no entanto, ao nos apropriarmos dos conceitos dele para investigação estamos ressignificando o próprio pensamento do autor. De forma geral, todos estes apontamentos dão suporte a dissertação.

No terceiro capítulo elaborei um estudo daquilo que havia sido escrito da história da cidade a partir do levantamento de fontes (livros, TCC e documentos oficiais da prefeitura). Constatou-se que a produção sobre a história da cidade é restrita ficando evidente a dificuldade que encontramos no levantamento de fontes. Como não encontrei livros de história da cidade, busquei em livros que contam a história de municípios vizinhos (Irati, Imbituva e Teixeira Soares) os quais, aparecem aspectos da história de Fernandes Pinheiro.

Nestes livros identifiquei sentidos históricos construídos da cidade de Fernandes Pinheiro. Exemplo: O livro de Cleusi Terezinha Bobato Stadler “Imbituva: Uma cidade

dos Campos Gerais” apresentou um sentido de povoamento quando formava-se as primeiras vilas, construídas pelo movimento dos tropeiros. O livro “Irati 100 anos” de Audrey, Farah Chico Guil, Silvio Philippi, apresentou um sentido histórico relacionado às questões políticas. A cidade de Fernandes Pinheiro aparece de forma secundária apenas no início de sua formação da instalação da Estação Ferroviária. O livro “Carroções e outras Histórias” de Arnaldo Monteiro Bach trouxe uma história centrada nas vivências e no cotidiano dos carroceiros, no qual aparecem alguns capítulos da cidade de Fernandes Pinheiro. Neste sentido os livros apresentam um contexto histórico da região e não da cidade. As consequências é o isolamento de cidades como se não pertencessem a região. Portanto os municípios vizinhos possuem livros de suas histórias locais, porém o município de Fernandes Pinheiro não possui, assim constituindo um vácuo na história local. Por outro lado estes livros podem ser tomados como exemplos quando escrevermos a história da cidade. Assim eles orientarão temporalmente os futuros trabalhos.

Em seguida realizei uma busca em fontes oficiais do município como as leis municipais, do plano diretor, lei orgânica, além do site da câmara municipal e da prefeitura. Em suma, elas apresentam um sentido de organização político – administrativa pois, tornou-se necessário ao município recém-emancipado. Senti falta ao investigar estas fontes oficiais uma maior ampliação e divulgação a comunidade local. Considerando os sites da câmara e da prefeitura há pouca informação de conteúdos da história da cidade, isso implica uma desorientação. Portanto, é importante a atualização destes sites inserindo novos conteúdos de história local. Por tudo isso, considero este capítulo 3 como fundamental para mais tarde estabelecer o contraponto com as narrativas dos jovens estudantes. A partir do que havia sido escrito da história local, partiu-se para investigação das narrativas dos jovens.

No quarto capítulo realizei uma contextualização do campo de pesquisa utilizando o projeto político pedagógico (PPP) da escola como fonte. Além disso apresentei os sujeitos históricos da pesquisa, ou seja, os estudantes da Escola do Campo de Bituva das Campinas.

Por fim, investiguei as narrativas dos jovens estudantes dividindo-as por categorias de sentido histórico. Alguns trabalhos já realizados no campo da narrativa histórica serviram como base metodológica para pesquisa, exemplo: a tese de Doutorado do professor Geyso Dongley Germinari e a dissertação de mestrado de Geraldo Becker.

E, finalmente conclui minha dissertação investigando as narrativas dos jovens identificando pontos importantes que dão sentido a história local, isso foi alcançado pela elaboração de perguntas aos jovens que escreveram uma história da cidade, baseada nas suas experiências de vida. Este instrumento foi importante para qualidade da pesquisa porque os estudantes responderam espontaneamente sem interferência ou consulta prévia.

Conclui que ao investigar as fontes as quais, os estudantes se baseavam para contar a história local, as fontes familiares aparecem em primeiro lugar contrariando as fontes oficiais. Por isso, podemos apontar a possibilidade de novos trabalhos incentivando os jovens a usarem as fontes familiares exemplo: fotografias da família, e entrevistas com familiares. Por outro lado, apontamos para uma melhor utilização das fontes menos indicadas exemplo: internet e livros.

Observei diversos aspectos que dão sentido a história da cidade de Fernandes Pinheiro. Entre estes fatores estão: A origem do nome da cidade a Estação Ferroviária Fernandes Pinheiro, o cotidiano das famílias, origem da comunidade de Bituva das Campinas, memórias do município mãe (Teixeira Soares) temporalidade e emancipação, política local, pontos turísticos. Cada fator contribui na construção de sentido da história da cidade a partir deles conseguimos relacionar passado, presente e futuro. Identifiquei que alguns fatores aparecem nas narrativas de forma fragmentada com explicações superficiais em uma frase apenas isso pode ser explicado pela pouca produção historiográfica da cidade, não existe um estudo mais aprofundado da história local, assim ocorre informações superficiais passadas pela oralidade, no dia a dia das comunidades.

Como se viu nas narrativas os aspectos de formação, criação, surgimento aparecem como marcadores do início da história da cidade, porém, não se acentua em uma data específica, mas associam esses aspectos ao nome do engenheiro Antonio Augusto Fernandes Pinheiro. Constatou-se que o nome Fernandes Pinheiro em homenagem ao engenheiro está na consciência dos alunos e, é visível, pois desde o início do século XX ha uma memória construída em função da linha do trem. Valendo-se destas informações pode-se apontar a necessidade de preservação do patrimônio histórico da cidade (a Estação Ferroviária). Isso está na memória dos jovens mas se não forem preservados podem cair no esquecimento.

Percebi que na história do cotidiano aparecem lendas, crenças, festas, brigas, etc. as quais pertencem ao patrimônio cultural da localidade e dão sentido histórico a uma gama de acontecimentos do passado e que fazem sentido no presente. O interessante é que

muitos estudantes ao lembrarem desses fatos da cultura local, perceberam as diferenças e as mudanças ocorridas entre passado e presente construindo narrativas mais elaboradas da história local. Todas estas questões mostraram para mim a importância do estudo das mentalidades das culturais locais e também a importância dos estudos de filosofia.

Discuti também a influência de famílias importantes na formação da localidade como elas transformaram as comunidades no passado e isso reflete no presente. Analisando a influência destas famílias percebeu-se que possuíam muitos alqueires de terras e com isso influenciaram as decisões políticas e culturais.

Um dos pontos identificados na pesquisa é uma ideia constante de progresso e de evolução, isso ocorre principalmente após o início da primeira gestão em 1997. De forma geral, o progresso é identificado pelo avanço de serviço público. Estas ideias são evidenciadas quando os alunos constroem as relações de sentido histórico dos últimos 50 anos. Outro ponto importante observado é que apesar das lembranças do município mãe Teixeira Soares poucos estudantes lembraram como aconteceu o período de transição de uma cidade para outra causando uma série de contradições da história local.

Um dos apontamentos que podemos fazer é de que fatores originalmente pertencentes a geografia podem adquirir sentido histórico pois estão vinculados a uma relação passado, presente e futuro e o caso dos conceitos de território, moradia e população. Estes fatores dão sentido a emancipação política.

Nos últimos capítulos tentei identificar as principais questões que se fundamentaram na história mais recente da cidade principalmente às relacionadas a política local e a formação de pontos turísticos. Aparecem a sequência dos prefeitos, bem como, suas realizações assim essa história do passado recente continua sendo escrita.

Assim podemos definir como principais resultados da pesquisa:

Uma das constatações é de que, a história da cidade de Fernandes Pinheiro, Paraná acentua-se na busca de fontes ligadas a família, ou seja, o diálogo com os pais e os avós, contrariamente ao desenvolvimento tecnológico. Além disso, pode-se afirmar que o convívio no dia a dia adquire maior importância na formação do sentido histórico da cidade e, a aula do professor tem papel secundário.

As principais hipóteses a serem consideradas:

- O acesso às tecnologias na cidade de Fernandes Pinheiro são recentes tendo como marco de instalação de internet via rádio o ano de 2014.
- A alta rotatividade dos professores de história na escola do campo, o que leva uma dificuldade de trabalho com a história local.
- A falta de material didático para se trabalhar com história da cidade. Por isso apontamos a necessidade de produção de materiais didáticos principalmente utilizando fontes familiares exemplo: Fontes orais, fotografias, álbuns de família, diários, etc. Por outro lado, nota-se a importância e o dever da escola de inserir conteúdos de história local, principalmente por se tratar de uma escola do campo.
- Identifiquei nas narrativas uma certa invisibilidade do homem do campo na história local, pois temáticas de importância como meio ambiente e agricultura não aparecem.

Uma das contribuições a partir deste trabalho é a comparação com outras pesquisas no mesmo campo do sentido histórico das cidades, perceber as diferenças e as aproximações que se estabelecem. Servirá como base para pensar o sentido histórico de comunidades ligadas as áreas rurais, inclusive pensar o ensino nas escolas do campo. Ao investigar o sentido histórico dos jovens do lugar fornece subsídios para o desenvolvimento de atividades voltadas a formação da consciência histórica dos jovens.

Durante as investigações surgiram novas inquietações que podemos ressaltar para futuras pesquisas.

- Pesquisas com narrativas dos jovens e suas relações com a escola do campo.
- Trabalhos com histórias de famílias e como elas influenciaram o sentido histórico de uma região.
- Estudos dos currículos da escola do campo contrastando com narrativas de jovens do campo.
- Trabalhos com a consciência histórica política dos jovens fornecendo-lhes uma nova visão da política.
- Investigação sobre cultura local e sentido histórico apropriando-se de costumes, festas, lendas, etc.
- Trabalho com os conhecimentos prévios dos jovens, investigando as evidências históricas na produção de sentido das localidades rurais.

- Investigações com maior profundidade do material já produzido sobre história da região e qual o sentido histórico destes materiais.

Como se vê, essa pesquisa pode abrir caminho a novas experiências, finalmente é isso que espero contribuir uma base que possibilite os jovens compreenderem o sentido histórico da localidade. Assim perceber que a compreensão da comunidade passa pelo desenvolvimento da consciência histórica.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **Preconceito Contra a Origem Geográfica e de Lugares Fronteiras da Discórdia**. São Paulo: Cortez, 2008.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**. Dourados-MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.
- BARROS, J. D' A. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BARROS, J. D' A. **A Expansão da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BECKER, Geraldo. **Consciência Histórica e Atribuição de Sentidos: Perspectivas de jovens estudantes do ensino médio em relação a história da cidade de Curitiba**. (DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO – UFPR) – Curitiba, 2017. 108 f.
- BOSCHI, C. C. “**Espaço de Sociabilidade na America Portuguesa e Historiografia Brasileira Contemporânea**”. Vol 22, pp. 291 – 313. 2006.
- BOSCHI, C. C. **Por Que Estudar História?**. São Paulo: Ática. 2007
- BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. A Identidade e a Representação Elementos para uma Reflexão Crítica Sobre a Ideia de Região. IN: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (Português de Portugal) – 14º Ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 322, p.
- CERTEAU. M. de. **A Invenção do Cotidiano 1: as artes de fazer**. Petrópolis. Vozes, 1994.
- CERTEAU, M. de. **A Escrita da História**. Tradução de: Maria de Lourdes Menezes. Revisão. Arno Vogel. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2007.
- CHARTIER, R. **A História Cultural Entre Práticas e Representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1990.
- FONSECA, S. G. Abordagens Historiográficas Recorrentes no Ensino Fundamental. In: GUIMARÃES, S. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. 13 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- FONTANA, J. Em Busca de Novos Caminhos. In: FONTANA, J. **A História dos Homens**. Tradução Heloisa Jochims Reichel, Marcelo Fernando da Costa: Revisão Técnica Daniel Aarão Reis Filho - Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 471-490.
- GOMES, A. M. de C. A Reflexão Teórico-Metodológica dos Historiadores Brasileiros: contribuições para pensar a nossa história. In: GUAZZELLI, C. A. B. et ali. (Org.). **Questões da Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000. p. 19-26.
- GERMINARI, Geyso Dongley. **A História da Cidade Consciência Histórica e Identidades de Jovens Escolarizados**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

LE GOFF, Jacques, 1924 – **História e Memória**. 4. ed, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

LEVY, P. **As Tecnologias da Inteligência na Era da Informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LUCA, T. R. de. História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: contexto, 2008. p. 111-142.

LAPLANTINE, F. Uma Ruptura Metodológica: a prioridade dada à experiência pessoal do “campo”. In: LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 147-152.

OLIVEN, R. **A Parte e o Todo**: a diversidade cultural no Brasil – nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. 4 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PETER, G. **O Estilo na História**: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RÜSEN, Jorn. **Razão Histórica**: teoria da história: fundamentais da ciência histórica. Tradução de Estevão da Rezende Martins – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1º reimpressão, 2010^a. 194, p.

RÜSEN, Jorn. **História Viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico tradução de Estevão de Rezende Martins – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1º reimpressão, 2010b. 160, p.

RÜSEN, Jorn. **História Viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico tradução de Estevão de Rezende Martins – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007b.

RÜSEN, Jorn. **Reconstrução do Passado**. Tradução de Asta-Rose Alcaide – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1º reimpressão, 2010c. 188, p.

RÜSEN, Jorn. **Reconstrução do Passado**. Tradução de Asta-Rose Alcaide – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007c.

RÜSEN, J. Narratividade e Objetividade nas Ciências Históricas. **Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação da UnB**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 75-102, 1º reimpressão 1996.

RÜSEN, J. **Razão Histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001a

RÜSEN, Jorn. Perda de sentido e construção de sentido no pensamento histórico na virada do milênio. Passo Fundo, Revista **História: debates e tendências**. v. 2, n. 1, p. 9-22, dez. 2001b.

RÜSEN, J. Narrativa Histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. de R. (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 93-108.

RÜSEN, J. O Desenvolvimento da Competência Narrativa na Aprendizagem Histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. de R. (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 51-77.

SILVA, V.A.C. Regionalismo: o enfoque metodológico e a concepção histórica. In: SILVA, M.A. da. **Republica em Migalhas**: história regional e local. São Paulo é Marco Zero, 1990.

SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; GARCIA, T. B. Introdução: significados do pensamento de Jörn Rüsen para investigações na área de educação histórica. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. de R. (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

WHITE, H. Teoria literária e escrita da história. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos. v. 7, n. 13, p. 21-48, 1991.

WHITE, H. O Texto Histórico Como Artefato Literário. In: WHITE, H. **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura: São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 97-116.

WHITE, H. **Meta-História**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FONTES

ANDRADE, E. C. **Emancipação**: “Abraça essa idéia”. A construção do espaço regional de Fernandes Pinheiro – PR (1995-1996). Irati, CEDOC, UNICENTRO, 2011.

BACH, A. M. **Carroções e Outras Histórias**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2005.

CÂMARA MUNICIPAL DE FERNANDES PINHEIRO. História do município de Fernandes Pinheiro e do Legislativo. IN: <http://www.camaramunicipaldefernandespinheiro.gov.br/> acesso em 30 set, 2017.

Entrevista com João Vilmar Antunes Guimarães. Concedida a Elias Chagas Andrade, em 30 de junho de 2011.

Escola Estadual Bituva das Campinas. Projeto Político Pedagógico (PPP). Fernandes Pinheiro, 2011.

FARAH, A. L. S. **Irati 100 Anos**. Curitiba: Editora Arte, 2008.

FERNANDES PINHEIRO. Lei Orgânica Municipal de Fernandes Pinheiro, promulgada em 14 de julho de 1997 Editora, Nova Hera, 1997.

FERNANDES PINHEIRO. Lei n. 319/2007, de 26 de junho de 2007. Plano Diretor de Uso e ocupação do Solo municipal de Fernandes Pinheiro. Prefeitura municipal, 2007.

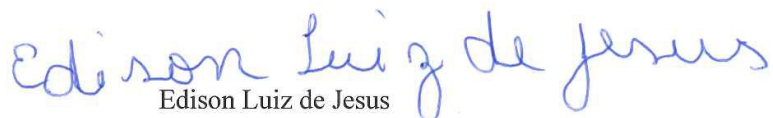
PEDROSO, A. P. **Haraldica e Vexilologia**. Município de Fernandes Pinheiro Estado do Paraná. Administração, 1997-2000, Emigdio Serpe prefeito municipal, 2000.

STADLER, C. T. B. **Imbituva**: uma cidade dos campos Gerais Imbituva: Editora UEPG, 2003.

Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.

Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.

Irati(PR), 10 de setembro de 2018.


Edison Luiz de Jesus